



ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

## **Jair Bolsonaro e a busca pelo conflito permanente**

Análise Crítica do Discurso das publicações no Twitter de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial brasileira de 2018

Livino Virgínio Pinheiro Neto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Pedro Miguel Pereira Neto

Investigador Associado no CIES-IUL e professor auxiliar convidado no departamento de Sociologia da Escola de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE - IUL

Outubro, 2019

*Com amor,  
para minha mãe, Cristina de Souza Chaves  
e meu pai, Livino Virgínio Pinheiro Jr.*

*“As palavras*

*Os discursos*

*[...]*

*o que está velado sob o verbo e o poder e a língua escondem...”*

(Dead Fish, 2001, Afasia, Álbum Afasia)

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é dedicada, com muito amor, para minha mãe e meu pai (*in memoriam*). Além deles, agradeço a:

Minha companheira de vida e de aventuras, Joana Vidal Maia; é com esta flor que aprendo sempre a ser um pouquinho melhor e sem ela seria muito mais difícil chegar ao fim desta etapa da vida académica.

Minha família, em especial às minhas irmãs Silvia Romero Pinheiro e Raquel Romero Pinheiro, por todo apoio e estímulo para a realização do mestrado.

Aos docentes do Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação, por todo conhecimento compartilhado durante a sua realização. Em especial, ao meu orientador Pedro Pereira Neto; se há qualidades neste trabalho, sem dúvida, passam por sua inestimável contribuição.

A José Moreno e Décio Telo, do Laboratório de Comunicação do ISCTE – IUL, pelo prestativo suporte na utilização da ferramenta *Crimson*, sem o qual não seria possível a realização desta pesquisa.

Ao conjunto dos trabalhadores do ISCTE-IUL, os quais muitas vezes não vemos, mas que são indispensáveis para o bom funcionamento desta Universidade. Se concluo este trabalho, com certeza, em diversas etapas, houve a contribuição de alguns deles.

Aos amigos, do Brasil e Portugal, os quais não citarei nomeadamente para não cometer qualquer injustiça. Todos são importantes e igualmente queridos, sintam-se todos abraçados.

## **RESUMO**

Esta dissertação objetiva, a partir da Análise Crítica do Discurso – tendo em vistas os pressupostos desenvolvidos por Pêcheux, Bakhtin e Verón –, interpretar a performance discursiva nas publicações realizadas na conta oficial do *Twitter* de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial brasileira de 2018. Assim, são analisadas 796 publicações, buscando compreender qual é a estratégia discursiva deste sujeito político nesta rede social *online* e de que forma esta expressa o programa político de um determinado campo ideológico da sociedade brasileira. Para nos auxiliar nesta busca, estabelecemos três hipóteses que serão validadas ou negadas neste trabalho: a) a campanha de Jair Bolsonaro representou um campo programático e ideológico de extrema-direita, participando deste processo eleitoral centrado sua atuação em temas morais e defendendo uma agenda econômica ultraliberal; b) como tática de sua estratégia discursiva, a campanha de Jair Bolsonaro atuou reforçando a ideia de uma suposta “guerra cultural” contra a esquerda e o comunismo, ampliando a fragmentação da opinião pública, no sentido de deterioração de uma possível esfera pública; c) a estratégia discursiva da candidatura de Jair Bolsonaro não visa constituir um consenso na sociedade civil a partir do debate e do programa político, mas sim através da imposição da ideia de uma suposta maioria social em detrimento de minorias.

## **PALAVRAS CHAVES**

Análise Crítica do Discurso, Discurso Político, Ideologia, Populismo, Bolsonaro, *Twitter*, Hegemonia, Esfera Pública

## **ABSTRACT**

This dissertation aims, from the Critical Discourse Analysis - in view of the assumptions developed by Pêcheux, Bakhtin and Verón - to interpret the discursive performance of Jair Bolsonaro's official Twitter profile for the Brazil's presidential elections of 2018. 796 publications are analyzed, seeking to understand the discursive strategy of this political subject in this online social network and how it expresses the political program of a certain ideological field of Brazilian society. We have three hypotheses that will be validated or denied in this paper: a) Jair Bolsonaro's campaign represented an extreme right-wing programmatic and ideological field, participating in this electoral process focusing on moral issues and defending an economic agenda ultraliberal; b) as a tactic of his discursive strategy, Jair Bolsonaro's campaign acted by reinforcing the idea of a supposed "cultural war" against the left-wing and communism, widening the fragmentation of public opinion, in the sense of the deterioration of a possible public sphere; c) The discursive strategy of Jair Bolsonaro is not intended to build consensus in civil society from the debate and political program, but rather through the imposition of the idea of a supposed social majority over minorities.

## **KEYWORDS**

Critical Discourse Analysis, Political Discourse, Ideology, Populism, Bolsonaro, Twitter, Hegemony, Public Sphere

## **ÍNDICE**

### **INTRODUÇÃO | 01**

### **CAPÍTULO 1: DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO | 04**

#### **1.1. PERGUNTA DE PARTIDA E HIPÓTESES | 04**

#### **1.2. METODOLOGIA DE ANÁLISE APLICADA | 04**

#### **1.3. DEFINIÇÃO DO MÉTODO DE ANÁLISE | 05**

##### **1.3.1. VANTAGENS DO MÉTODO DE ANÁLISE | 08**

##### **1.3.2. LIMITAÇÕES E RISCOS METODOLÓGICOS - POSSÍVEIS ALTERNATIVAS | 09**

#### **1.4. OBJETO EMPÍRICO ANALISADO | 11**

#### **1.5. DETALHAMENTO DO MÉTODO DE ANÁLISE | 13**

##### **1.5.1. DETALHAMENTO DO MÉTODO DE ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES | 14**

### **CAPÍTULO 2: CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA E DISPUTA IDEOLÓGICA | 18**

#### **2.1. O CICLO DE GOVERNOS PETISTAS (2002-2016) | 18**

##### **2.1.2. CRISE ECONÓMICA | 21**

##### **2.1.3. A CRISE POLÍTICA | 23**

#### **2.2. O GIGANTE ACORDOU? O CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 E MARÇO DE 2016 | 26**

#### **2.3. A ALTERNATIVA TEMER E A SUA PONTE PARA AO FUTURO (2016 – 2018) | 28**

### **CAPÍTULO 3: A EXTREMA-DIREITA E JAIR BOLSONARO | 31**

#### **3.1. DE QUE DIREITA ESTAMOS FALANDO? | 31**

##### **3.1.1. EXTREMA-DIREITA; ENTRE O NEOPOPULISMO E UM FASCISMO DE NOVO TIPO | 32**

#### **3.2. QUEM É JAIR MESSIAS BOLSONARO? | 38**

##### **3.2.1. A AUTO-REPRESENTAÇÃO DE JAIR BOLSONARO | 39**

#### **3.3. PROGRAMA POLÍTICO | 43**

##### **3.3.1. VALORES E COMPROMISSOS | 44**

##### **3.3.2. NOVA FORMA DE GOVERNAR! MAIS BRASIL, MENOS BRASÍLIA | 45**

##### **3.3.3. SEGURANÇA E COMBATE À CORRUPÇÃO | 47**

##### **3.3.4. SAÚDE E EDUCAÇÃO | 49**

##### **3.3.5. ECONOMIA E INFRAESTRUTURA | 51**

##### **3.3.6. AGRICULTURA E RELAÇÕES EXTERIORES | 54**

## **CAPÍTULO 4: ANÁLISE DO TWITTER DE JAIR BOLSONARO | 55**

### **4.1. AS ESCOLHAS TEMÁTICAS NAS PUBLICAÇÕES DE TWITTER | 55**

#### **4.2. ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO “TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS À GESTÃO DO ESTADO” | 56**

#### **4.3. ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” | 59**

#### **4.4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS PUBLICAÇÕES CONTIDAS EM CADA MICROTIPO TEMÁTICO | 62**

##### **4.4.1. TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO | 62**

###### **4.4.1.1. POLÍTICA EXTERNA | 62**

###### **4.4.1.2. DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO | 63**

###### **4.4.1.3. SEGURANÇA | 65**

###### **4.4.1.4. GOVERNABILIDADE E COMBATE À CORRUPÇÃO | 66**

###### **4.4.1.5. EDUCAÇÃO | 68**

###### **4.4.1.6. TEMAS MÚLTIPLOS | 70**

##### **4.4.2. TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS | 72**

###### **4.4.2.1. CORRUPÇÃO | 72**

###### **4.4.2.2. ESQUERDA E GUERRA CULTURAL | 73**

###### **4.4.2.3. NOVA POLÍTICA E ANTIESTABLISHMENT | 75**

###### **4.4.2.4. ATENTADO | 76**

###### **4.4.2.5. FAKENEWS E CRÍTICA AOS MEDIAS | 78**

##### **4.5. OBSERVAÇÃO DO DISCURSO SOB UMA DETERMINADA LUZ CONCEITUAL | 79**

###### **4.5.1. DISPUTA DE HEGEMONIA E GUERRA CULTURAL EM TEMPO DE *INTERREGNO* | 81**

###### **4.5.2. O VELHO NÃO É O NOVO, MAS PODE ATÉ PARECER UMA GRANDE NOVIDADE | 85**

###### **4.5.3. O DISCURSO POLÍTICO DE JAIR BOLSONARO E SUA RELAÇÃO COM A ESFERA PÚBLICA | 88**

###### **4.5.4. COMPLEMENTANDO A VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES | 95**

## **CONCLUSÃO | 97**

## **BIBLIOGRAFIA | 101**

## **FONTES | 107**



## **ÍNDICE DE QUADROS**

**QUADRO 4.1:** IDENTIFICAÇÃO EM TIPOS TEMÁTICOS DAS PUBLICAÇÕES REALIZADAS NA PRIMEIRA VOLTA | **I**

**QUADRO 4.2:** PERCENTUAL PROPORCIONAL DE PUBLICAÇÕES ENTRE TIPOS TEMÁTICOS PRIORITÁRIOS NA PRIMEIRA VOLTA | **I**

**QUADRO 4.3:** IDENTIFICAÇÃO EM TIPOS TEMÁTICOS DAS PUBLICAÇÕES REALIZADAS NA SEGUNDA VOLTA | **I**

**QUADRO 4.4:** PERCENTUAL PROPORCIONAL DE PUBLICAÇÕES ENTRE TIPOS TEMÁTICOS PRIORITÁRIOS NA SEGUNDA VOLTA | **II**

**QUADRO 4.5:** MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO” – PRIMEIRA VOLTA | **II**

**QUADRO 4.6:** MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO” – SEGUNDA VOLTA | **III**

**QUADRO 4.7:** MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” – PRIMEIRA VOLTA | **III**

**QUADRO 4.8:** MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” – SEGUNDA VOLTA | **IV**

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

**FIGURA 1.1:** MAPA METODOLÓGICO | **17**

**FIGURA 4.1:** EVOLUÇÃO DAS PUBLICAÇÕES NO TWITTER ENTRE A PRIMEIRA E SEGUNDA VOLTA DAS ELEIÇÕES | **V**

**FIGURA 4.2:** VARIAÇÃO DO PERCENTUAL PROPORCIONAL DE PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO "TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS À GESTÃO DO ESTADO" E "TEMAS MORAIS E CONFLITUAIS", ENTRE A PRIMEIRA E A SEGUNDA VOLTA | **V**

**FIGURA 4.3:** PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS DURANTE A PRIMEIRA VOLTA | **VI**

**FIGURA 4.4:** PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS DURANTE A SEGUNDA VOLTA | **VII**

**FIGURA 4.5:** MOBILIDADE DO PERCENTUAL PROPORCIONAL DAS PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO "TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO", ENTRE PRIMEIRA E SEGUNDA VOLTA | **VII**

**FIGURA 4.6:** PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS EM "TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS" NA PRIMEIRA VOLTA | **VIII**

**FIGURA 4.7:** PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS EM "TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS" NA SEGUNDA VOLTA | **VIII**

**FIGURA 4.8:** MOBILIDADE DO PERCENTUAL PROPORCIONAL DOS PRINCIPAIS MICROTIPOS CONTIDOS EM "TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS" | **IX**

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

ACD = Análise Crítica do Discurso

AMAN = Academia Militar das Agulhas Negras

ANAC = Agência Nacional de Aviação Civil

ANTAQ = Agência Nacional dos Transportes Aquaviários

BNDES = Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social

CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas

CNJ = Conselho Nacional de Justiça

CNMP = Conselho Nacional do Ministério Público

CNT = Confederação Nacional dos Transportes

CO<sub>2</sub> = Dióxido de Carbono

CPMF = Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira

CUT = Central Única dos Trabalhadores

CV = Comando Vermelho

EUA = Estados Unidos da América

FARC = Forças Armadas Revolucionárias Colombianas

FIESP = Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

HGPE = Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP = Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LGBT = Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros

MaT = Macrotipo Temático

MiT = Microtipo Temático

MPL = Movimento Passe Livre

MST = Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST = Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

NME = Nova Matriz Econômica

NOVO = Partido Novo

OCDE = Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

ONU = Organização das Nações Unidas

PCC = Primeiro Comando da Capital

PCdoB = Partido Comunista do Brasil

PDT = Partido Democrático Trabalhista

PEC = Projeto de Emenda Constitucional

PIB = Produto Interno Bruto

PISA = Programa Internacional de Avaliação de Alunos ( Programme for International Student Assessment)

PMDB / MDB = Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSC = Partido Social Cristão

PSDB = Partido Social Democrata Brasileiro

PSL = Partido Social Liberal

PSOL = Partido Socialismo e Liberdade

PSTU = Partido Socialista do Trabalhadores Unificado

PT = Partido dos Trabalhadores

REDE = Rede Sustentabilidade

REVALIDA = Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituições de Educação Superior Estrangeira

RGPS = Regime Geral da Previdência Social

TIC = Tecnologia da Informação e Comunicação

## INTRODUÇÃO

As eleições brasileiras de 2018 foram assistidas e comentadas em diversas partes do mundo, não à toa: trata-se de um país de dimensões continentais, com uma população superior aos 200 milhões de habitantes<sup>1</sup>, sendo a maior economia da América Latina e a 9ª do mundo, registrando um Produto Interno Bruto na ordem de US\$ 1798,62 bilhões<sup>2</sup>, em 2016. O país vinha atravessando uma crise econômica, com ciclos recessivos que duraram de 2014 a 2016<sup>3</sup>, e uma taxa de desemprego de 12,7% em maio de 2018<sup>4</sup>; como se não bastasse, ocorreram dois ciclos de manifestações massivas de rua, em 2013 e 2016, sendo que o último culminou no impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff (PT), em agosto de 2016; o presidente que a sucedeu, Michel Temer (PMDB), atingiu em junho de 2018, segundo o instituto de pesquisa Datafolha, o recorde de impopularidade de 82% de rejeição<sup>5</sup>.

Neste complexo contexto o Brasil elegeu Jair Messias Bolsonaro, recém filiado ao considerado nanico Partido Social Liberal (PSL)<sup>6</sup>, com pouco tempo de Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) e poucos recursos financeiros para sua campanha, como seu 38º presidente. Jair Bolsonaro, militar da reserva, foi deputado federal de 1991 a 2018, passando por diversos partidos, tendo em seu histórico de falas controversas a defesa do golpe civil-militar de 1964, críticas aos direitos humanos, ataques à comunidade LGBT e forte antagonismo com a esquerda e o comunismo, sendo considerado por muitos como um político de extrema-direita. O resultado eleitoral trouxe diversas afirmações, muitas vezes precipitadas, acerca do significado deste pleito, no entanto, para nós, a questão central é: qual foi a estratégia discursiva adotada por Jair Bolsonaro? E mais, o que ela representa do ponto de vista ideológico programático? Assim, o que buscamos perceber é o que o discurso de Jair Bolsonaro representa do ponto de vista ideológico, como ele se posiciona a partir de um contexto socio-histórico e, principalmente, como, a partir do seu discurso, Bolsonaro se constitui enquanto um sujeito político.

Objetivando compreender qual era a estratégia discursiva de Jair Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018, se, e de que forma ela expressava um programa político de um determinado campo ideológico da sociedade brasileira, optamos por observar os discursos expressos nos *posts* publicados em sua conta oficial do Twitter, rede social *online*. Com o suporte da ferramenta *Crimson*, coletamos 796 publicações realizadas no Twitter do candidato, durante o período oficial da campanha eleitoral, entre o dia 16/08/2018 e

---

<sup>1</sup> (IBGE, 2019)

<sup>2</sup> (IPRI, 2019)

<sup>3</sup> (Castro, 2018)

<sup>4</sup> (ADVFN, 2019)

<sup>5</sup>(Datafolha, 2018)

<sup>6</sup> A referência do PSL como partido nanico se deve ao fato deste ter eleito apenas um deputado federal nas eleições de 2014.

27/10/2018, com 436 publicações na primeira volta (de 16/08/2018 a 06/10/2018) e 360 na segunda (de 08/10/2018 a 27/10/2018), sendo elas posteriormente sistematizadas em planilhas do *Excel*.

Com base em leituras e trabalhos desenvolvidos ao longo deste mestrado, bem como do acompanhamento do que era noticiado pelos meios brasileiros e internacionais e pela nossa própria vivência, tecemos três hipóteses relacionadas à nossa questão de origem: a) a campanha de Jair Bolsonaro representou um campo programático e ideológico de extrema-direita, participando deste processo eleitoral centrando sua atuação em temas morais e defendendo uma agenda econômica ultraliberal; b) como tática de sua estratégia discursiva, a campanha de Jair Bolsonaro atuou reforçando a ideia de uma suposta “guerra cultural” contra a esquerda e o comunismo, ampliando a fragmentação da opinião pública, no sentido de deterioração de uma possível esfera pública; c) a estratégia discursiva da candidatura de Jair Bolsonaro não visa constituir um consenso na sociedade civil a partir do debate e do programa político, mas sim através da imposição da ideia de uma suposta maioria social em detrimento de minorias.

Nota-se que dificilmente conseguiríamos nos aproximar de uma possível resposta para esta questão, ou sequer validar e/ou negar as hipóteses traçadas, a partir de um método estritamente quantitativo e que não tivesse no centro a observação da relação dialética entre sujeito e sociedade, tendo em vista a sua construção ideológica, histórica-social, contextual e sua performance discursiva. Assim optamos pela abordagem metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD), traçando um diálogo entre pressupostos indicados por Pêcheux, Bakhtin e Verón e buscando a compreensão do discurso em seus vários aspectos, estando eles explícitos ou não no conteúdo linguístico expresso nas publicações do *Twitter* de Jair Bolsonaro.

Tendo em vista o objeto sobre o qual nos debruçamos e o método de pesquisa utilizado, para além de uma questão estética, optamos estruturar esta dissertação de forma menos habitual, iniciando pela apresentação do modelo de análise, explicando como os conceitos adotados se relacionam a fim de gerar uma mecânica explicativa que nos auxiliasse na resolução da questão de partida. Esta opção se deve especialmente ao entendimento de que esta dissertação se constitui em um todo metodológico, onde cada capítulo posterior se refere a um elemento constitutivo do discurso, observado para além de sua formalidade linguística, e subsidiado por um referencial teórico próprio.

Assim dividimos este trabalho em quatro capítulos: Capítulo 1 – Desenvolvimento metodológico; Capítulo 2 – Conjuntura sociopolítica e disputa ideológica; Capítulo 3 – A extrema-direita e Jair Bolsonaro; Capítulo 4 – O discurso político de Jair Bolsonaro a partir das publicações no *Twitter*

O primeiro capítulo da dissertação, como já explicitamos, é dedicado à apresentação da metodologia adotada, especificando a relação entre os conceitos utilizados e a prática constituída para solucionar as questões às quais este trabalho se refere, perpassando o referencial teórico relativo à ACD, os aspectos constitutivos do objeto empírico analisado e o detalhamento do método de análise aplicado.

O nosso segundo capítulo é dedicado à análise da conjuntura sociopolítica e da disputa ideológica que precedeu as eleições de 2018, tendo em vista, especificamente, o ciclo de governos Petistas (2002 – 2016) e o governo Temer (2016-2018), bem como o ciclo de manifestações que ocorreram no Brasil entre 2013 e 2016, considerando para tanto a contextualização histórica, social, política e a constituição ideológica estabelecida a partir dos aspectos que marcaram o período indicado.

Já o terceiro capítulo se inicia pela apresentação dos conceitos de direita e esquerda, e extremismo e moderantismo, evoluindo para a compreensão do significado de extrema-direita, bem como apresentando os conceitos de populismo, neopopulismo e fascismo de novo tipo. Avança-se, na sequência, para a caracterização do sujeito político Jair Bolsonaro, tendo em vista a sua trajetória política e a representação que lhe é atribuída a partir dos media e por sua própria auto-representação, e a análise, tendo em vista também aspectos discursivos, do seu plano de governo.

O quarto capítulo é dedicado à aferição do discurso expresso nas publicações realizadas no *Twitter* oficial de Jair Bolsonaro durante o processo eleitoral, perpassando por duas etapas de base: a primeira dedicada à análise das publicações a partir de uma categorização por proximidade temática, e a segunda, à ACD contido em 22 publicações selecionadas através de critérios de aleatoriedade. A partir destas explorações, que apreciam o discurso tanto em sua formalidade quanto através de elementos implícitos à forma linguística, é que desenvolvemos apontamentos explícitos dos aspectos constitutivos das estratégias discursivas do então candidato. Na sequência, realizamos a validação ou negação das hipóteses traçadas previamente, tendo em vista os conceitos de disputa de hegemonia, *interregno*, guerra cultural e de esfera pública, relacionando-os de forma direta com a performance discursiva de Jair Bolsonaro em sua conta oficial de *Twitter*.

## **CAPÍTULO 1: DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO**

### **1.1. PERGUNTA DE PARTIDA E HIPÓTESES**

Esta dissertação parte da indagação de quais são aspectos que marcam as estratégias discursivas adotadas nas publicações do Twitter de Jair Bolsonaro (PSL), durante as eleições presidenciais brasileiras de 2018, e se (e de que forma) o discurso político do então candidato, nesta rede social *online*, é capaz de nos revelar um projeto de poder relacionado a um determinado campo político e ideológico no Brasil.

Para nos auxiliar nesta complexa questão tecemos três hipóteses: a) a campanha de Jair Bolsonaro representou um campo programático e ideológico de extrema-direita, participando deste processo eleitoral centrando sua atuação em temas morais e defendendo uma agenda económica ultraliberal; b) como tática de sua estratégia discursiva, a campanha de Jair Bolsonaro atuou reforçando a ideia de uma suposta “guerra cultural” contra a esquerda e o comunismo, ampliando a fragmentação da opinião pública, no sentido de deterioração de uma possível esfera pública; c) a estratégia discursiva da candidatura de Jair Bolsonaro não visa constituir um consenso na sociedade civil a partir do debate e do programa político, mas sim através da imposição da ideia de uma suposta maioria social em detrimento de minorias.

Assim, esperamos que, através do método da ACD, mesmo que não consigamos ter uma resposta definitiva sobre a estratégia discursiva adotada pela campanha de Jair Bolsonaro, em sua conta de Twitter, possamos tecer pistas mais elucidativas neste sentido, ou ao menos confirmar ou negar a validade das hipóteses traçadas.

### **1.2. METODOLOGIA DE ANÁLISE APLICADA**

Esta dissertação debruça-se sobre a compreensão das estratégias discursivas adotadas pela candidatura de Jair Bolsonaro (PSL) durante as eleições presidenciais de 2018, que se iniciaram em 16 de agosto de 2018, estendendo-se até 28 de outubro de 2018, para a realização da segunda volta. Compreendemos aqui a candidatura – vencedora do pleito – como representante de um campo ideológico mais amplo, provocando-nos o questionamento de qual a estratégia discursiva adotada e se, a partir do discurso do então candidato, é possível identificar qual é este campo político e quais os aspectos de um projeto de poder que este defende para o Brasil. Para tanto observaremos as publicações realizadas pelo perfil do Twitter @jairbolsonaro (perfil oficial do candidato) durante a primeira e segunda voltas das eleições presidenciais brasileiras, recolhidas através da ferramenta *Crimson* e posteriormente sistematizadas em planilhas do *Excel*.

O objeto em questão nos traz inúmeros desafios metodológicos que dificilmente podem ser sanados em sua totalidade. Se temos o nosso olhar voltado para a percepção de uma estratégia discursiva adotada, é preciso, em alguma medida, ter uma dimensão ampliada dos aspectos gerais deste discurso; tratando-se de uma campanha eleitoral de 45 dias, torna-se tentador observar o objeto em uma perspectiva quantitativa, restringindo a análise à quantidade de menções realizadas sobre determinados temas durante o período



indicado, ou ainda quantas são as referências a grupos específicos, entre outras possibilidades de análise. É evidente que qualquer uma destas opções, possivelmente, resultaria em estudos interessantes e relevantes; no entanto, em um oceano de possibilidades de análise, no máximo conseguiríamos ter a localização cartesiana do iceberg e, quem sabe, enxergar a sua ponta, sem, no entanto, perceber como e porque ele se formou naquele local.

Nota-se que a nossa busca se dá na perspectiva de construção de uma metodologia analítica que preza por aspectos qualitativos e dedutivos, uma vez que parte da percepção mais ampla dos fenômenos sociais até a sua relação com um discurso específico, e visa interpretar o discurso e o seu sujeito a partir de sua história e de sua construção social. No entanto, ainda que aparente uma certa contradição, também pretendemos alcançar uma percepção ampliada do discurso, saindo de um lugar unitário, para um todo capaz de revelar uma estratégia discursiva, representativa da totalidade do sujeito discursivo.

Para nós esta totalidade só é possível a partir da relação dialética entre sujeito e sociedade, que dificilmente pode ser alcançada em uma perspectiva cartesiana de análise de dados, ainda que, em contrapartida, tampouco possa ser percebida na análise, ainda que profunda, de apenas um fragmento do objeto.

Ou seja, se é verdadeira a compreensão de que um estudo focado apenas na análise quantitativa do nosso objeto seria insuficiente para se aprofundar em uma dimensão estratégica do discurso, o mesmo também pode ser indicado para uma análise mais profunda de uma única peça publicitária desta campanha eleitoral; este tipo de estudo nos diria muito sobre o que está ali expresso (e implícito também), mas dificilmente nos permitiria ter uma visão mais ampla sobre a totalidade do discurso utilizado por Jair Bolsonaro ao longo da campanha. Para tanto achamos necessário ampliar nosso escopo de análise, estabelecendo conexão entre discursos utilizados ao longo da campanha – não em um único momento ou em uma única peça publicitária.

### **1.3. DEFINIÇÃO DO MÉTODO DE ANÁLISE**

Como no centro desta dissertação está a análise do discurso implementado por Jair Bolsonaro durante as eleições presidenciais brasileiras – compreendendo aqui o discurso como parte de um todo mais amplo que se conecta de forma estratégica a revelar uma intencionalidade programática –, optamos por constituir um método de pesquisa que mescla os apontamentos indicados por três autores, que partem da ACD para compreensão do objeto em estudo.

Sendo assim, para a realização desta análise será traçado um diálogo entre pressupostos indicados por Pêcheux, Bakhtin e Verón. Mesmo reconhecendo diferenças conceituais entre os autores, acredita-se que este paralelo deve permitir a compreensão do discurso em seus vários aspectos, estando eles explícitos ou não no conteúdo linguístico expresso.

Para Pêcheux o discurso deve ser analisado para além dos aspectos meramente linguísticos, levando em conta aquilo que está externo da língua em si, como os elementos históricos, sociais e ideológicos, tendo em vista os conceitos básicos de condições de produção, formação ideológica e formação discursiva. Na definição de Brandão (2012), “condições de produção” se define, em um sentido restrito, pelo conjunto dos elementos que cercam o discurso, ou o “eu-aqui-agora” e, em um sentido mais amplo, o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores. Por “formação ideológica”, entende-se as atitudes e representações que dizem respeito às posições de classe social de onde se fala e as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e se expressam quando interagem entre si; no interior da formação ideológica é que se encontram formações discursivas em interação, podendo ser definidas, nas palavras de Pêcheux, como:

Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classe, determina o que pode e deve ser dito [...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições e etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] as formações discursivas representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (Pêcheux, 1988: 160-1, *apud* Brandão 2012: 23).

Já a Análise Dialógica do Discurso, desenvolvida por Bakhtin é compreendida como a análise a partir da relação indissolúvel entre língua, linguagem, história e sujeitos, como resume Brait (2012), que reconhece seis aspectos marcantes neste modelo de análise: o reconhecimento de que um texto pode ser marcado por uma multiplicidade de discursos, modificáveis pela força da esfera de circulação; ser objeto de uma disciplina interdisciplinar alcunhada como metalinguística; o pressuposto teórico-metodológico que as relações dialógicas se estabelecem a partir do ponto de vista assumido por um sujeito; que as relações dialógicas não são dadas, mas sempre estabelecidas a partir de um ponto de vista; o papel das linguagens e do sujeito na construção dos sentidos; a concepção de texto como assinatura de sujeito, social ou coletivo, que mobiliza discursos históricos, sociais e culturais para constituir-lo e constituir-se.

Em Fiorin (2012), compreende-se que dialogismo significa a constituição de um discurso em oposição a outro, sendo heterogêneo, mostrando em si o seu contrário, organizando-se em um movimento dialético, que deve ser apreendido na historicidade. Nas palavras de Bakhtin:

As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas [...] Para tornarem dialógicas devem [...] materializar-se, ou seja, devem passar para outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa (Bakhtin, 2008:209, *apud* Brait, 2012: 87).

Por fim, Verón propõem uma teoria dos discursos sociais partindo das hipóteses que toda produção de sentido é necessariamente social e de que todo fenômeno social é um processo de produção de sentido, em qualquer nível de análise. Neste aspecto, a análise do discurso se difere da linguística convencional

porque, ao invés de se preocupar com o conteúdo do texto e com as intenções de quem o escreveu, busca a gênese das significações sociais que se materializam (Steinberger, 2005).

Steinberger (2005) explica que a teoria dos discursos sociais parte das hipóteses de que, para se descrever e explicar o processo significante do discurso é preciso explicar suas condições sociais produtivas, e que todo fenômeno social é um processo de produção de sentido. Para Steinberger, Verón também considera que “a relação entre os discursos e suas condições de produção no contexto de uma sociedade dá-se na ordem da ideologia. Todo discurso é socialmente determinado e submetido a condições de produção também determinadas” (Steinberger, 2005: 74).

Para este estudo, parece-nos também interessante considerar algumas características próprias que marcam as mutações do discurso político no Brasil. Primeiro, tendo em vista o que seria o “discurso político”, Piovezani (2017a) atenta que o discurso político não constitui um gênero discursivo, mas uma composição ampla de gêneros específicos, manifestando-se na forma de programa de governo, pronunciamentos, declarações, entrevistas, debates, panfletos e *etc.*. Desta forma, a partir da teorização bakhtiniana, o autor considera que o discurso político “constitui-se em uma prática histórica e semiológica que se efetiva em diferentes esferas da instância pública” (Piovezani, 2017a, p.44), buscando ainda a contribuição de Le Bart, para indicar que ele é sustentado por quatro ilusões fundamentais: 1) uma visão transparente e ordenada da complexa realidade social; 2) a busca constante de legitimidade social; 3) hegemonia dos atores do campo político em relação à gestão da sociedade; 4) a homogeneização de individualidades em nome de “interesses coletivos”.

Esta delimitação é importante neste trabalho para que possamos melhor localizar nosso objeto de análise, compreendendo-se que aqui estamos a nos debruçar no discurso do político e não da política. Em uma perspectiva mais ampla, falamos de um sujeito que em determinado contexto social e histórico, se apresenta, em seu discurso, como expressão e resolução das questões sociais; que busca afirmar a sua legitimidade social como representante de um campo mais amplo e não de si só; que busca um espaço social que lhe dê legitimidade para gerenciar a sociedade; que pretende sintetizar diversas individualidades em uma única representação em busca de interesses comuns. Trata-se de um indivíduo, mas que em seu discurso, transcende – ou pelo menos pretende – este lugar, estabelecendo-se como uma única expressão coletiva.

Sargentini (2017) demonstra que, a partir do retorno do processo democrático no Brasil, há um revigoramento da propaganda política no país com a introdução de diversos recursos para estabelecer e fortalecer o contato com o eleitorado. Este processo também indica uma mutação e uma certa homogeneização nas características performáticas expressas nos discursos políticos das candidaturas à presidência da república, nos pleitos anteriores.

“Três características têm se mostrado centrais e recorrentes nos discursos de candidatos à presidência, e de forma menos acentuada isso se estende aos discursos de políticos já em cargos. Trata-se do processo de segmentação, de docilização e de estetização” (Sargentini, 2017a: 87). Entenda-se a segmentação como o direcionamento do discurso a grupos específicos dentro de um segmento e não mais dentro de uma unidade abstrata de povo. Procura-se aqui atingir a totalidade (ou uma larga parcela) da população a partir dos segmentos em que cada indivíduo está representado.

Já a docilização se refere à postura assumida de evitar o embate entre oradores, se deslocando do confronto de ideias, para apresentar o seu projeto político como numa harmonia consensual, sem que para isso precise desqualificar o projeto do adversário. Por fim, a estetização se refere à estética apresentada pelo homem público, em como ele quer e deve ser visto pela sociedade e a forma como ele se apresenta para ela.

Ainda que Sargentini nos apresente estas características como uma sólida mutação desenvolvida ao longo dos processos eleitorais que, a partir da redemocratização, precederam o pleito em análise, devemos observar se o discurso de Jair Bolsonaro demonstra uma continuidade destas, ou traz marcos de ruptura em uma estratégia discursiva amparada em condicionantes do atual tempo histórico, ou nas próprias características deste sujeito político.

### **1.3.1. VANTAGENS DO MÉTODO DE ANÁLISE**

A escolha e formação de um método constituído pela simbiose de diferentes referenciais para a análise do discurso, em uma perspectiva crítica, se sustenta pelas próprias características fundantes do discurso quanto objeto de estudo: trata-se de um segundo momento dos estudos da linguagem, onde indagações e reflexões de estudiosos passam a expressar um descontentamento em relação aos estudos de linguagem focados apenas no fato linguístico, ou limitados à análise de conteúdo na exploração do tema vinculado ao texto. Assim, para compreender o ato verbal para além das restrições específicas da língua, surge a análise do discurso, capaz de perceber os elementos implicados além de um *aqui-agora* imediato (Di Fanti e Brandão, 2017).

A análise do discurso se demonstra especialmente adequada, enquanto método analítico, quando se pretende analisar uma performance linguística tendo em vista os elementos exteriores que lhe são associados, compreendendo que o que ali está expresso é decorrência de que lhe é “exterior” e “anterior”, sendo que “o texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em *outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (Benetti, 2010: 111), sendo ideal na busca de compreensões de “textos” expressos para além da camada discursiva, observados também a partir da camada ideológica.

Nota-se que há uma mudança de paradigma na Análise do Discurso, que desloca a compreensão da formação discursiva como “um sistema fechado, constituído por enunciados homogêneos, gerados

parafrasticamente” (Brandão, 2012:27), para a ideia de formação discursiva influenciada por outros discursos, ou interdiscursos, e com a inclusão de um sujeito discursivo marcado pela historicidade, permitindo o reconhecimento da heterogeneidade como elemento constitutivo do próprio discurso, permitindo também uma maior subjetivação do sujeito em sua ação discursiva, marcando as três épocas apontadas por Pêcheux da Análise do Discurso (Barros, 2015). Estes aspectos são notoriamente acentuados nos estudos pós-estruturalista, destacadamente com o *linguistic turn*, ou virada linguística, influenciando diversas disciplinas das ciências humanas. Este trabalho reconhece, por tanto, os aspectos que marcam o “sujeitamento” dos discursos, mas o mantêm conectado ainda com os subsídios teóricos do materialismo histórico.

A análise do Discurso é um método aberto, que permite que o pesquisador tenha liberdade em adequá-lo para sua utilização mais efetiva, sendo natural a busca pelo diálogo com vertentes teóricas variadas. Di Fanti e Brandão (2017) consideram que esta trabalha com uma visão não instrumental da língua, sendo a língua vista como trabalho, uma atividade constitutiva do ser humano e do seu fazer/dizer, o *parole*, visto dentro da dicotomia saussureana de *langue* e *parole*, onde o primeiro representa o sistema de signos ou a própria língua, e o segundo a esfera discursiva de seu uso (Barros, 2015).

### **1.3.2. LIMITAÇÕES E RISCOS METODOLÓGICOS - POSSÍVEIS ALTERNATIVAS**

A análise do discurso, especialmente em uma abordagem crítica, a partir de seus próprios méritos metodológicos, traz algumas limitações e possíveis riscos para o analista na abordagem do seu escopo de análise. Assim, achamos relevante descortinar estes elementos, não no sentido de “pinçar” desvantagens gerais do método, mas para observar as limitações e riscos que estão colocados para o estudo de nosso objeto e traçar alternativas, bem como realçar uma bibliografia auxiliar para este processo.

Um dos limites mais evidentes do método é que, tratando-se ele como uma metodologia de análise em profundidade, torna-se absolutamente complicada a sua utilização em universos muito amplos. Como destacado por Silva e Araujo (2017), os estudos nesta linha são sempre qualitativo-interpretativistas, não havendo análise quantitativa de dados, mas sim uma exaustividade vertical que compreende dados expressos a partir de expressões linguísticas como fatos – em uma materialidade linguístico-discursiva – sem incidir em uma leitura horizontal em extensão, focada em observar o dito no texto do seu início ao fim. Tem-se assim a interpretação de fragmentos correlacionados de linguagem e a sua ocorrência.

Caregnato e Mutti (2006) destacam o papel do analista como intérprete, que também faz uma leitura discursiva do objeto, influenciado pelas suas crenças, experiências e vivências, distanciando-se de uma objetividade universal e influenciada pela subjetividade do pesquisador, fazendo com que não haja uma interpretação única e absoluta do objeto analisado. Sobre o aspecto interpretativista da análise do discurso, Benneti (2010) considera que o método exige disposição intelectual do pesquisador, não sendo aceitáveis

meros “comentários” com base em impressões do analista; é preciso que as formações discursivas sejam explicitadas e justificadas pelos textos e contextos em análise. Uma alternativa proposta pela autora é que seja selecionada “uma amostragem considerável de textos, capaz de ser representativa do funcionamento de um tipo de discurso em um período determinado” (Benetti, 2010: 121).

Diante das adversidades evidenciadas, propomos-nos a fazer uma primeira exploração geral das publicações realizadas pelo Twitter do candidato a partir das escolhas temáticas adotadas, ampliando assim a amostragem inicial do objeto, para então, sequencialmente, selecionar os “fragmentos” que serão analisados em profundidade.

Nota-se que aqui estamos a realizar um processo cognitivo de categorização, estabelecendo categorias a partir “da combinação dos significados dos conceitos pelas suas associações, baseada na similaridade entre eles” (Lima, 2007: 157). Lima (2007) considera dois modelos básicos de categorização: o modelo clássico e o modelo de protótipo; no nosso caso, aproximamo-nos do modelo de protótipo, uma vez que classificamos os textos das publicações do Twitter a partir do seu melhor enquadramento em uma categoria do que em outra, considerando que estas categorias não podem ser interpretadas por uma lista fechada de características existente em todas as publicações componentes. É desta forma que Lima resume o modelo de protótipo:

O princípio fundamental deste modelo sustenta que as categorias são organizadas em torno de protótipos centrais. Um item é considerado como membro de uma categoria não por se saber que ele possui um determinado atributo ou não, mas por se considerar o quanto as dimensões desse membro se aproximam das dimensões ideais para ele. Em outras palavras, um exemplo representativo de uma classe seria aquele que compartilhasse com os outros membros da categoria do maior número de características e que, por outro lado, compartilhasse de poucas características (ou nenhuma) com elementos provenientes de fora da classe. (Lima, 2007: 163)

Acreditamos que desta forma teremos a possibilidade de estabelecer um olhar ampliado, em uma perspectiva crítica na análise do discurso. Evidencia-se que há uma ampla bibliografia, especialmente nas ciências políticas, que destaca a importância das escolhas temáticas das campanhas eleitorais nos pleitos presidenciais, especialmente no que se refere à utilização dos temas económicos durante as eleições, o que indica a definição temática como uma questão saliente na formação discursiva, especialmente no que se refere ao discurso político.

Ames e Renó (2014) afirmam que a disputa política é permeada por visões opostas e em conflito, exigindo do eleitor o esforço de escolher entre diferentes valores e atitudes. Para os autores, as campanhas mais competitivas tendem a estabelecer maior pressão social nos grupos e redes sociais dos eleitores, sendo o tipo de informação veiculada determinante para a ativação de valores e considerações por parte do eleitorado.

Dias (2014) aponta que alguns autores verificam que, quanto menos os eleitores apoiam suas posições eleitorais em vínculos partidários, maior a importância do voto baseado em questões da pauta pública.

Renó (2006), citando Fiorina e Kinder & Kiewit, destaca a prevalência do estado da economia na compreensão das avaliações sobre candidatos e suas escolhas eleitorais: se a economia vai bem e a situação individual do eleitor melhora, o candidato à reeleição teria mais chance de vitória, devendo vincular o sucesso econômico à sua candidatura.

Maia (2016) aponta que temas conflituais envolvendo clivagens como raça, renda, religião e gênero, podem ser articulados especificamente como formas de catapultas eleitorais, ainda que não seja uma estratégia comum o investimento eleitoral em um grupo particular, o que, por sua vez, demonstra certa convergência com o processo de segmentação apontado por Sargentini (2017a).

Nota-se que cada uma destas considerações sobre as escolhas temáticas das candidaturas está diretamente articulada com o discurso adotado pelo candidato durante o processo eleitoral.

Mais especificamente para a análise dos temas tratados no Twitter de Jair Bolsonaro, consideramos relevante ter em vista a tipologia proposta por Vavreck (2009) para as estratégias temáticas de campanha, onde elas são classificadas entre campanhas de clarificação e campanhas insurgentes: no primeiro caso, o autor considera que, quando os candidatos são beneficiados pelo estado da economia do país, eles simplesmente esclarecem suas posições ou o seu papel para este desempenho; a campanha insurgente ocorre quando o candidato é desfavorecido pelo estado da economia, precisando encontrar outros temas de destaque para falar em sua campanha, dos quais possa se beneficiar, sendo classificado como candidato insurgente.

#### **1.4. OBJETO EMPÍRICO ANALISADO**

Em um primeiro momento, para tentar sanar as intempéries metodológicas deste trabalho, pensamos em analisar o discurso utilizado ao longo dos programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE); no entanto nos deparamos com outros problemas de ordem metodológica. A primeira questão é que, durante a primeira volta do processo eleitoral, a candidatura analisada teve um reduzido tempo de HGPE, cada programa tendo uma média de apenas doze segundos de exibição, o que restringiria as possibilidades de compreensão mais ampla da estratégia discursiva implementada. Já a observação do HGPE na segunda volta – quando os programas do candidato passaram a ter cinco minutos de duração – nos restringiria à análise de um momento específico da campanha, podendo-se dizer pouco sobre a estratégia discursiva utilizada pelo candidato para que ele atingisse aquele patamar na campanha eleitoral. Outro aspecto que entrou em consideração – ainda que não haja estudos conclusivos, dada a atualidade do tema – é a suposição de que esta tenha sido a campanha eleitoral para presidência da república brasileira onde, em tese, as redes sociais

online suplantaram a importância do HGPE, dada a pouca competitividade apresentada por candidatos que detiveram a maior parte do tempo de antena.

Não objetivamos aqui aprofundar a análise de qual mídia encarna o protagonismo das campanhas eleitorais brasileiras no atual cenário político; apenas ressaltamos que em uma observação exploratória inicial, coletamos 796 publicações no Twitter do candidato, somente no período oficial da campanha, englobando a primeira (de 16 agosto de 2018 à 6 outubro de 2018) e a segunda volta (de 8 à 27 de outubro de 2018), o que constitui um escopo de análise particularmente relevante.

Por mais que o centro do nosso trabalho não seja o uso das redes sociais online nesta campanha eleitoral, mas sim o discurso expresso nela, é importante ter em vista algumas características próprias do discurso nas redes sociais online: elas se constituem como ferramentas de difusão do discurso político em um suposto diálogo direto com o eleitor, sendo um suporte costumeiramente presentes entre as principais candidaturas (Sargentini, 2017b), ao mesmo tempo que possibilitam novas linguagens políticas em uma “proximidade distante” (Pires, 2017), permitindo a conjunção da possibilidade da realização de postagens constantes e a ausência da limitação da presença física ou de uma grade de horário pré-estabelecida, com facilitação da demonstração da vida cotidiana e na construção da sensação de uma interação individualizada com o eleitor, sendo um estímulo a mais para que se mescle as dimensões pública e privada do candidato.

Sargentini (2017b) considera que os textos publicados nas redes sociais – das personalidades políticas – têm a finalidade de reafirmar a identificação com o eleitor e nutrir embates que são produzidos durante a campanha. Ao estudar o discurso utilizado pelas três principais candidaturas do pleito presidencial brasileiro de 2010 no Twitter, Pires (2017) observou a predominância de três estratégias que permeavam os enunciados publicados: i) oscilação entre esfera pública e privada; ii) mecanismos de produção de efeito verdade; iii) relação enunciativa entre político/eleitor. Nota-se que se estas já eram estratégias presentes nas campanhas eleitorais “fora” do Twitter, é possível verificar sua continuidade também nesta rede social online, adequada e explorada a partir dos aspectos particulares desta mídia. Espera-se, portanto, verificar também no nosso escopo de análise a presença destas características.

Assim, passamos a considerar mais conveniente ao nosso estudo, direcionar nossa lupa para o discurso utilizado por Jair Bolsonaro em sua conta oficial do Twitter (@jairbolsonaro) durante a campanha na primeira e na segunda volta das eleições presidenciais brasileiras de 2018. Nota-se outro elemento determinante nesta escolha: o Twitter, enquanto mídia, permite-nos, de forma simplificada, acesso retrospectivo de todas as publicações feitas nos períodos analisados, o que seria inviável – dada as condições específicas para o desenvolvimento deste estudo – em outras redes sociais online, como Instagram e Facebook, além de que, pelo limite de caracteres por publicação, possibilita um olhar mais extenso sobre um número maior de peças em análise.



Ressalta-se, no entanto, que, independente das vantagens e conveniências da escolha desta rede social online, corre-se o risco – assim como em outras redes sociais online – do desaparecimento, por eliminação do autor, de publicações por interesses específicos, como ocultar informações passadas em função de mudanças nas condições políticas e conjunturais.

Tendo estes aspectos, constituímos como o nosso escopo de análise as publicações do Twitter realizadas na conta oficial de Jair Bolsonaro, durante o processo eleitoral, em temas específicos, tanto relacionados à gestão do Estado e questões económicas ( educação; política externa; desenvolvimento económico; infraestrutura e sustentabilidade; política social e geração de renda; saúde; segurança; governabilidade e combate a corrupção; cultura) quanto morais e socialmente conflitantes ( esquerda e guerra cultural; religião; medo e violência; nacionalismo; militarismo; antiestablishment; atentado; fakenews e crítica aos media; corrupção; aspectos comportamentais e morais; direita e liberalismo; vida pessoal), como detalhado no tópico seguinte.

### **1.5. DETALHAMENTO DO MÉTODO DE ANÁLISE**

Desta forma entendemos que a nossa dissertação se constitui como um todo metodológico, sendo em cada tópico desenvolvido um elemento constitutivo do discurso, observado além da sua mera formalidade linguística. Assim, dividimos a exploração de nossa pesquisa em três tópicos, tendo em vista aspectos históricos-sociais e ideológicos determinantes para a ACD, como apresentado anteriormente.

Primeiramente, debruçar-nos-emos na análise da *Conjuntura sociopolítica e disputa ideológica*, a partir de uma revisão bibliográfica dedicada à contextualização histórica, social, política e à constituição ideológica da sociedade brasileira durante o ciclo de governos Petistas (2002-2016) e durante o governo Temer (PMDB) (2016-2018), tendo ainda em vista o significado do ciclo de manifestações que ocorreram no Brasil, notoriamente entre 2013 e 2016. Assim, observamos o ciclo de governos Petistas a partir da consolidação de seu modelo de governança, tanto do ponto de vista social como económico, e da série de crises que marcaram o seu fechamento; seguindo uma linha temporal, analisamos o contexto das manifestações massivas de 2013 e 2016, tendo em vista também as mutações que ocorreram entre os dois processos; e concluímos esta etapa com a análise do governo Temer (PMDB) e do projeto de poder que desponta a partir do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT).

O segundo aspecto a ser abordado, refere-se a *A extrema-direita e Jair Bolsonaro*, focado em apresentar os elementos constitutivos do campo ideológico da extrema-direita, bem como sua base programática e contradições, conectados com a própria trajetória de Jair Bolsonaro e o seu programa eleitoral. Em um primeiro momento, é realizada uma revisão bibliográfica onde exploramos as díades direita-esquerda e extremismo-moderantismo e a discussão em torno da conceitualização de populismo, neopopulismo e fascismo de novo tipo. Tendo em vista a constituição do sujeito político Jair Bolsonaro, no

segundo momento, realizamos uma revisão bibliográfica elucidando a representação que lhe é atribuída, em especial a partir dos medias, e executamos exercícios de análise do discurso, em uma perspectiva crítica, a partir da descrição que lhe é feita em seu sítio virtual de campanha e no teaser televisivo “Bolsonaro em 30 segundos” – tendo em vista também aspectos que constituem a análise audiovisual de discursos políticos –, buscando compreender a sua auto-representação. Por fim, analisamos o programa político estabelecido em seu plano de governo intitulado de “o caminho da prosperidade”, tendo em vista, também, elementos discursivos que se fazem presentes no documento, dialogando, em especial, com a conceitualização de discurso político propagandístico, presente em Charaudeau.

O terceiro elemento da nossa análise, *O discurso político de Jair Bolsonaro a partir das publicações no Twitter*, é analisado conforme o método traçado (detalhado no tópico que segue, junto ao seu respectivo mapa metodológico), considerando os pressupostos de Pêcheux, Bakhtin e Verón, interpretando aquilo que está expresso no material analisado, tanto em termos de forma, como de intencionalidade, e os elementos não explícitos na expressão linguística, mas que integram o discurso a partir da relação dialógica com o meio social no qual ele é constituído, explorando também os aspectos constitutivos das suas estratégias discursivas. Sequencialmente é realizada validação ou negação das hipóteses traçadas previamente, onde estabelecemos conexões entre nosso objeto de estudo e conceitos importantes para a compreensão do discurso político de Jair Bolsonaro, como as concepções de hegemonia e *interregno* em Gramsci, bem como o suposto conceito de guerra cultural e sua aplicação na realidade Brasileira; e o diálogo entre Habermas e Thompson para aventar a possibilidade de existência de uma esfera pública ampliada a partir das redes sociais online, bem como a relação da prática discursiva do candidato (e seu campo político) com esta esfera pública. Para tanto, a performance discursiva de Jair Bolsonaro é analisada em diálogo direto com esta base conceitual.

### **1.5.1. DETALHAMENTO DO MÉTODO DE ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES**

Em relação às publicações realizadas no Twitter, o último tópico deverá se dividir em duas partes: a primeira dedicada àquilo que está explícito na forma linguística; para tanto, em um primeiro momento, dedicar-nos-emos à observação das escolhas temáticas nas publicações realizadas no Twitter do candidato, durante o processo eleitoral, constituindo uma amostragem ampla do temário abordado pelo candidato e possibilitando o enquadramento em categorias previamente estabelecidas; posteriormente esta será complementada com a análise qualitativa, através da análise do discurso, em publicações específicas, com o objetivo de construir nesta etapa uma análise híbrida, apurando aspectos quantitativos e qualitativos do objeto (Herscovitz, 2010).

Para a realidade de nossa pesquisa, optamos por uma adaptação da tipologia de Vavreck (2009) para que possamos classificar os temas tratados nas publicações realizadas pela campanha do candidato, dividindo-as em dois macrotipos temáticos (MaT) classificatórios: “temas económicos e relacionados à

gestão do Estado” (que estariam mais próximos, ao menos em tese, de uma campanha de clarificação) e “temas morais e socialmente conflitantes” ( aqui vistos como os temas deslocados da gestão do Estado e da avaliação da economia, que estariam mais próximos das campanhas classificadas como insurgentes).

Há ainda um terceiro macrotipo, que adquire neste estudo a característica de grupo residual, que batizamos de “temas aleatórios”, referindo-se às publicações que estão diretamente relacionadas ao tipo de dinâmica que envolve o Twitter – como a divulgação de agenda de campanha ou agradecimento ao apoio de seguidores e afins – que não estão diretamente relacionadas aos dois MaT indicados, bem como retweets e compartilhamento de vídeos ao vivo.

Observa-se que os retweets e os vídeos ao vivo podem, ou até tendem a ter, relação com os dois MaT prioritários, no entanto trariam novas dificuldades metodológicas para a análise do objeto: no primeiro caso, por se tratar de um discurso de um outro sujeito, que ainda que reproduzido pelo perfil analisado, contém elementos próprios e singulares do emissor originário; no segundo caso, por entender que há aqui uma outra forma discursiva, por isto a definição deste como um grupo residual.

Após a divisão das publicações nos dois MaT, entendemos que seja necessário subdividi-las em temas específicos (ou microtipos temáticos - MiT), tal qual duas gavetas com seus respectivos ficheiros, sendo a gaveta “temas económicos e relacionados à gestão do Estado” composta pelos ficheiros “educação” agrupando as publicações sobre avaliação e proposições para a política educacional do país; “política externa” que agrega as publicações comentários e proposições sobre a política externa; “desenvolvimento económico” que se refere a pauta económica de governo; infraestrutura e sustentabilidade, que trata dos aspectos infraestruturais do país e da política ambiental; política social e geração de renda, que se refere aos programas sociais, bem como aspectos relacionados a emprego e renda da população; saúde, contendo as publicações que tratam da política de saúde; segurança, que se refere ao debate em torno da política de segurança e controle de fronteiras; governabilidade e combate a corrupção, aludindo às ações de governo sobre a forma de governar bem como possíveis ações para combater a corrupção; cultura, que se refere a avaliação e propostas relacionadas a política de cultura; “temas múltiplos”, com publicações que tratam de mais de um tema, fazendo referência a economia e/ou gestão do Estado, sem que se caracterize por um tema específico prioritário.

Já na gaveta de “temas morais e socialmente conflitantes”, encontram-se os ficheiros “esquerda e guerra cultural”, direcionado para as publicações que comentam a ideologia de esquerda e de representantes deste campo ideológico, bem como de ações desenvolvidas em uma lógica de uma suposta guerra cultural; “religião”, tratando de postagens que se referem a aspectos religiosos presentes na sociedade; “medo e violência”, refere-se as publicações que são nutridas por uma relação de medo proporcionadas pela constatação da violência no meio urbano e rural; “nacionalismo”, publicações relacionadas ao sentimento de pertencimento e valorização da nação; “militarismo”, publicações que exaltam as instituições militares e

a doutrina militar; “antiestablishment”, contendo publicações que criticam o sistema político e uma suposta elite política e social; “atentado”, com as publicações que fazem menção ao atentado contra Jair Bolsonaro, realizado durante as eleições brasileiras de 2018; “fakenews e crítica aos media”, agrupando as publicações que se referem a denúncia de mentiras e supostas notícias falsas e crítica a cobertura midiática durante as eleições; “corrupção”, com publicações que se referem a supostos corruptos e atos de corrupção, sem que se discuta ações de governo para intervir na questão; “aspectos comportamentais e morais”, com as publicações relacionadas a uma agenda que faz referência a pautas ligadas aos direitos individuais, a questões identitárias e aspectos morais que permeiam a sociedade; “direita e liberalismo”, contendo as publicações que fazem referência a uma ideologia de direita e princípios do liberalismo; “vida pessoal”, armazenando as publicações referentes a aspectos da vida pessoal e familiar de Jair Bolsonaro.

Ressalta-se, conforme apontamos ao longo deste capítulo, que a metodologia com a qual trabalhamos é interpretativa, pressupondo a participação ativa do pesquisador em contraponto a uma aparente neutralidade objetiva, desta forma a própria classificação temática das publicações estão sob a influência do olhar do investigador, ou seja, “todo olhar é um olhar a partir de algum lugar sócio-historicamente marcado, e como tal atravessado por conotações ideológicas” (Rajagopalan, 2007:18-19).

Salienta-se que a divisão que adotamos deve auxiliar-nos na percepção de como o temário presente no discurso de Jair Bolsonaro, aqui produzido nas suas publicações de Twitter, se correlaciona com os conceitos observados nesta dissertação e sua correlação com o contexto histórico-cultural que envolve o nosso objeto de análise. Deste modo, utilizaremos, nesta etapa, uma técnica de amostragem não aleatória, por considerarmos que a população pesquisada permite tal opção.

Percebe-se que este momento não se aprofunda na forma do discurso, impossibilitando uma compreensão dialógica do que está expresso nas publicações em si; trata-se apenas da possibilidade de enxergar e localizar o discurso – e a estratégia discursiva, em uma perspectiva mais ampla – a partir dos temas tratados durante a campanha. Vê-se a utilização de técnicas de contagem e segmentação do discurso produzido, típicas da análise de conteúdo, como forma de localização das condições de produção do discurso, rompendo assim com os “dualismos cartesianos”, superando as insuficiências da análise de conteúdo a partir de uma perspectiva discursiva, no encontro do linguístico e sócio-histórico, como indicado em Rocha e Deusdará (2017).

No segundo momento, analisaremos o discurso explicitado em publicações específicas, a partir de uma amostragem aleatória. Como critério de seleção, coletaremos as publicações que, nos MiT que obtiveram, na primeira ou na segunda volta da campanha eleitoral, uma presença superior a 10% do total de publicações no seu respectivo MaT, alcancem mais reações de engajamento (independente delas poderem ser consideradas positivas ou negativas ao emissor), a partir da métrica de *total engagement* fornecida pela própria ferramenta *Crimson*.

Sequencialmente a observação se faz ao texto expresso em cada publicação selecionada considerando, para além da própria estrutura textual adotada, os aspectos sociais, históricos, conjunturais e ideológicos, abordando, por tanto, as condições de produção, formação ideológica e formação discursiva, que se relacionam com o texto expresso, contemplando também a linguagem e o sujeito na construção de sentido; por fim, consideraremos o que não está expresso, mas é parte integrante do discurso utilizado em cada publicação, externos à forma linguística propriamente dita, mas relacionando com esta de forma dialógica.

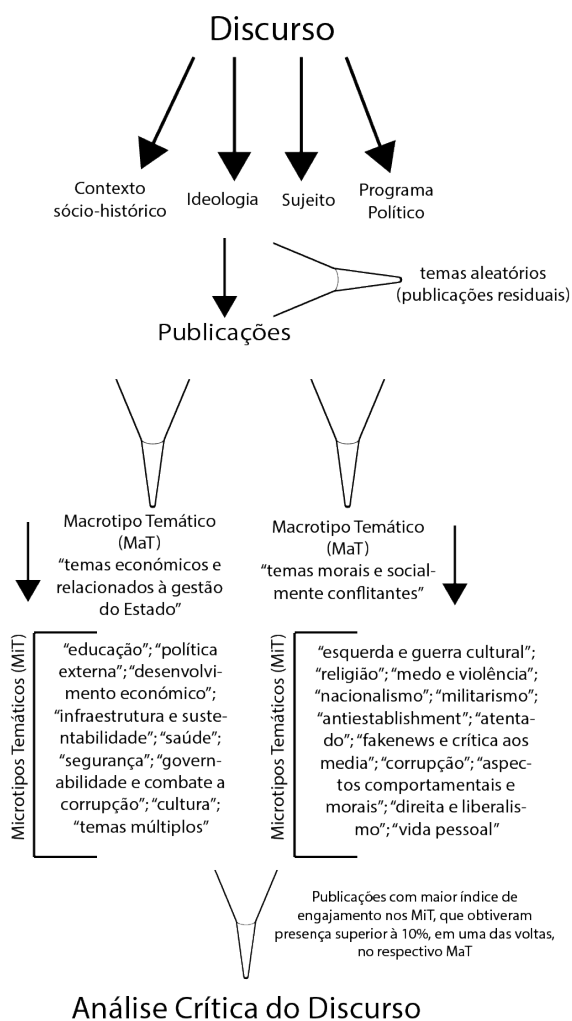


Figura 1.1: Mapa metodológico

## **CAPÍTULO 2: CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA E DISPUTA IDEOLÓGICA**

Como destacamos no capítulo anterior, este trabalho tem como metodologia analítica a Análise Crítica do Discurso, mesclando os pressupostos desenvolvidos por Pêcheux, Bakhtin e Verón; considera-se, portanto, o contexto histórico como uma das componentes fundamentais das condições de produção, formação ideológica e formação discursiva, fundamentais para a compreensão e investigação do discurso em questão.

Desta forma, dedicamos o segundo capítulo desta dissertação à contextualização histórica, social, política e à constituição ideológica da sociedade brasileira durante o ciclo de governos Petistas (2002-2016) e durante o governo do vice-presidente Michel Temer (PMDB) (2016-2018), observando entre eles a emergência das manifestações massivas no país, marcadas pelo “junho de 2013” e “março de 2016”. Assim dividimos o capítulo em “O ciclo de governos Petistas (2002-2016)”, “O gigante acordou? O contexto das manifestações de junho de 2013 e março de 2016” e “A alternativa Temer (2016 – 2018)”.

### **2.1. O CICLO DE GOVERNOS PETISTAS (2002-2016)**

O Partido dos Trabalhadores (PT), originário de movimentos sociais, sindicatos e intelectualidade progressista brasileira do final da década de 1980, se consolidou ao longo da sua história como o principal partido de esquerda do Brasil e da América Latina, chegando ao poder em 2002, com a eleição de sua principal figura pública, o ex-sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva.

Como destaca Perry Anderson (2016), o governo Lula (PT), e sequencialmente o governo de Dilma Roussef (PT), viveram períodos de relativa prosperidade econômica e política, através do investimento em produção de “*commodities*”, por um lado, e no estímulo ao consumo interno, por outro.

Segundo Morais e Saad-Filho (2011) após a manutenção de uma política econômica de caráter neoliberal em seu primeiro mandato – seguindo a cartilha aplicada pelo seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) – é notória, especialmente a partir do segundo mandato do ex-presidente Lula, uma inflexão na política econômica, institucionalizando políticas de características neodesenvolvimentistas, ainda que mantendo aspectos da agenda neoliberal. Esta inflexão se deve, segundo os autores, ao:

Desempenho macroeconômico insatisfatório (e, presume-se, à bateria de críticas de antigos aliados) que gerou um debate no interior do governo Lula, ao final de 2005, entre a “visão neoliberal” e a “visão desenvolvimentista”. Esse debate teria levado à inflexão da política econômica quando a equipe econômica inicial foi substituída por defensores de uma política de maior ativismo do Estado” (Morais e Saad-Filho, 2011: 517).

Esta inflexão se caracterizou por garantir maior ativismo ao Estado, fomentando: a produção com financiamento e investimento público; expansão do mercado de consumo com elevação do salário mínimo e oferta de crédito; e apoio financeiro e diplomático às grandes empresas brasileiras, garantindo-lhes competitividade no mercado internacional, ao mesmo tempo em que eram mantidas as políticas

macroeconômicas que visavam à estabilidade monetária e ao equilíbrio espontâneo dos mercados, como apontam Moraes e Saad-Filho (2011). Os autores destacam ainda que:

Inesperadamente, em parte devido a condições externas favoráveis, e em parte aproveitando com imaginação política os “potenciais de ganhos de produtividade” da economia brasileira, essa política híbrida logrou um sucesso incontestável, não só em termos de crescimento econômico, mas também através de uma melhoria da distribuição de renda e de uma redução da pobreza, historicamente inédita (Moraes e Saad-Filho, 2011: 525).

Pochmann (2011) aponta que entre 1960 e 2010 podem ser destacados três padrões distintos de mudança social no Brasil. Entre as décadas de 1960 e 1970, identifica-se um crescimento forte nas renda nacional per-capita, com crescimento da desigualdade na renda pessoal; entre 1981 e 2003, há a estagnação da renda nacional per-capita combinada com a contenção da desigualdade a partir de um elevado nível de desigualdade social. A partir de 2004, já no ciclo petista de governos, há a combinação do crescimento da renda nacional per-capita e redução da desigualdade pessoal na renda. Pochmann atribui o ineditismo do terceiro padrão de mudança social no país à “existência de sinais de retomada do projeto nacional de desenvolvimento pelo governo Lula, que teve na política social um dos seus principais pressupostos” (Pochmann, 2011:38), direcionadas especialmente para a base da pirâmide social.

A política adotada ainda no primeiro governo petista traz consigo a inesperada composição de manutenção de favorecimentos ao capital financeiro, em paralelo à implementação de programa de combate à pobreza, evidenciando-se o Bolsa Família. Marques e Mendes (2006) apontam que, para a manutenção do superavit-fiscal, houveram processos e tentativas de retiradas de direitos sociais como no caso da reforma da previdência de 2003, onde se estabelecia um teto para a aposentadoria dos servidores (pondo fim ao direito à integralidade), e a abertura de um processo de unificação entre o Regime Geral da Previdência Social (RGPS), dos trabalhadores do mercado formal do setor privado da economia, e o dos funcionários públicos, e nas sucessivas tentativas de esvaziar o Sistema Único de Saúde. Em contrapartida, o governo fez do Bolsa Família um destacado programa de transferência de renda para as famílias abaixo da linha de pobreza.

Ainda que reconhecendo que o programa de transferência de renda do governo Lula foi efetivo ao alterar a condição de existência das famílias beneficiadas, retirando-as da pobreza absoluta e beneficiando quase 50 milhões de brasileiros, Marques e Mendes (2006) destacam que o programa não se constituiu como um direito consolidado, estando a mercê das prioridades adotadas pelos governos que venham a se seguir, em vez de transformá-lo em uma política de renda mínima.

Pode-se indicar que já nas eleições de 2006 há uma alteração significativa na base social que sustenta a reeleição do presidente Lula da Silva, com a adesão do subproletariado brasileiro à candidatura petista, enquanto setores da classe média se afastavam descontentes com os rumos adotados pelo governo e com os escândalos revelados. Singer (2009) aponta que até 2002 a base eleitoral das candidaturas petistas

estava nos setores médios da sociedade, com nível elevado de escolaridade e residente dos centros mais urbanizados, enquanto setores mais empobrecidos tendiam à defesa de um “conservadorismo popular”, votando em candidaturas de um espectro eleitoral à direita.

A mudança do comportamento eleitoral, para Singer (2009), constitui-se a partir de bases materiais, alicerçada pela política econômica e social do governo, a qual beneficiou os mais pobres, seja pela percepção do aumento do poder de consumo através da expansão do crédito, pelos benefícios trazidos pelo Programa Bolsa Família e outros programas sociais, ou pelo impacto do aumento real do salário mínimo.

Pinheiro-Machado e Scalco, a partir do estudo que desenvolveram com jovens que participavam de “rolezinhos”<sup>7</sup>, no anos 2011 e 2012, em Porto Alegre, identificam que o lulismo se caracterizou “pelo fortalecimento do Estado-gestor, pela gradual desmobilização das bases coletivas e adoção de políticas liberais, mais individualizadas, de transferência de renda” (Pinheiro-Machado e Scalco, 2018: 65-67), promovendo, inclusão financeira, permitindo, por exemplo, que pessoas de baixa-renda passassem a desfrutar de ofertas de cartão de crédito, compra de produtos manufaturados e eletrônicos através de parcelamento e acesso ao sistema bancário de crédito, estabelecendo a entrada de novos sujeitos na economia de mercado e gerando um duplo movimento:

De um lado havia um mercado – e, agora, também um governo – dizendo que todos podiam consumir. De outro, permanecia uma sociedade que escancarava o “não”, atualizando os marcadores simbólicos de diferença ... Neste sentido, a política de consumo emergia justamente do desenvolvimento desta contradição, do momento em que os jovens se davam conta dos limites da inclusão (Pinheiro-Machado e Scalco, 2018: 67-69)

Tem-se aí:

uma plataforma no sentido de traçar uma direção política para os anseios de certa fração de classe. Não apenas porque objetivamente foram capazes de aumentar a capacidade de consumo de milhões de pessoas de baixíssima renda, como atesta o acesso em grande escala à “classe C”, mas também porque sugerem um caminho a seguir: manutenção da estabilidade com expansão do mercado interno, sobretudo para os setores de baixa renda (Singer, 2009: 94).

Este deslocamento não significa uma adesão deste setor de classe a um programa de esquerda; constitui um programa próprio, alcunhado de Lulismo que incorpora “tanto pontos de vista conservadores, principalmente o de que a conquista da igualdade não requer um movimento de classe auto-organizado que rompa a ordem capitalista, como progressistas, a saber, o de que um Estado fortalecido tem o dever de proteger os mais pobres, independentemente do desejo do capital” (Singer, 2009: 102).

---

<sup>7</sup> Rolezinho é uma ação praticada pelos jovens das periferias brasileiras que faz referência à gíria “dar um rolé”, que significa algo como dar um passeio com um grupo de amigo. “Rolezinhos”, como descrito por Pinheiro Machado e Scalco (2018), seriam passeio em grupo que os “bondes” (espécie de gangues juvenis) davam nos *shopping center* da cidade, os quais se tornaram um fenômeno nacional brasileiro entre 2013 e 2014.



Boito Jr. (2013) critica a tese de Singer por esta considerar que os governos do PT teriam atuado como árbitros entre as classes fundamentais, a evitar o predomínio de uma delas, permitindo com isso o avanço dos interesses do subproletariado, a fração da classe trabalhadora representada pelos governos Lula e Dilma. Na hipótese de Boito Jr. os governos do PT não arbitraram, mas sim priorizaram os interesses de uma fração da burguesia nacional; ainda que o subproletariado tenha adquirido ganhos, continuaram excluídos do bloco no poder, adquirindo apenas um quinhão dos frutos da política implementada:

Os governos Lula e Dilma são governos burgueses, especificamente da grande burguesia interna. Não são árbitros entre as classes fundamentais e nem são governos do subproletariado. Contudo, é certo que o subproletariado, ou trabalhadores da massa marginal, embora excluídos do bloco no poder, ganham algo com esses governos, como ganham também a classe operária, a baixa classe média e parte do campesinato. Na verdade a grande burguesia interna, nas suas disputas com a fração burguesa perfeitamente integrada ao grande capital financeiro internacional, converteu-se em força dirigente de uma ampla e heterogênea frente política que poderíamos denominar neodesenvolvimentista (Boito Jr, 2013: 8)

Ainda assim, identificamos êxitos tanto na política econômica, como nas políticas sociais em parte do ciclo de governos petistas, capazes estabelecer realinhamentos em frações de classes, a partir de um programa próprio, resta-nos a compreensão do “por quê” se deu o esgotamento desta forma de governar. Buscando a compreensão desta questão, indicamos na sequência três elementos de crise (econômica, política e ideológica) que entraram em erupção na fase final do ciclo de governos petistas.

### **2.1.2. CRISE ECONÓMICA**

Ao mesmo tempo em que apontam que a inflexão neodesenvolvimentista nas políticas neoliberais durante ciclo de governos petistas obteve um inesperado êxito “incontestável”, Moraes e Saad-Filho também evidenciam que “a manutenção dos objetivos restritos das políticas neoliberais continuou a gerar graves problemas nas contas externas e fortes pressões fiscais, derivadas diretamente da sobrevalorização da moeda nacional e do elevado custo fiscal da política monetária, e do livre movimento de capitais” (Moraes e Saad-Filho, 2011: 525).

Em 2011, os preços dos produtos exportados caem drasticamente, afetando diretamente a economia brasileira e derrubando o consumo interno do país, que fora estimulado pela oferta de crédito aos consumidores. Passou-se então a impulsionar os investimentos dos setores privados, com maiores concessões tributárias e juros mais baixos.

A mudança da agenda econômica do governo ficou conhecida como Nova Matriz Econômica (NME) e atendia a um conjunto de pautas indicadas pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), como:

Redução de taxas de juros e tarifas de energia elétrica; desonerações tributárias e crédito subsidiado; desvalorização cambial e protecionismo industrial seletivo; concessões de serviços públicos para a iniciativa privada. Algumas dessas iniciativas foram, inclusive, solicitadas em documento entregue ao governo e assinado em conjunto com outras organizações empresariais e centrais sindicais em 2011 (Bastos, 2017: 3).

Bastos (2017) explica que a NME, apesar de atender às demandas dos industrialistas, chocava-se com os interesses do capital financeiro, que entraram em campanha para constituir hegemonia sobre a análise técnica do contexto económico do país, no intuito de estabelecer o consenso de que a política económica do governo Dilma seria tecnicamente desastrosa e populista:

O objetivo do governo Rousseff era imenso: eliminar o rentismo com a dívida pública como meio sistemático de acumulação de capital (uma forma essencial de ganhar dinheiro da burguesia brasileira desde o início da década de 1980) e, assim, forçar a ampliação do investimento produtivo e em infraestrutura. A ação, contudo, foi precedida por políticas austeras que reforçaram a desaceleração cíclica e, depois, não foi acompanhada de uma ampla campanha pública pela hegemonia da interpretação técnica e convencional da questão perante a opinião pública (Bastos, 2017:3- 4).

O campo político do governo, como apontado por Bastos (2017), não priorizou a disputa da opinião pública em torno da pauta económica até as eleições de 2014 que, somando-se aos desgastes originários das greves e manifestações massivas de 2013 e ao avançar da operação lava-jato (como veremos adiante neste capítulo), foram bastante acirradas. Mesmo neste contexto negativo, a candidatura de Dilma Rousseff conseguiu mobilizar a base social e militante que se consolidou a partir dos governos Lula e da trajetória do PT, revertendo a derrota que era considerada como dada para Aécio Neves (PSDB).

Dweck e Teixeira (2017) apontam que o embate com a fração bancário-financeira se constituiu como a primeira de uma série de fissuras no bloco de poder e que a tentativa de intensificar o projeto desenvolvimentista possibilitou o surgimento de uma oposição anti-desenvolvimentista, encabeçada pelos grupos que sentiam o seu poder ser reduzido.

Tentando reconstituir o bloco hegemónico do último período, o segundo governo Dilma teve início com um chamado para unidade nacional, indicando um ministro das finanças com um histórico ligado aos bancos privados e adotando uma agenda económica convergente com a da chapa derrotada nas eleições, com ações de carácter neoliberais, em um movimento semelhante ao primeiro mandato do ex-presidente Lula. Bastos (2017) aponta que esta movimentação apenas serviu para arrefecer o ânimo da base social do petismo, que ainda estava mobilizada pós-eleições, e para que as frações dos principais grupos económicos se reorganizassem em uma agenda unitária, exercendo ainda mais pressão sobre o governo.

Segundo Anderson (2016), os industrialistas ficaram felizes com a bonança do período de alto crescimento; no entanto, quando isso mudou e as greves recomeçaram, não houve qualquer compaixão deste setor com o governo:

o próprio grupo social a que pertenciam a maior parte dos empresários era formado por uma alta classe média que tornara-se mais numerosa, vocal e politizada do que os antigos grupos de empresários, manifestando assim maior capacidade de comunicação e coesão ideológica perante a sociedade em geral. A furiosa hostilidade desse estrato para com o PT foi inevitavelmente seguida também pelos industrialistas. Tanto os banqueiros do andar de cima e os profissionais do andar de baixo, ambos estavam comprometidos a derrubar um regime que agora viam como ameaça aos seus interesses comuns (Anderson, 2016:03).

A partir da unidade de classe dos setores detentores do poder económico, e sem que o governo demonstrasse respaldo popular, foi possível o fortalecimento de uma oposição à política económica do governo Dilma, alicerçada no discurso político da responsabilidade fiscal, do fim da ganância e da geração de empregos a partir da retomada da confiança dos empresários, legitimando assim a narrativa adoptada para impeachment da presidente Dilma Rousseff e orientando a guinada da política económica que seria conduzida pelo, até então, vice-presidente Michel Temer (PMDB).

### **2.1.3. A CRISE POLÍTICA**

O esgotamento do ciclo petista, no entanto, não deve ser compreendido exclusivamente em função da crise económica e do realinhamento das elites no país. A hegemonia política-administrativa adquirida pelos governos petistas foi se esvaindo; sem mais conseguir regular os conflitos sociais, passam a conviver com um crescente de greves e manifestações, que tinham como cunho principal a melhoria dos serviços públicos.

Mesmo no período de expansão da economia, as contradições sociais se acumularam, o aprofundamento da crise económica e a política de austeridade do segundo governo Dilma fez com que o descontentamento social fosse latente, distanciando o governo de setores que anteriormente compunham a sua base social, cedendo cada vez mais às demandas dos principais grupos empresariais do país. Braga constata que “à crise de popularidade de seu governo somou-se o descontentamento dos setores médios tradicionais insatisfeitos com a diminuição da desigualdade entre as classes sociais” (Braga, 2016: 73-75). Com o aprofundamento da operação Lava Jato da polícia federal, e o foco prioritário desta nos políticos do PT envolvidos em casos de corrupção na Petrobras, esses setores ocuparam as ruas para exigir a queda do governo.

A operação “Lava-Jato” torna-se um elemento particular nesse processo. Bastos (2017) aponta que a questão da corrupção foi utilizada para derrubar, paradoxalmente, o governo de Dilma Rousseff, que contribuía com as investigações, dando espaço para que o grupo político mais ativo em conter as investigações assumisse o poder. Ainda que reconhecendo que o combate à corrupção, enfatizado na

operação Lava-Jato, não foi um mero pretexto para atacar o PT (o partido mais identificado com as demandas populares), uma vez que as prisões continuaram após o impeachment e atingiram também outros espectros do universo político brasileiro, o autor considera ingenuidade negar o uso político seletivo do combate à corrupção, criando condições para o impedimento da presidente Dilma Rousseff, e o inegável ativismo político de promotores e juízes utilizando os meios judiciais.

Soma-se a essa crise, a própria crise do sistema democrático brasileiro. Sem conseguir ultrapassar mais de 1/5 do parlamento, o PT, ao longo de seus governos, se acomodou ao método de governabilidade instituído, através da composição com partidos e parlamentares que anteriormente compunham o bloco antagonico à sua política ideológica, os quais estabeleciam uma relação parasitária aos instrumentos do Estado.

Anderson (2016) demonstra que o PT nunca conseguiu ter uma maioria parlamentar constituída apenas por si e por seus aliados naturais; para que conseguisse compor uma base de sustentação, o caminho tradicional da presidência da república era comprar esta base a partir da distribuição de ministérios e cargos de confiança (como ocorreu no governo Sarney), o que o partido rejeitou logo ao chegar no poder. A alternativa efetivada foi costurar uma base de sustentação a partir de vários partidos pequenos, pagando-os com uma mesada para o apoio na Câmara. Em 2005 o esquema vem à tona como o escândalo do mensalão.

Sem poder contar com o modelo de mesadas, o partido teve que recuar e se adequar ao antigo modelo de distribuição de cargos:

O PMDB então entrou no bloco do governo, garantindo assim alguns importantes ministérios e postos centrais no Congresso, e assim permaneceu até o primeiro mandato de Dilma e no primeiro ano do segundo mandato. Contudo, isso não significa que a corrupção tenha diminuído e sim que ela aumentou drasticamente (Anderson, 2016: 6).

Esta forma de governabilidade fez com que o governo petista flexibilizasse pautas consideradas importantes na construção do partido e, com o alargar das denúncias de corrupção, o colocou no bojo comum do “são todos iguais”. Enquanto o governo ostentava números positivos e conseguia ter um relativo controle das mobilizações sociais, esta base parlamentar se manteve fiel; quando a crise estourou, esta mesma base renegou toda a política do ciclo anterior, alçando ao protagonismo o vice-presidente Michel Temer (PMDB), responsável diretamente pela articulação da base parlamentar para a aprovação do impeachment de Dilma Rousseff.

#### **2.1.4. CRISE IDEOLÓGICA**

Com o desenvolvimento do ciclo de governos petistas há uma modificação na base social e eleitoral deste campo; ganha-se o setor mais próximo da base da pirâmide social brasileira – mais engajado com o Lulismo do que objetivamente com a ideologia de esquerda identificada com o Partido dos Trabalhadores, uma base

social oriunda do subproletariado, incorporando pontos de vistas conservadores e progressistas – e afasta-se da composição tradicional da classe média, antes a principal base do PT (Singer, 2009). Vale ressaltar que durante este ciclo de governos, foi o setor médio do estrato social brasileiro que mais se alargou do ponto de vista quantitativo, sendo agora também composto por uma gama de trabalhadores em sub-empregos e trabalhos precarizados, ou “a nova classe trabalhadora brasileira”, aumentando também a disputa por espaço em mercados de trabalho e a demanda por determinados tipos de serviços, antes exclusivos da classe média, como apontado por Bastos (2017).

Em Chauí (2016), observa-se que a classe média está fora do núcleo definidor do capitalismo e do poder político. Sem deter o poder do Estado e nem contar com o poder social da classe trabalhadora organizada, este setor fica em uma posição que a define, não somente por sua posição econômica política, mas também por sua posição ideológica, que tende a ser contraditória. A autora destaca que:

fragmentada, perpassada pelo individualismo competitivo, desprovida de referencial social e econômico sólido e claro, a classe média tende a suprir a experiência de um tempo descontínuo e efêmero com o imaginário de ordem e segurança que introduziria uma permanência temporal e espacial... em decorrência de sua fragmentação e instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo, tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança (Chauí, 2016:24-25).

Este aspecto, para Chauí (2016), faz com que a classe média tenha tendências a uma ideologia conservadora e reacionária, assumindo o lugar de assegurar o poder da classe dominante; na sua avaliação a classe média incorpora e propaga a fragmentação socioeconômica trazida pela economia neoliberal, que estimula o individualismo competitivo; é neste aspecto que reside o problema da absorção ideológica da nova classe trabalhadora ao imaginário da classe média, se manifestando na “teologia da prosperidade” e na “ideologia do empreendedorismo”.

Diante deste realinhamento, membros do judiciário brasileiro aparecem como destacados porta-vozes do meritocracismo, característico das camadas médias da sociedade. Como indica Bastos (2017), estes possuem ideologias e interesses próprios, que por vezes podem se chocar com os da plutocracia e oligarquia políticas, conduzindo a classe média por cima, a partir da luta contra corrupção “encarada como uma luta para a refundação do Estado, eliminando os aspectos “patrimoniais” que consideram ser um atavismo brasileiro e não uma característica estrutural da imbricação entre poder econômico e político que é típica do capitalismo” (Bastos, 2017: 39).

Dessa forma a ideologia e interesses de setores do judiciário brasileiro, materializados em sua luta contra a corrupção, também convergem com as expectativas de setores de militares e da segurança pública, assim como de categorias de profissionais liberais, a partir da lógica da livre concorrência e da constituição de um Estado que assegure os privilégios conquistados supostamente a partir do mérito individual. Bastos

(2017) indica que o projeto conduzido por este setor aparenta querer purificar o Estado e a sociedade, utilizando-se dos dispositivos coercitivos que estão à sua disposição, ainda que de forma arbitrária, trazendo como dano colateral a própria deslegitimação da política, da democracia e desrespeito à própria ordem legal. Esta ideologia que hipervaloriza o burocratismo e o mérito (descontextualizado das condições sociais) induz a preconceitos políticos com os de baixo.

No entanto, não podemos reduzir somente a classe média ao espectro de influência de uma ideologia de estímulos neoliberais. Boito Jr., já em 2003, constatava uma adesão do sindicalismo brasileiro e do então debutante governo petista (comandado por correntes do próprio sindicalismo) à ideologia neoliberal:

é importante destacar uma ideia geral: ocorreu um processo político e social no Brasil ao longo dos anos 90 que resultou na implantação de uma nova hegemonia burguesa em nosso país, baseada no discurso e na prática do modelo capitalista neoliberal dependente. Colocado o problema dessa forma, a ‘maior conversão’ do PT ao credo do livre mercado aparece como mais um episódio – ainda que sem dúvida um episódio de importância maior – nesse processo de implantação e consolidação da nova hegemonia burguesa. Essa hegemonia transcende o nível dos partidos políticos, já que age sobre as próprias classes sociais” (Boito Jr., 2003: 04).

Com o desenvolvimento do “modo de governar petista”, com uma política de largo enriquecimento dos setores rentistas e industriais e melhoras na condição de vida dos mais pauperizados, podemos deduzir que seus seguidos governos negligenciaram a disputa ideológica da sociedade, sem conduzir reformas estruturais que assegurassem o acesso a direitos para os historicamente penalizados pelo sistema político ou alterassem a correlação de forças no interior da sociedade, adaptando-se ao modelo já constituído.

## **2.2. O GIGANTE ACORDOU? O CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 E MARÇO DE 2016**

As manifestações de junho de 2013 se iniciaram a partir da convocatória do Movimento Passe Livre (MPL), tendo como eixo central a questão do aumento do bilhete no transporte público em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, bem como sua baixa qualidade, e evoluiu para um processo descentralizado de convocatória – sem o protagonismo evidente de nenhum grupo político organizado ou movimento social tradicional – geograficamente amplo, ocorrendo atos em todas regiões do país. Sua pauta dissolveu-se em temas diversos: desde questões estruturais como direito à saúde e educação, passando pelo alto custo para a realização de megaeventos (como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016), o combate à corrupção e a liberdade de manifestação. Neste sentido, evidencia-se o caráter autônomo das manifestações e sua amplitude, tanto no espectro de pautas políticas, quanto de quantidade de pessoas e compreensões subjetivas, como proposto pelo MPL (MPL – SP, 2013).

As manifestações de 2013, além disso, não demonstraram ter como alvo prioritário uma única agremiação política ou liderança, atingindo-as de forma ampla, a partir da sua atuação na administração do Estado (Cardoso e Di Fátima, 2013; Cardoso, Di Fátima e Lapa, 2016). Ainda assim, estas podem ser

entendidas como o prenúncio do esgotamento do ciclo petista de controle do Estado brasileiro, já abalado desde 2011, em sangria pela queda dos preços das *commodities*, do consumo interno e pela redução de investimento nas estruturas públicas do país (Anderson, 2016).

Somam-se a estes fatores o progressivo distancia/mento de setores que antes compunham a base social do governo, os sucessivos escândalos de corrupção, a opção por um modelo de governabilidade com partidos e parlamentares que anteriormente compunham o bloco antagônico à sua política ideológica e a adesão de instrumentos tradicionais de organização social, como os sindicatos, às estruturas do Estado (Braga, 2016; Boito Jr., 2003; P. Anderson 2016). Supera-se, portanto, a perspectiva de que as manifestações surgiram em contexto inesperado, reafirmando a ideia de que a insatisfação generalizada demonstrada é resultado de um longo processo acumulativo de descontentamentos (Cardoso e Di Fátima, 2013).

Para compreensão da transição das manifestações de 2013 para as que ocorreram em 2016, é relevante ter em vista duas evidências indicadas por Sakamoto (2013): a primeira delas, de que o Facebook e Twitter haviam ido às ruas, pôde ser observada pelo fato das convocatórias terem se dado nas redes sociais online, com o conteúdo dos cartazes empunhados por manifestantes fazendo referência às próprias redes; a segunda evidência é de que houve uma alteração do perfil dos que inicialmente estavam protestando, com entrada de grupos conservadores que também utilizaram a internet para “pegar carona” nos atos com suas pautas paralelas, utilizando-se de um discurso de fácil adesão, com o nacionalista verde e amarelo como uniforme e transportando a agressividade que utilizam nas áreas de comentários de blogs e nas redes sociais para as ruas, sob o anonimato da multidão, em alguns momentos atacando verbalmente e fisicamente militantes de sindicatos e de partidos presentes nos atos.

Deve-se observar, também, a transmutação do conteúdo editorial dos principais veículos de imprensa do país, da qual indicamos três etapas: é relatado em estudos sobre as manifestações de 2013 (Cardoso e Di Fátima, 2013; Cardoso, Di Fátima e Lapa, 2016) que, em função da utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) para a denúncia da violência sofrida pelos manifestantes, há a mudança da linha editorial das mídias tradicionais, que em um primeiro momento tentaram associar os manifestantes a atos de violência, mudando para um discurso onde os manifestantes eram sujeitos no exercício do direito de manifestação pacífica, sendo estes arbitrariamente coibidos, de forma excessiva, pelas forças policiais. Adicionamos aí um terceiro momento, onde os veículos de comunicação passaram a tentar “cooptar” as manifestações, instigando-as e pautando-as (Lima, 2013) e até definindo como elas deviam se comportar, estabelecendo uma dicotomia entre legítimos manifestantes pacíficos e a “minoria” de vândalos mascarados.

Já as manifestações de 2016 demonstram um caminho diferente: mesmo apresentando uma convocatória descentralizada e com forte utilização das TICs, teve o seu principal mote no combate à corrupção e no apoio à operação Lava Jato, tendo como fim estratégico o impeachment da presidente Dilma Rousseff e a negação do Partido do Trabalhadores e das políticas identificadas como de esquerda, com o

protagonismo evidente de novas lideranças e movimentos sociais direcionados ao liberalismo econômico e ao conservadorismo comportamental, como o Movimento Brasil Livre e o Vem Pra Rua (ambos criados na esteira das Jornadas de Junho), com forte confiança de seu público (Firmino, 2016).

Estas manifestações contavam, preferencialmente, com um perfil específico de público: branco, com alta escolaridade e renda correspondente, indicando um perfil comum com a classe média, em especial a alta classe média (Firmino, 2016). Estes manifestantes também possuíam um descrédito generalizado nas instituições políticas, inclusive ONGs e movimentos sociais tradicionais, pertenciam a uma faixa-etária mais alta, com idade média de 40 anos (58% tinham de 36 anos para cima) e acreditavam que as redes sociais online possuem muita influência (Gomes, 2017).

As mídias tradicionais não apresentaram o mesmo movimento contraditório e pendular de 2013 e atuaram ativamente na divulgação das manifestações, construindo a crença de que o impedimento de Dilma Rousseff viria a ser um resultado destas, tendo o protagonismo dos seus sujeitos em destaque na agenda midiática (Goulart e Soares, 2017).

Alonso (2017) compreende três ciclos de repertórios de confrontos, construídos pelos manifestantes, entre 2013 e 2016. Primeiramente o ciclo mosaico (junho de 2013), com características autonomistas (semelhante aos protestos globais de 2011-2013), onde inicialmente predominaram ativistas autonomistas e socialistas à esquerda do governo Petista, e sequencialmente, com a amplificação do alcance das manifestações, contou com a aderência de um setor sem ativismo prévio, com um repertório patriota, que ia do liberalismo ao conservadorismo. Segue-se o ciclo patriota (março e abril de 2015), marcado pelo formato tradicional de manifestação (com discursos centralizados em carros de som) e com uma liderança dividida entre o Vem Pra Rua (a ala mais liberal), o Movimento Brasil Livre (uma espécie de meio termo) e o Revoltados *On Line* (uma espécie de frente abertamente reacionária), tendo em comum o patriotismo e a pauta anticorrupção. Por fim o ciclo do impeachment (dezembro de 2015 a março de 2016), onde há uma maior polarização entre a predominância patriota e a reação de um setor socialista (Frente Povo Sem Medo, Frente Brasil Popular, CUT, MTST e MST), ilustrados pelas campanhas online de #foradilma e #naovaitergolpe, com êxito evidente do primeiro grupo, que conseguiu solidificar uma retórica moralizadora (moralização pública e anticorrupção) e moralista (pátria, religião, família e valores da sociedade tradicional).

Alonso (2017) também identifica como efeito colateral destes três ciclos consecutivos de confronto, o nascimento do governo pós-impeachment em um terreno movediço, com uma sociedade mobilizada e dividida, mas sem que houvesse disposição para garantir a efetividade do novo governo de Michel Temer (PMDB).

### **2.3. A ALTERNATIVA TEMER E A SUA PONTE PARA AO FUTURO (2016 – 2018)**



O esgotamento do ciclo de governos petistas estabelece as condições políticas para que as frações da elite brasileira, agora unificadas em um único programa económico e social, busquem uma representação mais alinhada e capaz de efectivar a sua agenda; assim se constroem as condições para o impeachment da presidente Dilma Rousseff e ascensão ao poder do então vice-presidente Michel Temer (PMDB). Não nos cabe aqui aprofundar o debate se o impedimento da presidente eleita pode ser considerado um golpe de Estado ou não, mas compreender a que projeto de poder o então governo Michel Temer se alinha e sua consequência no contexto social brasileiro.

O programa de Temer fica explícito no documento programático apresentado pelo PMDB intitulado de “Ponte para o futuro”. Segundo Cavalcanti e Venerio (2017), o programa apresentado neste documento, centra-se no mercado como principal eixo para o desenvolvimento do país, colocando o bem-estar social para segundo plano. Para os autores, em linhas gerais:

“percebe-se no documento uma grande preocupação com a crise fiscal (diminuição dos recursos carregados aos cofres públicos) e com a rigidez do orçamento (“dificuldade” para alocação dos recursos). Esses fatores, combinados com a indexação de benefícios (salários, aposentadoria e etc.) e com a falta de uma ampla reforma da Previdência, teriam contribuído para o desequilíbrio das contas do Governo, para o aumento da inflação e para a crise económica em um modo geral” (Cavalcanti e Venerio, 2017: 155 - 156).

A solução proposta passaria então pelo crescimento económico, reforma do orçamento flexibilizando o gasto público; redução da taxa básica de juros e pela reforma da Previdência Social (com a desindexação de benefícios pelo salário mínimo e aumento da idade mínima para aposentadoria).

Paulini (2016) demonstra que este programa significa acabar com a obrigatoriedade constitucional de gastos com educação e saúde, como constatado na aprovação da chamada “PEC do Teto dos Gastos”, que limitou o investimento do Estado à taxa de inflação do ano anterior, fazendo com que não haja crescimento real de investimento, independente do setor, e permitindo que gastos obrigatórios na constituição de 1988 não sejam efetivados, caso eles extrapolem o teto previsto. Para a autora, o conjunto das políticas constitutivas deste governo é uma agenda “puro-sangue” neoliberal, com aumento da iniciativa privada em todas as áreas, com transferência de ativos, redução da interferência do Banco Central sobre o câmbio e desregulamentação da economia, com alterações profundas nos direitos trabalhistas estabelecidos na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Ao observar a política do governo Temer para o setor agrário, Cunha (2017), ainda que reconhecendo o histórico de omissão do Estado na universalização de políticas públicas voltadas para os camponeses, incluindo aí os governos Lula e Dilma, aponta que este atende especialmente aos interesses do agronegócio latifundiário.

Cunha (2017) demonstra que, somado à exportação de mineração e petróleo bruto, o agronegócio representa mais de 60% da pauta brasileira, no que ele denomina como hegemonia económica dos capitais

que exploram diretamente a natureza. Neste sentido, agrominero-exportação, junto com o mercado financeiro e corporações ligadas à construção pesada, são atores hegemônicos da economia brasileira. Segundo o autor, o governo Temer, que nasce organicamente desses setores, tem como política para o campo o desmonte de programas de apoio aos camponeses, somados à reforma trabalhista e à proposta de reforma previdenciária que asseguraria mais recursos para o capital financeiro especulativo. Em linhas gerais, o projeto de governo para o campo brasileiro estaria dividido em: inviabilização das políticas públicas para reforma agrária; legalização da grilagem em terras públicas; estrangeirização do território brasileiro, incrementando a convergência do latifúndio/empresa agrícola com o capital financeiro especulativo:

Apesar de representar a agenda dos principais setores do capital brasileiro e a manutenção de uma articulada base parlamentar (capaz de aprovar matérias complexas e impopulares, como a PEC do Teto dos Gastos e as alterações da CLT), o governo Temer não contou com a sustentação de uma base popular, ao ponto de fechar o seu mandato com a rejeição de 62% dos brasileiros, conforme pesquisa publicada pelo instituto Datafolha (em janeiro de 2019) e, em junho de 2018, ter atingido o recorde negativo de 82%, segundo o mesmo instituto. A impopularidade do governo pode ser compreendida pela campanha negativa construída a partir dos setores de esquerda e progressistas – contrários ao impeachment da presidente Dilma Roussef –, pela implementação de uma agenda marcada pela retirada de direitos historicamente consolidados e pela continuação das ações da operação Lava-Jato.

Pode-se apontar que a alternativa Temer revelou uma doutrina de mercado apoiada no corte de gastos e numa suposta responsabilidade fiscal, como se naturalmente essas máximas significassem uma maior entrada de capital privado e conseqüentemente a resolução dos graves problemas sociais do Brasil, no entanto:

“crescimento econômico”, “aumento da produtividade”, “exploração mais eficiente de recursos naturais”, “política de desenvolvimento centrada na iniciativa privada”, “aumento das concessões”, entre outras expressões utilizadas pela plataforma política do governo Temer, não conduzem, isolada e necessariamente, a um panorama social mais justo. Há outro fator crucial para o País: a distribuição mais equitativa das riquezas que gera (Cavalcanti e Venario, 2017:158).

Não esteve no alicerce da ponte proposta pelo último governo uma perspectiva mínima de distribuição de riquezas; não foi à toa, como destaca Paulini (2016), que o programa implementado em nenhum momento caminhou para uma reforma tributária que regulasse, por exemplo, a tributação de grandes fortunas e taxaço de ganhos financeiros e remessas de lucros para o exterior. Nas palavras de Paulini:

Uma ponte para o abismo no qual precipitará o país, refém de interesses específicos e de uma riqueza privada tirânica que busca o alcance dos próprios objetivos a qualquer custo, mesmo que isso signifique lançar 200 milhões de brasileiros no perigoso vazio da anemia social, do qual o modelo conciliatório anterior tentava escapar (Paulini, 2016: 93).

### **CAPÍTULO 3: A EXTREMA-DIREITA E JAIR BOLSONARO**

Compreendemos a candidatura de Jair Bolsonaro como a expressão de uma fração de classe que disputa, tanto o aparato de Estado como também o controle da sociedade civil, com o intuito de se constituir como o setor dirigente da classe dominante. Nesses marcos, compreendemos que o seu discurso é revelador de um projeto de poder que é mediado pela realidade sociopolítica brasileira contemporânea, mas não deslocado de uma estrutura ideológica, podendo ser comparado ou confrontado com outras experiências políticas presentes na história da sociedade moderna, já sistematizadas e estudadas por outros autores.

Para compreensão do discurso adotado pelo candidato durante as eleições (especialmente em sua conta de Twitter), é fundamental ter em vista o que Jair Bolsonaro representa, não apenas como indivíduo, mas como representação de um espectro ideológico da sociedade, que se expressa tanto em sua história política, como no programa da candidatura e na própria expressão textual do discurso produzido por esta.

#### **3.1. DE QUE DIREITA ESTAMOS FALANDO?**

Se partimos da ideia de que a candidatura de Jair Bolsonaro é a expressão de um projeto de poder, ideológico, com uma matriz de extrema-direita, é necessário, primeiramente, demonstrar a permanência dos conceitos de “direita” e “esquerda”, para na sequência comprovar que esta candidatura está no espectro da direita e mais, em seu extremo.

Após a queda do muro de Berlim e a decomposição do bloco soviético, muito se especulou que se trataria do fim da história, ou ao menos da díade política direita-esquerda, caminhando a sociedade para discussões centradas em temas específicos e não mais em ideologias constituídas (Bobbio, 1995). O que podemos observar no Brasil, assim como em outros países da América Latina – como revelado em diversas pesquisas empíricas, a exemplo dos estudos conduzidos por André Singer (Singer, 2002), sobre a composição ideológica do eleitorado brasileiro –, é o contrário disto; há a continuidade dos termos conceituais de esquerda-direita (Cardim, 2007). Há, como indica Sá (2016), em um tempo em que a política se afastou da representação de ideais para se constituir como mera administradora de coisas, um espaço simbólico para que setores da esquerda e da direita ocupem o sentido de ação contestatária.

Neste sentido, Bobbio (1995) não só indica a sobrevivência desta díade como aponta a existência de outra díade – não antagônica à primeira, mas de certa forma complementar – que seria o extremismo-moderantismo: nesta, a controvérsia é o método, enquanto na antítese entre direita e esquerda a controvérsia está, sobretudo, nos valores.

Em Bobbio (1995), também compreendemos como critério distintivo entre direita e esquerda “a diferença de atitude que os homens que vivem em sociedade assumem em relação ao ideal de igualdade” (Bobbio, 1995: 76). Assim, à esquerda estariam aqueles que compreendem a desigualdade como uma construção social, logo possível de ser eliminada; à direita os que consideram a desigualdade como um

elemento natural, portanto não eliminável. Dentro deste espectro, pode-se indicar a afinidade da esquerda com um ideário emancipatório e a direita com o tradicionalismo (ambos aqui vistos como um valor). Sobre a díade extremismo-moderantismo, em Bobbio (1995), podemos distingui-la pelo comportamento em relação ao ideal de liberdade, sendo o extremismo mais próximo do autoritarismo.

### **3.1.1. EXTREMA-DIREITA; ENTRE O NEOPOPULISMO E UM FASCISMO DE NOVO TIPO**

Um dos fenômenos que tem tomado espaço nas análises e estudos acadêmicos sobre a política contemporânea é a ascensão de um novo tipo de populismo; no entanto, este por vezes é vulgarizado e compreendido como qualquer manifestação antissistema, independente do seu conteúdo interno. Torna-se então necessário categorizar o que compreendemos como populismo e neopopulismo.

Louçã (2018) contribui nesta discussão, em especial, por considerar ser inviável a constituição de uma “teoria geral do populismo”, ou seja, não se pode falar de populismo, mas sim de populismos, sendo estes vistos a partir de abordagens a realidades históricas concretas. Em síntese, o autor considera que os populismos crescem hoje a partir da predominância do mercado financeiro e as deformações impostas por este nas soberanias nacionais; que o espaço dos populismos se relaciona com a crise da social-democracia e sua adesão ao neoliberalismo; que o próprio antipopulismo pode ser considerado uma forma de populismo, quando este, em hostilidade contra a plebe, considera que a representação deve ser encarnada exclusivamente pelas elites e suas instituições.

Por fim, considera-se que:

Os populismos de direita favorecem uma vaga autoritária que assume diversas formas, como a intervenção política por via do judiciário, que é uma forma de vitória aristocrática; os populismos de esquerda ignoram os programas ou as propostas que deveriam tornar consistentes a sua alternativa [...] Assim o populismo é à esquerda uma estratégia discursiva sem estratégia política, ou uma promessa de vencer um conflito, sem conflito, ao passo que à direita representa hoje uma tensão entre o neoliberalismo e a democracia, favorecendo a emergência de soluções autoritárias, a marca deste primeiro quartel do século. Por outras palavras, não existe e nem pode existir uma teoria geral do populismo, pois este não é um fenômeno classificável em abstrato: existem populismos, mesmo que não haja um padrão populista unificado (Louçã, 2018: 232)

Não obstante a crítica de Louçã (2018), em relação a constituição de uma teoria geral do populismo, procuraremos demonstrar aqui um quadro arquetipo, estabelecido a partir de uma determinada abordagem da nossa realidade histórica, relacionado ao nosso objeto de pesquisa.

Primeiro especifica-se que, de acordo com Müller (2017), para ser considerado populismo, é necessário ser crítico de uma determinada elite. Mas não é o suficiente: o populismo sempre parte do anti-pluralismo, se baseia em uma representação exclusiva de “povo” distintamente moral, sendo uma forma de política identitária, e se materializa em um conjunto de reivindicações que conseguem estabelecer alguma

ordem interna. Em certa medida, pode-se dizer que populismo parte de um tipo ideal de “povo” sempre “infalível”, onde aqueles que não comungam destes mesmos ideais já não podem ser considerados como parte do “povo”; este é representado, em sua totalidade, por um líder que, por consequência é também “infalível”, uma vez que apenas emana a vontade e as ideais de cem por cento deste “povo”. Quem questiona o líder não apenas é inimigo deste, mas sim do “povo”, fazendo com que a emergência de teorias conspiratórias seja natural à própria lógica retórica do populismo (Müller, 2017).

Já Honório (2018) considera que no populismo, por um lado, a sociedade não é compreendida a partir da ideia de um conjunto indivíduos/cidadãos constituídos a partir de uma lista de direitos constitucionalizados e nem pela representação individual de soberania, por outro, também não se constitui como palco da luta de classe entre explorados e exploradores, sendo a ideia de “povo” validada apenas pela antítese do “inimigo”, deslocada de uma categoria sociológica, como classe trabalhadora ou assalariado, e sem a posse da autonomia como sujeito político, já que a representação é secundarizada em benefício da fusão e mediação regulada pelo líder. Assim, considera:

No terreno da ideologia e do combate político, o populismo, que se diz antissistema, faz parte dele e precisa dos eleitores – para a cisão moral entre o “povo” (bons) e a elite/inimigos (maus), é necessária a convocatória dos assalariados e classes médias (“nativos”), das classes trabalhadoras do setor privado – como anota Paul Taggart – dos excluídos da globalização, que se revejam numa ideia de povo e num líder, que encontrem inimigos, e que alinhem na busca de uma verdade salvífica, de uma cura rápida (Honório 2018: 34)

Em relação ao populismo de extrema-direita, Rosas (2019) indica que este tem três traços comuns em relação ao seu discurso ideológico: o nacionalismo xenófobo e racista; o autoritarismo do Estado, como ideologia repressiva e culto da violência policial; e a intolerância contra minorias sexuais e os direitos das mulheres. Em relação à pauta econômica, Rosas aponta que os registros variam desde a adesão a estratégias ultraliberais, até as críticas moralistas a *plutocracia* neoliberal, em apoio a um nacionalismo econômico e um protecionismo sem, no entanto, colocar o sistema capitalista em causa.

Há, no entanto, como indicado em Honório (2018), autores que apontam um uso do populismo como “estilo político”, transversal a todas ideologias, chamando-o de neopopulismo.

Assim, o neopopulismo pode ser considerado uma nova forma de se fazer política e de exercer o poder, onde os referenciais partidários teriam uma subexposição em relação ao caráter do indivíduo e sua performance midiática, tendo as referências bibliográficas e literárias do sujeito político como importante plataforma discursiva para a construção e/ou reforço de imagens e estereótipos no contexto público, em um tempo marcado pela utilização de múltiplas plataformas para difusão publicitária destas personalidades. A biografia do sujeito e a utilização de discursos públicos legitimados buscam a defesa de uma ideia central, estabelecendo conexão com uma ideia generalista e unidimensional de povo, o qual dedica uma devoção irrestrita à sua imagem. O líder neopopulista possui uma imagem mitificada e direciona o seu discurso à

identificação de alvos específicos para a solução (simplificada) de problemas sociais (Nervo, 2014). Pode-se afirmar, portanto, que:

estereótipos, mitos e arquétipos são trabalhados para a galvanização de histórias de vida centradas em possíveis vínculos com as origens e a realidade de grupos minoritários ou marginalizados. A classe trabalhadora organizada deixou de ser o cerne dos apelos neopopulistas, oferecendo espaço para que, em cada país, determinados segmentos populacionais sejam eleitos como fonte de legitimação (Nervo, 2014:215).

No processo comunicacional, o populismo (e conseqüentemente o neopopulismo) tendem sempre a eliminar o intermediário, construindo um sentimento de ligação direta e de identificação, independente de organizações partidárias complexas e da mediação dos media – ainda que estes também se façam como meio –, em uma “representação direta”. As redes sociais *online*, neste contexto, “caem como uma luva”, uma vez que permitem que o “verdadeiro cidadão” tenha acesso direto ao líder, ao mesmo tempo em que tudo aquilo que poderia se contradizer ao seu discurso é silenciado na “câmara de ar da internet” (Müller, 2017).

Taguieff (2007) indica que o neopopulismo está atrelado à antipolítica – que estabelece uma ideia homogeneizante da política, como uma toda nefasta, assim como as suas instituições representativas (Woldenberg, 2013)<sup>8</sup> – ao antipartidarismo, fortalecidos pela crise de representatividade e pelo receio da perda de identidade nacional, a partir dos efeitos da globalização, sendo a proposição de superação do sentimento de insegurança o restabelecimento autoritário da ordem e o rechaço da classe política. Este restabelecimento da ordem é emanado pelo culto do povo (aqui visto como o imaginário coletivo individualizado, constituído por uma suposta maioria à exclusão de uma minoria) e emerge deste “povo”, sob a condução de um líder carismático, que pode ser visto no sentido weberiano do termo<sup>9</sup>, em oposição

---

<sup>8</sup> Considerando Schedler, Woldenberg (2013) aponta a lógica da antipolítica como um discurso que iguala todos os políticos, ou todos os partidos políticos em um único bloco indiferenciável, parte de uma mesma classe, onde não importam as distinções de situação e oposição, ou esquerda e direita, vistos como os dois lados de uma mesma moeda, sendo estes responsáveis pelas mazelas de um “povo” sempre vitimado, questionando assim as próprias instituições políticas: “En una palabra, para que la pulsión antipolítica pueda avanzar se requiere primero convertir a las diversas opciones en un conglomerado indiferenciado y luego atribuir a ese monolito todos los males que aquejan a la venturosa y límpida sociedad” (Woldenberg, 2013:106).

<sup>9</sup> Em resumo, em Weber, a dominação carismática é caracterizada pela personificação, baseada na atribuição coletiva de faculdades extraordinárias, das orientações de valores relacionados a missão e pela relação de autoridade, sendo atribuída à pessoa carismaticamente qualificada características de personalidade. Assim, o “poder” do carisma se manifesta na suspensão da validade de ordens e instituições tradicionais por meio da personalização de relações autoritárias e da reinterpretação de estruturas do cotidiano, substituindo-as por novas interpretações de ordem e princípios de legitimidade, conseguindo provocar uma perturbação passageira na realidade ordinária (Bach, 2011).

às elites econômicas e/ou intelectuais ou a um perigo externo, que resume sua mensagem a uma ideia de “confie em mim” ou “me siga”, evidenciando ainda um discurso nacionalista.

O neopopulismo, ao contrário do populismo tradicional, parece predominar pela defesa do *status quo*, uma vez que se alimenta do apego dos que, de alguma forma são favorecidos pelo sistema, às vantagens adquiridas (ameaçadas nas crises da globalização financeira e comunicacional), sem se preocupar efetivamente com setores excluídos; destaca-se ainda que só se deve considerar o apelo ao povo como populismo, quando este exclui as mediações institucionais (Taguieff, 2007). Desta forma, este novo populismo sequer pode ser visto como inteiramente antielitista, uma vez que “os populistas não têm problemas com representações, desde que sejam eles os representantes; similarmente, dão-se bem com as elites, desde que sejam eles as elites que dirigem o povo” (Müller, 2017:44).

Tal qual o conceito de populismo, não é tão simples conceituar o fascismo, tanto pelo seu caráter multifacetado, quanto pela ausência de uma matriz teórica mais consistente (Eco, 1998; Hobsbawn, 1995). Nem toda manifestação de extrema-direita e nem o populismo de direita pode objetivamente ser caracterizado como fascismo, da mesma forma que manifestações políticas racistas não necessariamente podem ser caracterizadas desta forma, e tão pouco o simples apelo ao nacionalismo exacerbado (Taguieff, 2007; Hobsbawn, 1995).

No levantamento histórico conduzido por Hobsbawn sobre o período que ele alcunhou de Era dos Extremos, podemos concluir que o fascismo que ascendeu nos anos 30 e 40 do século XX pode ser caracterizado, de forma sintética, como um movimento anticomunista, antiliberalismo (aqui compreendido como a doutrina filosófica basilar das revoluções do século XIX e não apenas como uma matriz econômica) e com fortes apelos nacionalistas, mas especialmente constituído como um largo movimento de massas, pertencente à era da política democrática e popular, sendo os revolucionários da contra-revolução, em uma retórica que apelava aos que se consideravam vítimas da sociedade e que propunha a modificação radical desta. Ainda que o fascismo enfatizasse os valores tradicionais, denunciasse a emancipação liberal e desconfiasse da influência da cultura moderna, os fascistas não se apelavam como guardiões históricos da ordem conservadora, mas sim se propunham a complementá-la com um princípio de liderança corporificado no homem que se faz a si mesmo, legitimado pelo apelo das massas e por ideologias seculares e às vezes cultas. Por mais que, formalmente, não acreditassem em modernidade e progresso, não se acanhavam em combinar suas crenças com uma modernidade tecnológica em questões práticas e convergentes com sua pesquisa científica ideológica, sendo triunfantemente antiliberal (Hobsbawn, 1995).

Rosas (2019), por sua vez, considera sete teses que fundamentam o fascismo enquanto regimes: 1) O fascismo enquanto movimento e enquanto poder deve ser encarado como fenômeno e categoria histórica, ou corre o risco de não compreendido ou ser apreciado a partir de um “subjetivismo tipológico e idealista” capaz de neblinar a realidade; 2) O fascismo é um produto do capitalismo, sendo a expressão da crise do

sistema e a resposta das classes dominantes ao seu efeito de alteração e subversão; 3) Nenhum movimento fascista conquistou o poder por si só, sendo este enquanto regimes resultado da aliança da direita conservadora fascista, com o fascismo plebeu do movimento, sendo o encontro de uma dupla fascistização (de “cima para baixo” e “de baixo para cima”) em uma ditadura de novo tipo; 4) Ainda que diferenciado em suas expressões nacionais concretas, é unificado como fenômeno político, social e ideológico de novo tipo, a partir das pré-condições históricas para sua emergência e das características essenciais comuns, configurando uma época histórica específica, ao qual o autor chama de “época dos fascismos”; 5) O fascismo deve ser visto como um fenômeno dinâmico, complexo e mutante, variando do fascismo enquanto movimento (plebeu, radical, miliciano e terrorista) e enquanto regime (que acede e partilha o poder com aliados conservadores das classes proprietárias); 6) O totalitarismo é uma dimensão ideológica essencial dos regimes fascistas com o propósito de modelação e controle em todos os níveis da sociedade, através de aparelhos estatais ou partidários direcionados para divulgação e efetivação dos valores ideológicos do regime; 7) A violência fascista do século XX deve ser explicada tendo em vista os significados do colonialismo moderno comungado com a modernidade tecnológica da segunda revolução industrial, em um contexto de violência ilimitada dos colonizadores europeus contra os povos colonizados da África e Ásia.

Tanto em Hobsbawn, (1995), como em Rosas (2019) vemos como uma das bases para o crescimento do fascismo, o ressentimento de homens comuns contra uma sociedade que os pressionava entre as grandes empresas e os movimentos de base trabalhista, que os privava da posição respeitável e do *status quo* que julgavam – ou aspiravam – ter na ordem social. Em Hobsbawn (1995), tratava-se, sobretudo, de grupos inferiores e médios da sociedade europeia, uma militância da classe-média e da classe-média baixa (com um especial apelo à juventude e aos militares) que virou para a direita radical, principalmente em países que não haviam consolidado as ideologias de democracia e liberalismo. Em Rosas (2019) como tentativa de solução para os impasses práticos e teóricos do liberalismo, a partir da primeira grande crise dos sistemas liberais ocidentais, e da própria crise de representatividade do Estado e de legitimidade do sistema oligárquico partidário, em especial no países da periferia europeia, onde a segunda Revolução Industrial tardaria a chegar e que não haviam conseguido consolidar mediações democratizantes, à exceção da Alemanha que, de toda forma, derrotada na primeira guerra mundial, passava por um processo de periferização da sua economia.

Destaca-se em Hobsbawn (1995), que o que deu oportunidade para o crescimento do fascismo pós-primeira guerra, foi o colapso dos velhos regimes e das velhas classes dominantes, junto com a sua hegemonia (potencializada com a grande depressão de 1929), sendo que tanto o fascismo italiano de Mussolini, como o nazifascismo de Hitler foram alçados ao poder por via institucional e com conivência do velho regime, a partir da sua base social; a diferença é que, uma vez no poder, as regras dos velhos jogos



políticos já não precisavam ser seguidas, transferindo um poder total para aqueles que se alinhavam ao “grande líder”.

Já Rosas (2018) aponta que no campo teórico programático os fascistas adotam, no essencial, “o discurso doutrinário nacionalista, organicista, corporativo, autoritário, por vezes irredentista ou racista, sempre antidemocrático e antissocialista/comunista que fora construído pelas elites da direita contrarrevolucionária preexistente” (Rosas, 2018: 48) e têm no tocante da política prática três importantes contributos para o processo contrarrevolucionário: “o culto da violência irrestrita, o populismo como catalisador de uma base de massas indispensável à subversão do sistema e a apologia da ideia unificadora da chefia carismática” (*idem*: 49).

Roger Griffin (2007), ao analisar a batizada Nova Direita, que ascendeu nos pós-guerras, indica um tipo ideal de fascismo, ultranacionalista revolucionário, consolidado no mito mobilizador do renascimento da nação em uma nova ordem pós-liberal, que teria como base um tripé ultranacionalista, populista e palingenésico (a pretensão de integrar idealmente os membros “genuínos” da comunidade nacional, criando um novo homem). Além destes aspectos, Griffin também aponta que o fascismo deve ser identificado com critérios ideológicos, a partir de práticas políticas; e não critérios de estilo, e que este não se resume ao fascismo italiano, nazismo e demais movimentos do gênero do período entre guerras. O autor também considera que não se deve excluir formas de fascismos de dimensão supranacional, ou um tipo de internacionalismo fascista baseado no triunfalismo do movimento nacional de cada país alinhado.

A Nova Direita também teria, entre 1968 e 1987, promovido um revisionismo fascista, indicando a primazia da teoria da hegemonia cultural à hegemonia política (adaptando a tese gramscianiana), preferindo, em vez de ações de caráter paramilitar, intensificar a construção de movimentos populistas com peso eleitoral, dinamizando um novo tipo de discurso metapolítico (fora do partido e da agitação paramilitar). Em sua revisão programática, o fascismo de novo tipo propõe a substituição da democracia baseada no direito humano universal e no dualismo igualdade x individualismo, por uma democracia alicerçada na comunidade orgânica e no respeito à desigualdade natural. Para os novos fascistas, o fascismo deve-se posicionar como uma terceira via entre o liberalismo e o bolchevismo, concebida em termos culturais, sociais e antropológicos, superando a dicotomia direita-esquerda, mas utilizando os elementos “saudáveis” de ambas as partes no criticismo antissistema (Griffin, 2007).

Tanto Griffin (2007) como Eco (1998) indicam que não poderia ressurgir o fascismo nos moldes do período entre guerras; no entanto, estão na contemporaneidade a partir de novos indicativos programáticos, mas sem renunciar aos elementos estruturais de sua gênese ideológica.

### 3.2. QUEM É JAIR MESSIAS BOLSONARO?

Jair Bolsonaro, deputado federal de 1991 a 2018 e militar da reserva, conquistou projeção nacional e adquiriu um séquito de milhões de seguidores, apresentando posições contrárias aos direitos humanos, em defesa do golpe civil-militar de 1964, na guarda dos valores morais conservadores, além de, frequentemente, pregar contra a esquerda e o comunismo (Grespan e Goellner, 2011; Benvenuto, 2015; Seffner, 2016; Gurgel *et al*, 2016).

A ascensão de Jair Bolsonaro e do projeto político por ele representado, não está dissociada de um contexto de crise social e política no Brasil, com uma evidente polarização da sociedade, onde é possível observar o surgimento de novos movimentos sociais e o crescimento de velhas lideranças que acenam com um programa de convergência entre uma agenda econômica ultraliberal e o conservadorismo nos valores sociais (Amaral, 2015).

Em artigo de Nascimento *et al* (2018), onde se investigou a constituição da imagem pública de Jair Bolsonaro a partir das pautas políticas associadas a ele em 30 anos (1987-2017) de matérias jornalísticas dos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo – dois dos principais periódicos brasileiros – com um escopo total de 536 matérias (em diferentes formatos como reportagens, colunas ou artigos, cartas dos leitores, manchete e etc.) que apresentassem pautas políticas de Bolsonaro ou imputadas a ele, pôde-se observar que as agressões verbais são parte considerável da construção da imagem do então deputado, gerando visibilidade e constituindo uma espécie de estilo próprio – este estilo próprio se fará presente também no nosso objeto de análise, como veremos de forma mais detalhada no capítulo 4 desta dissertação –. Os autores (Nascimento *et al.*, 2018) apontam que, em 30 anos desta cobertura jornalística, foram registrados: 12 referências sobre militarização da sociedade; 14 sobre apologia à pena de morte; 15 contrárias a povos e comunidades tradicionais; 17 sobre política externa; 30 relacionadas à campanha presidencial; 41 sobre combate à corrupção; 70 falando de apologia à tortura e uso da violência; 73 abordando os direitos dos militares; 141 relacionadas a apologia à Ditadura e ao Golpe Militar; 191 na pauta política anti-direitos humanos; e 114 categorizados como outros (uma categoria residual englobando posicionamentos do deputado em votações no Congresso e opiniões sobre os mais variados assuntos). Também se observa, ao analisar especificamente a frequência das categorias temáticas com mais matérias (apologia à tortura e ao uso de violência; direitos dos militares; apologia à Ditadura Militar e ao Golpe Militar; política anti-direitos humanos) é possível perceber uma certa regularidade nos posicionamentos do então deputado.

Os autores, com base nos dados recolhidos e tendo em vista as categorias mais mencionadas nas páginas dos jornais analisados, consideram que: a defesa dos direitos dos militares – comumente acompanhada de subversão e desrespeito à ordem hierárquica – sempre esteve presente na atuação parlamentar de Bolsonaro, no entanto se observa uma frequência maior no início de sua trajetória política,

sendo menor que outras categorias, permitindo a interpretação de que esta pauta foi um componente secundário na construção da imagem pública do deputado. Apologia à tortura e ao uso da violência é uma marca “indelével” da imagem pública de Jair Bolsonaro, amparada no raciocínio que o retorno da ordem social advém da disciplina, implementável apenas pelo uso da violência, independentemente da situação. Também presente em toda a sua trajetória política, a defesa da Ditadura e do Golpe Militar se mistura com a imagem pública de Bolsonaro, sendo uma componente fundamental dela. Já a pauta anti-direitos humanos é a que aparece com maior volume, sendo tímida nos primeiros anos de sua atuação parlamentar e apresentando um amplo crescimento a partir de 2011, em aparente contraposição ao papel que o tema adquiriu nos governos do PT, em especial no início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, fazendo com que os posicionamentos contrários aos direitos LGBTs ( e de outras minorias políticas) – atrelado a um discurso de defesa de uma suposta família tradicional e de valores religiosos – se tornassem uma das suas principais plataformas político-eleitorais, assumindo uma imagem de politicamente incorreto e promovendo nesta imagem a sua carreira política.

### **3.2.1. A AUTO-REPRESENTAÇÃO DE JAIR BOLSONARO**

Buscaremos, na seção que segue, compreender o sujeito político Jair Bolsonaro, a partir de sua auto-representação, ou seja da representação que lhe é autoconferida. Para tanto, a partir de suas mídias oficiais, tendo como base o seu sítio virtual de campanha [www.jairbolsonaro17.com.br](http://www.jairbolsonaro17.com.br) (arquivos anexos S,T,U) e o teaser “Bolsonaro em 30 segundos” (arquivo anexo R), analisaremos o discurso expresso e implícito, o dito e o não dito, conforme apontado no arcabouço teórico contido no capítulo 1 desta dissertação, em um exercício de ACD. Percebe-se que, ainda que o discurso não seja expresso em primeira pessoa, este se constitui como uma auto-representação por se tratar de mídias que falam de si, sobre o seu próprio controle e interesse, guardadas as devidas proporções, seria assim como falar de si mesmo na terceira pessoa do singular.

No sítio virtual da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro para presidência da república, ([www.jairbolsonaro17.com.br](http://www.jairbolsonaro17.com.br), acessado no dia 04/10/2018) o então presidenciável é descrito como tendo uma “trajetória política bem sucedida” e que sua atuação parlamentar, ao longo dos 30 anos, se destacou “pela luta contra a erotização infantil nas escolas e por um maior rigor disciplinar nas instituições de ensino; pela redução da maioria penal, pelo armamento do cidadão de bem e pelo direito à legítima defesa; pela segurança jurídica na atuação policial e pelos valores cristãos”, apontando ainda que foi ele o autor do projeto que instituiu o voto impresso, possibilitando a auditoria das urnas eletrônicas ao término das campanhas eleitorais. Jair Bolsonaro também é apresentado como pai de família “casado com Michelle, com quem teve sua filha caçula, chamada Laura, é também pai de Flávio, Eduardo, Carlos e Renan”, e com “uma carreira militar cheia de conquistas, como o primeiro lugar no curso de Educação Física do Exército”.

A mesma página também continha um hyperlink para páginas específicas, no sítio virtual, chamadas “Família Bolsonaro” e “Bolsonaro no exército”, que reforçam a importância que é atribuída ao aspecto familiar e à carreira militar na imagem pública de Bolsonaro.

É curioso observar que, enquanto os veículos tradicionais de mídia – pelo menos os tradicionais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, como observado em Nascimento *et Al* (2018) – caracterizam Bolsonaro como um representante corporativista de setores militares, subversivo e desrespeitoso à ordem hierárquica (elementos que não coadunam com a doutrina militar), na biografia disponibilizada em seu sítio virtual de campanha há uma valorização de sua carreira militar, imputando méritos individuais a esta; se é verdade que não há registro de participação de Jair Bolsonaro em missões das Forças Armadas, é descrito que o primeiro contato do “capitão” com o exército foi em 1970, na ocasião da perseguição ao desertor das forças militares e guerrilheiro Carlos Lamarca, quando Jair Bolsonaro “de forma discreta, aos 15 anos, ele participou da caça ao guerrilheiro”.

Descrito como “patriota”, em seu sítio de campanha, Jair Bolsonaro também é exaltado pelas aprovações na academia militar: “Na época em que ingressou na AMAN, havia 38 vagas disputadas por 40 mil inscritos. Bolsonaro estudou em uma Academia que oferece sólida formação em ciências exatas, com base de complexidade similar à de um curso de Engenharia. Trata-se de um dos cursos mais concorridos do Brasil, podendo ser comparado ao da West Point, Academia Militar do Exército dos EUA” descreve o sítio virtual de campanha, após mencionar que Bolsonaro se formou como paraquedista no curso de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1977; os méritos acadêmicos do então presidencial também são exaltados ao afirmar que “Quando Bolsonaro cursou Paraquedismo Militar, havia outros 250 alunos. Apenas 35, entre eles Bolsonaro, o concluíram e se tornaram elite. Depois disso, Bolsonaro ainda conquistou o primeiro lugar em uma turma de 45 alunos, na Escola de Educação Física do Exército, em 1982, e o primeiro lugar no curso de Mergulhador Autônomo, no Grupamento de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, em 1985”.

A auto-representação de Jair Bolsonaro adquire particular relevância em relação à estratégia política expressada em sua campanha, se a observarmos a partir do contexto político do Brasil e da representação de uma ideologia de extrema-direita: se Bolsonaro não pode ser retratado como um herói de guerra ou pela sua atuação militar propriamente dita, demonstra-se que desde a adolescência combateu o perigo do comunismo ao colaborar com os militares no cerco ao guerrilheiro Carlos Lamarca; se não há em seu histórico militar medalhas de honra ao mérito, ele figura com uma trajetória meritocrática ao ser aprovado em concorrido curso da AMAM (aqui comparada à Academia Militar do Exército dos Estados Unidos), ou ter figurado entre a “elite” da turma de paraquedistas ou ao ter “conquistado” o “primeiro lugar” da sua turma na escola de educação física do exército e o “primeiro lugar” no curso de mergulhador

autônomo, desconstruindo, inclusive, a ideia de que ele tenha sido um militar subversivo e antagônico à ordem hierárquica.

A importância dada, pelo menos durante a campanha eleitoral, a um perfil de um militar identificado com os valores de um determinado modelo de família, fica evidente no teaser televisivo “Bolsonaro em 30 segundos” onde Bolsonaro é apresentado ao público da seguinte forma: com uma música neutra de fundo, um locutor narra aspectos da vida do político, enquanto nas imagens passam fotos pessoais que ilustram o seguinte texto; “Jair Messias Bolsonaro. 63 anos. Casado com Michelle Bolsonaro. Nascido no interior de São Paulo, serviu com muito orgulho o exército Brasileiro, 1971 a 1988. Bolsonaro é pai de cinco filhos: quatro homens e seu xodó, a pequena Laura”. O teaser termina com uma imagem de vídeo – doméstico – de Laura dizendo “te amo”, O pai então sorri e carinhosamente pergunta para a filha, “e o beijo, onde fica?”; a filha corresponde ao afeto do pai, dando-lhe um beijo na face.

Tanto Piovezani (2017b) quanto Manzano (2017) apontam que o discurso na dimensão do audiovisual devem ser percebidos para além da sua dimensão textual, tendo em vista tanto aspectos relacionados ao uso da imagem (qual tipo plano de enquadramento? Qual altura e lado do ângulo adotado? Usa-se plano sequência? Há adoção de imagens fixas? Usa-se imagens consideradas caseiras? Por quê?) e ao uso do som ( há adoção de uma trilha sonora? Qual o sentido dramático que ela adquire? É introduzido algum narrador em *off*? Qual a tonalidade da voz adotada pelo político em uma determinada cena do seu Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral?), que contribuem para a provocação de efeitos de sentidos no discurso. Piovezani (2017b), por exemplo, fala que a variação linguística, no áudio de fala de um político, corrobora no processo de produção de uma identidade social do falante e dos efeitos de verdade dos enunciados, já Manzano (2017) a partir de Goffman, considera que enquadrar aciona quadros de sentido “que são uma espécie de dispositivo de referenciação que possibilita o sentido e orienta atitudes e comportamentos em dada situação” (Manzano, 2017: 202), sendo importante para o bom desempenho do papéis desempenhados pelos agentes que configuram o enquadramento da câmera. Assim, vale ressaltar o que nos aponta Piovezani, deslocando sua referência à televisão para suporte de reprodução audiovisual:

O discurso político eleitoral transmitido pela televisão é verbal, imagético e vocal e incide sobre a escuta e sobre o olhar do telespectador; esse discurso apresenta-se cada vez mais sob novas formas semiológicas, formula-se em uma ampla gama de gêneros discursivos e explora as possibilidades abertas por sua circulação em um *medium* audiovisual. Diante dessa sua configuração, cremos que uma abordagem discursiva que se detenha estritamente na linguagem verbal não seja suficiente para interpretar seu caráter compósito (Piovezani, 2017b:193)

Nota-se pelo texto do vídeo que há dois aspectos da vida de Bolsonaro que são destacados durante a campanha eleitoral: o militar que tem “orgulho” de ter servido ao seu país e o patriarca de uma família tradicional cristã “casado” e “pai de cinco filhos” – ainda que se omita que este está em seu terceiro casamento. O vídeo caseiro de Bolsonaro com a filha, ao final do teaser, suaviza e gera empatia à sua

persona, ao mesmo tempo em que tenta amenizar os efeitos de sua polêmica frase onde relatava ter tido quatro filhos homens e na quinta ter dado uma “fraquejada” ao ter uma filha mulher; afinal, fica explícito que Bolsonaro ama a sua filha.

Em um exercício de análise do discurso, como proposto por Rocha e Deusdará (2017), chama-nos particularmente a atenção o que não está expresso na peça publicitária: nos trinta segundos de apresentação do capitão do exército e pai de família, não é mencionado o fato de Jair Bolsonaro ocupar cargos eletivos – entre sua atuação no parlamento municipal do Rio de Janeiro e na Câmara Federal – por 30 anos, praticamente o dobro do tempo em que esteve a serviço do Exército Brasileiro. Poder-se-ia alegar, em um ponto de vista mais ingênuo, que esta ausência se dá pelo fato de o grande público já conhecer o parlamentar Jair Bolsonaro e que aqui a intenção seria apresentar um outro perfil do então deputado federal, na nossa interpretação a ausência revela um discurso não dito, mas significativo na auto-representação de Jair Bolsonaro.

Aqui, a escolha pela ausência é convergente, tanto com a matriz ideológica em que enquadramos o candidato, dando ênfase a um perfil pessoal de um militar nacionalista e conservador em um modelo estrutural de família, como pela conjuntura política do país, discutida no segundo capítulo desta dissertação, onde se observou que a crise estrutural do ciclo anterior cedeu espaço para uma agenda ideológica que visava “purificar o Estado e a sociedade”, a partir da hipervalorização do burocratismo e do mérito, com forte utilização do aparato coercitivo, liderada, em especial, por setores do judiciário brasileiro e militares, tendo como dano colateral a própria deslegitimação da política.

Esta ausência desloca Jair Bolsonaro da “fauna” política brasileira e gera atalhos para que o eleitor comum possa ver nele um candidato antissistema “contra tudo isso que está aí”. Ignora-se sua experiência e possível influência como parlamentar; ainda assim soma-se à imagem já familiar do homem conhecido através de noticiários e até de programas humorísticos pelas falas “politicamente incorretas”, polêmicas e agressivas, à do jovem que serviu com honra ao país, e do patriarca, flagrado em um singelo momento de troca de afeto com sua filha.

Tal qual indicamos no capítulo 1, em especial em Sargentini (2017b) e Pires (2017), esta mescla entre as dimensões “pública” e “privada” está frequentemente presente nas estratégias discursivas adotadas entre as principais candidaturas presidenciais brasileiras, adquirindo um estímulo a mais a partir da utilização das redes sociais *online* e do seu efeito de “proximidade distante”. Nota-se que o uso de uma imagem “doméstica” tanto expõe a intimidade do sujeito político Jair Bolsonaro, como o iguala às pessoas “comuns” que costumam utilizar as redes sociais *online* para expor as aspectos privados de suas vidas, a partir da captação de imagens domésticas.

### 3.3. PROGRAMA POLÍTICO

Nota-se que aqui não estamos a investigar apenas um sujeito em sua atuação discursiva, mas este quanto expressão de um campo político, que tem neste discurso político um mecanismo de disputa ampliada da sociedade; desta forma, para que possamos nos aproximar de uma compreensão de quem é e o que representa este “sujeito coletivo”, é preciso ter em vista aquilo que oficializa suas pretensões globais, ou seja, a proposta de plano de governo apresentado pela sua coligação para a disputa da presidência da república.

Assim, abordaremos este documento considerando-o tanto a sua dimensão programática, tendo em vista o que ele apresenta em um sentido mais propositivo no que se refere à gestão do Estado, como na dimensão de um discurso propagandístico político de características manipulativas, como indicado em Charaudeau (2010), o que será exposto adiante, no momento oportuno. Nota-se que a dimensão programática propositiva também se efetiva em um sentido discursivo, mas que na nossa compreensão contrasta com o discurso propagandístico político manipulativo, como indicado em Charaudeau. Também ressaltamos que, em sua totalidade, o discurso analisado é interpretado tendo em vista uma determinada compreensão ideológica ( como indicamos no capítulo 1, a partir do tripé que estabelecemos para a ACD, abordando os pressuposto de Pêcheux, Bakhtin e Verón).

O plano de governo de Jair Bolsonaro possui 81 páginas (contando também capa e contra capa), dividido pelas seções “Valores e Compromissos”, “Nova forma de governar! Mais Brasil, menos Brasília”, “Segurança e combate à corrupção”, “Saúde e educação” e “Economia e infraestrutura”.

Logo na capa e na contracapa do documento se percebe a religiosidade e o nacionalismo como componentes ideológicos importantes neste projeto: nota-se este aspecto no nome da coligação “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e no título dado ao projeto de plano de governo “ O caminho da prosperidade” – que traz consigo uma conexão com a Teologia da Prosperidade, fortemente presente no movimento neopentecostal, uma base importante no projeto de Jair Bolsonaro; vide, por exemplo, os apoios de Silas Malafaia e Edir Macedo, pastores e líderes, respectivamente, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e Igreja Universal do Reino de Deus, duas das maiores igrejas evangélicas do Brasil. Destacamos ainda a citação feita do Evangélico de João capítulo 8 versículo 32, “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” no rodapé da capa e no lema “Ordem e Progresso”, presente na bandeira brasileira, bem como na contracapa do plano de governo, que ainda apresenta as cores da bandeira e imagens de mãos em concha e mãos dadas, frequentemente associadas à simbologia cristã.

Os dois parágrafos de texto na introdução ao programa, com o título de “Brasil Livre”, apontam que a intenção deste projeto é “um governo decente, diferente de tudo aquilo que nos jogou em uma crise ética, moral e fiscal”, composto por “pessoas que tenham compromisso com o Brasil e com os brasileiros”. Merece um particular destaque a intenção de construir “um governo que defenda e resgate o bem mais precioso de

qualquer cidadão: a Liberdade. Um governo que devolva o país aos seus verdadeiros donos: os brasileiros”. A ideia central aqui apresentada é que o governo deste campo político é um governo libertador, que vai resgatar o país das forças que o colocaram na crise ética moral e fiscal, que roubou a liberdade e o país dos brasileiros.

Seguiremos a análise do plano de governo da coligação representada por Jair Bolsonaro seguindo cada seção presente no documento: “*Valores e Compromissos*”, “*Nova forma de governar! Mais Brasil, menos Brasília*”, “*Segurança e combate à corrupção*”, “*Saúde e educação*” e “*Economia e infraestrutura*”; a diferença aqui é que, para facilitar a leitura desta dissertação, analisamos os tópicos relativos aos temas agricultura e política externa em uma seção à parte com o nome de “*agricultura e política externa*” (deslocando as duas temáticas da sua seção originária “*Economia e infraestrutura*”). Cabe expressar que nossa intenção não é avaliar a qualidade do programa ou contrapor qualquer tipo de informação nele contida, mas expor como este campo político enxerga a realidade brasileira e se propõe a intervir nela, a partir de um contexto e espectro ideológico específico.

### **3.3.1. VALORES E COMPROMISSOS**

Na seção *Valores e Compromissos* o que observamos é um conjunto de fragmentos de ideias e palavras de ordem, sem necessariamente estabelecer uma lógica textual que proponha uma elaboração conceitual com começo, meio e fim; ainda assim, é possível enxergar nesses fragmentos elementos que indicam a percepção ideológica deste campo político e o seu projeto de poder. São valores e compromissos norteados por uma determinada percepção religiosa de sociedade, combinada com a defesa da propriedade privada e da família, bem como na ideia de um Estado mínimo, como pode ser visto no título do primeiro tópico da seção “o fruto da vida é sagrado” e nas elaborações de que “Os frutos materiais dessas escolhas, quando gerados de forma honesta em uma economia de livre iniciativa, têm nome: PROPRIEDADE PRIVADA! Seu celular, seu relógio, sua poupança, sua casa, sua moto, seu carro, sua terra são os frutos de seu trabalho e de suas escolhas! São sagrados e não podem ser roubados, invadidos ou expropriados!” e que “Os frutos de nossas escolhas afetivas têm nome: FAMÍLIA! Seja ela como for, é sagrada e o Estado não deve interferir em nossas vidas” (página 4 do documento o “Caminho da Prosperidade – proposta de plano de governo”).

Ainda que refute os “populistas e suas mentiras”, o documento estabelece diversos vínculos com o neopopulismo ou populismo de direita, especialmente ao atribuir ao seu projeto perspectiva de libertação/libertador da sociedade, como pode ser visto em “mais importante: uma Nação fraterna e humana, com menos excluídos, é mais forte. Há menos espaço para populistas e suas mentiras. O Brasil precisa se libertar dos corruptos. O povo brasileiro precisa ser livre de VERDADE!” (página 5), em oposição ao um suposto conchavo entre as “ideologias perversas” e as “oligarquias corruptas”, com a missão de resgatar os valores de nação e de família, que foram sendo minados a partir da redemocratização do país (os últimos 30



anos), expresso em “quebrado o atual ciclo, com o Brasil livre do crime, da corrupção e de ideologias perversas, haverá estabilidade, riqueza e oportunidades para todos tentarem buscar a felicidade da forma que acharem melhor” (página 5) e “nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira” (página 8).

Este projeto propõe uma percepção dualística de sociedade, representada em um bem libertador, defensor da família, da propriedade privada e dos valores da nação (ou seja, este próprio campo político) e de um mal representado no crime, na corrupção, na destruição dos valores familiares e nacionalistas, comandado pelas oligarquias, guiadas pela perversa ideologia de esquerda (representada no Marxismo Cultural e no gramscismo).

Nota-se ainda uma necessidade de expressar no documento o compromisso com o respeito à constituição e as leis do país, como pode ser visto em “A forma de mudarmos o Brasil será através da defesa das leis e da obediência à Constituição, Assim, NOVAMENTE, ressaltamos que faremos tudo na forma da Lei!” (página 6) e nos demais trechos que seguem no tópico “direitos e deveres”, que são praticamente derivações textuais do Título II Capítulo I (Dos direitos e garantias fundamentais) da Constituição Brasileira. É curioso observar o uso da palavra novamente, ainda mais com destaque em caixa alta, especialmente pelo fato que, até então, este aspecto ainda não havia sido discutido no documento, evidenciando a necessidade de não só afirmar que vai obedecer à constituição brasileira, como de dar ênfase a isto. Este é curioso porque o mínimo que se espera de um cidadão e/ou projeto político, em um sistema democrático, que se propõe a governar um país, é obedecer à sua constituição e às suas leis, algo praticamente pressuposto; desta forma o “NOVAMENTE” surge da ênfase que este projeto tem que apresentar em relação à defesa da Constituição Brasileira, talvez por ser comumente identificado como um projeto autoritário e antidemocrático.

### **3.3.2. NOVA FORMA DE GOVERNAR! MAIS BRASIL, MENOS BRASÍLIA**

Com o título de “A nova forma de governar” “Mais Brasil, menos Brasília” seria de se imaginar que este capítulo do plano de governo fosse dedicado a propor uma nova perspectiva de governança, com propostas de fortalecimento de ações participativas e transparência do governo, ou até mesmo maiores análises e perspectivas para construção de uma governabilidade ética e democrática dentro do sistema político brasileiro.

No entanto, boa parte da seção é dedicada a um discurso propagandista anti-esquerda e pró-liberalismo econômico, ou seja, tendo em vista a compreensão proposta por Charaudeau (2010) para o discurso propagandístico político; a partir de estratégias de persuasão, estabelecendo um “fazer crer” ao outro, com técnicas de manipulação através do que o autor chama de discursos de “provocação de afeto”,

em um sentido “disfórico” (para provocar temor e medo) e eufórico ( gerando simpatia), recorrendo a “manipulação soft” do discurso populista, em condições de dramatização, buscando estigmatizar a situação de crise, estabelecendo uma “fonte para o todo mal” e apresentando o seu próprio projeto como a solução salvadora.

O documento diz, na página 10, que “após 30 anos em que a esquerda corrompeu a democracia e estagnou a economia, faremos uma aliança da ordem com o progresso: um governo Liberal Democrata”, indicando que os 30 anos de redemocratização do Brasil foram marcados pela ação da esquerda de corrosão da democracia e estagnação da economia, e que o país vivia em um sistema democrático e economicamente ativo antes deste período. Utiliza-se de teorias da conspiração<sup>10</sup> contra a esquerda ao afirmar que “enfrentaremos o viés totalitário do Foro de São Paulo, que desde 1990 tem enfraquecido nossas instituições democráticas” (página 10), que “Mais de UM MILHÃO de brasileiros foram assassinados desde a 1ª reunião do Foro de São Paulo” (página 13) e que há uma “Epidemia de crack, introduzido no Brasil pelas filiais das FARC” (página 13), estabelecendo a ideia de que há uma ação orquestrada de agentes externos, relacionados à esquerda latino-americana, que atuam para enfraquecer as instituições brasileiras e com isso adquirir poder e domínio sobre o povo. Por fim indica que “o problema é o legado do PT de ineficiência e corrupção”.

Já o liberalismo económico é descrito, na página 13, como “historicamente o maior instrumento de geração de renda, emprego, prosperidade e inclusão social”, através da economia de mercado, e que graças a ele “bilhões de pessoas estão sendo salvas da miséria em todo o mundo”, além de que, segundo o texto, o “Liberalismo reduz a inflação, baixa os juros, eleva a confiança e os investimentos, gera crescimento, emprego e oportunidades”, e que na história republicana brasileira nunca foram aplicados os princípios económicos liberais. O plano de governo também indica que com a adoção do liberalismo “o Brasil passará por uma rápida transformação cultural, onde a impunidade, a corrupção, o crime, a “vantagem”, a esperteza, deixarão de ser aceitos como parte de nossa identidade nacional, POIS NÃO MAIS ENCONTRARÃO GUARIDA NO GOVERNO” (página 15).

Apesar de boa parte desta seção do projeto de plano de governo ser dedicada a este tipo de discurso propagandístico, pode-se encontrar alguns indicativos de metas e de propostas, ainda que de forma genérica, como: “equilibrar as contas públicas no menor prazo possível”; buscar um “superávit primário que estabilize a relação dívida/PIB”; “organizar e desaparelhar as estruturas federais”; reduzir o número de ministérios para evitar o loteamento do Estado e o “toma lá-dá-cá”; estabelecer metas que justifiquem e orientem a disponibilização de verbas públicas para os gestores e posterior acompanhamento do seu uso; estabelecer a

---

<sup>10</sup> Liebel (2017) aponta que as narrativas da teoria da conspiração, ou as narrativas conspiratórias, são frutos da paranoia coletiva e servem para dar sustentação à percepção paranoica da realidade, encontrando culpados e explicações, supostamente lógicas, que justifiquem a frustração coletivas de um determinado grupo, proveniente da insegurança e da ausência de controle diante das transformações sociais.

atuação dos ministros ao modelo de um executivo coordenando os esforços de governadores, prefeitos e secretários para atingir metas estabelecidas com recursos emitidos diretamente para os estados e municípios, sem participação de qualquer intermediário; e a simplificação da burocracia estatal. Vale ainda destacar que mais uma vez é afirmado, repetidamente, que tudo será feito sob a forma da lei, sem perseguições e restrições de direitos e de acordo com o que reza a constituição brasileira.

### **3.3.3. SEGURANÇA E COMBATE À CORRUPÇÃO**

Na seção dedicada à questão de segurança pública e ao combate à corrupção o projeto de plano de governo, para apresentar suas reflexões, busca os dados apresentados no documentário da Rede Globo “A guerra do Brasil” (2017), o qual compara o número de homicídios registrados no Brasil ao dos países que estiveram em guerra, como Iraque e Síria. O plano de governo indica que o documentário erroneamente culpa as armas de fogo pelos índices apresentados e também o critica porque não deixaria claro os reais motivos para que determinados estados brasileiros estejam entre os cinco primeiros no ranking de aumento no número de homicídios, e também porque não diz a causa da Colômbia ter diminuído o número de homicídios em 70%.

Na perspectiva do documento, boa parte da culpa para o atual quadro de violência no país se deve à ação ideológica da esquerda: indica que a restrição do acesso às armas por parte da população civil é uma política especificamente de esquerda (página 25); aponta que os cinco estados com o maior índice de piora no ranking de homicídios são de regiões governadas “pela esquerda ou seus aliados” e que o crescimento do tráfico de drogas naquelas região não se dá por acaso, estabelecendo um vínculo entre esquerda, tráfico de drogas e violência.

Este vínculo fica explícito quando o documento afirma, por exemplo, que “o avanço das drogas e da esquerda são prevalentes nas regiões mais violentas do mundo: Honduras, Nicarágua, El Salvador, México e Venezuela (onde há forte restrição à população ter armas)” e que “a verdade é que o número de homicídios no Brasil passou a crescer de forma consistente a partir do 1º Foro de SP, no início dos anos 1990” (página 26). O texto também aponta que as Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC) participaram do Foro de São Paulo, o qual foi “fundado pelo PT e pelo ditador cubano” e que a melhora do quadro na Colômbia se deu por derrotar as FARC, além de indicar que em cidades administradas pela esquerda, como em São Paulo, houve política pública como “Bolsa crack (em referência à droga ilícita)” (página 26); afirma que a esquerda é mentirosa ao dizer que “a polícia é a que mais mata” (página 28); e que a esquerda estaria mais preocupada com as mortes cometidas em ações policiais do que as dos próprios policiais (página 29).

Ao defender a ampliação do acesso às armas de fogo por cidadãos civis aponta como lógica a ideia de que “armas são instrumentos, objetos inertes, que podem ser utilizadas para matar ou para salvar vidas. Isso depende de quem as está segurando: pessoas boas ou más. Um martelo não prega e uma faca não corta

sem uma pessoa...” (página 25) e busca confirmar esta perspectiva ao comparar o número de homicídios no Brasil ao dos países desenvolvidos que possuem uma política mais permissiva para posse de arma de fogo por civis e um maior número de arma de fogo por residência; em relação a América Latina, a comparação é feita com Chile, Uruguai, Argentina e Paraguai, que possuem uma proporção maior de armas de fogo por residência e apresentam um índice menor de homicídio por ano, além de comparar a situação do Brasil com Venezuela, que aumentou a restrição à posse de armas de fogo pela população civil e que possui o dobro de homicídios por ano que o Brasil.

Na lógica do documento, o Brasil vive uma guerra onde os agentes das forças policiais são verdadeiros heróis – a ponto de afirmar que cada policial morto em serviço terá o seu nome gravado no Panteão da Pátria e da Liberdade – e que, neste contexto, seria ínfimo o número de pessoas mortas em ações da polícia (1374 em 2016) em comparação ao número de homicídios cometidos por criminosos (62.517 em 2016), segundo o IBGE, equivalendo a apenas 2% do total de mortes violentas no país. Chega-se a um simples diagnóstico: “os números comprovam que o extermínio de brasileiros é realizado pelos criminosos!” (página 32).

Para reduzir “os homicídios, roubos, estupros e outros crimes” o documento lista 8 propostas: investir em equipamentos, tecnologia, inteligência e capacidade investigativa das forças policiais; acabar a progressão de penas e as saídas temporárias; redução da maioridade penal para 16 anos; reformular o estatuto do desarmamento para ampliar o acesso de civis a armas de fogo, como forma de garantir o direito à autodefesa (individual, de propriedade e de terceiros); estabelecer uma retaguarda jurídica para ação de policiais através do excludente de ilicitude; tipificar como terrorismo invasões (ocupações) de propriedades rurais e urbanas; retirar da constituição qualquer relativização da propriedade privada; redirecionar a política de direitos humanos para a defesa das vítimas de violência. Como pode ser observado, as propostas apontam para uma perspectiva de recrudescimento penal do Estado e militarização da sociedade; relativização de quem é vítima de violência; absolutização da propriedade privada e cerceamento da atividade de movimentos sociais de luta por terra e moradia. Destaca-se também que parte dessas propostas, em tese, estariam condicionadas a mudanças constitucionais.

No tópico que se refere especificamente à defesa nacional e garantia da lei e da ordem, o documento novamente retoma a carga em relação a temas ideológicos: na página 33, indica que houve uma tentativa de ataque contra a imagem das Forças Armadas através da “doutrinação ideológica de esquerda”, já que estas seriam a “espinha dorsal” da Nação e último obstáculo para a ascensão do socialismo. O documento ainda destaca que as Forças Armadas Brasileiras lutaram contra o “Nacional Socialismo”, sendo o Brasil o único país da América Latina a guerrear contra os nazistas na segunda guerra mundial, e “posteriormente, outros heróis impediram a tomada do poder por forças de esquerda que planejavam um golpe comunista no Brasil em 1964”, no que daria início à ditadura civil-militar brasileira.

Em relação à defesa das fronteiras, identifica-se que os combatentes das Forças Armadas precisam de equipamentos modernos para além de veículos e armas, uma vez que existem ameaças digitais, sendo que as Forças Armadas precisam estar preparadas através de pesquisa e desenvolvimento tecnológico com participação das instituições militares. O plano de governo ainda propõe reforçar o papel das Forças Armadas no combate ao crime organizado, com maior integração entre os demais órgãos de segurança pública e elevação na segurança das fronteiras e, em dois anos, instalar colégio militar em todas as capitais.

Especificamente sobre combate à corrupção, o texto do plano de governo é absolutamente sucinto; apenas afirma que “Transparência e Combate à Corrupção são metas inegociáveis” e que “como pilar deste compromisso, iremos resgatar ‘As Dez Medidas Contra a Corrupção’, propostas pelo Ministério Público Federal e apoiadas por milhões de brasileiros, e encaminhá-las para aprovação no Congresso Nacional” (página 35).

#### **3.3.4. SAÚDE E EDUCAÇÃO**

Com menor expressão do discurso propagandístico, como visto e conceituado anteriormente, o segmento que trata da questão da Saúde no plano de governo de Jair Bolsonaro apresenta uma perspectiva um pouco mais propositiva: com o “Prontuário Eletrônico Nacional Interligado” que é dito como o “pilar de uma saúde na base informatizada e perto de casa”, informatizando os postos, ambulatórios e hospitais, permitindo uma integração dos dados do atendimento e registro do grau de satisfação do paciente ou responsável; “Credenciamento Universal dos Médicos” que seria uma maior integração do Sistema Único de Saúde, público, com o setor privado da saúde; “Médico de Estado” que seria uma nova carreira dedicada a atender áreas remotas e carentes do Brasil, onde os agentes comunitários de saúde teriam treinamento para se tornarem técnicos de saúde preventiva para auxiliar o controle de doenças frequentes como diabetes, hipertensão, etc. Cita-se ainda uma ampliação da saúde preventiva com o estabelecimento, nos programas neonatais, visita de gestantes a dentistas e a inclusão de profissionais de educação física no programa Saúde da Família, ativando as “academias ao ar livre”

A discurso propagandístico político – tal qual já abordado – no entanto, fica visível ao se falar do programa “Mais Médicos”, instituído pelo governo Dilma Rousseff com objetivo de suprir a carência de médicos no interior e nas periferias urbanas do país, que contava com a participação de médicos estrangeiros, especialmente cubanos, em parceria com o programa de solidariedade do governo da ilha, que em contrapartida recolhia, para manutenção do próprio programa e com mediação da Organização Pan-Americana da Saúde (ligada à Organização Mundial da Saúde), parte do salário que era destinado aos médicos oriundos de Cuba. Aqui, o plano de governo volta a vestir a capa de libertador e afirma que “Nossos irmãos cubanos serão libertados. Suas famílias poderão imigrar para o Brasil. Caso sejam aprovados no

REVALIDA, passarão a receber integralmente o valor que lhes é roubado pelos ditadores de Cuba!” (página 40).

Tal qual na área da saúde, o diagnóstico da educação começa com a constatação de que o alto valor investido não corresponde ao péssimo desempenho educacional; para tanto ele apresenta o fraco desempenho do Brasil no exame PISA, organizado pela OCDE, e o Censo Escolar 2016, divulgado pelo INEP, para demonstrar que 2,8 milhões de crianças e adolescentes no Brasil estão fora da escola, principalmente na faixa dos 15 a 17 anos. Outro dado extraído do INEP é que dos 51,6 milhões de jovens entre 14 e 29 anos, quase metade não completou o ensino médio, um dado que por si demonstra uma certa inconsistência, uma vez que no Brasil se completa o ensino médio com aproximadamente 18 anos.

O discurso propagandístico anti-esquerda fica evidente quando o plano de governo, por exemplo, afirma na página 41 que o “conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mais matemática, ciências e português, SEM DOCTRINAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO PRECOCE” e, na página 46, quando fala que é preciso mudar o conteúdo que é dado desde a alfabetização, “expurgando a ideologia de Paulo Freire”, além de considerar que, na educação, “um dos maiores males atuais é a forte doutrinação”.

Em um ponto de vista mais propositivo, o plano de governo aponta como modelos a serem seguidos – sempre destacando as visitas que Bolsonaro fez a estes países – Estados Unidos, Israel, Taiwan, Coreia do Sul e Japão.

O plano indica que o governo deverá inverter a pirâmide dos gastos em educação no país, priorizando a educação infantil, fundamental e média, em vez do ensino superior; aponta a ampliação no uso da educação à distância, entendida como alternativa para chegar a áreas rurais onde grandes distâncias dificultam ou impedem aulas presenciais; estabelece como questão estratégica a integração entre os três sistemas de ensino (fundamental, médio e superior) tendo, com base em avaliações técnicas, diagnósticos precisos sobre o desempenho dos estudantes e qualificação dos professores, contando com a participação das universidades públicas e privadas na qualificação de alunos e professores nas áreas em que houverem carências, detectando e corrigindo dificuldades no processo de formação de crianças e jovens.

Em inovação, ciência e tecnologia propõem abrir a produção de pesquisa nacional para a iniciativa privada, considerando que “não há mais espaço para basear esta importante área da economia moderna em uma estratégia centralizada, comandada de Brasília e dependente exclusivamente de recursos públicos” e defende a criação de “*hubs*” tecnológicos onde jovens pesquisadores e cientistas das universidades locais sejam estimulados a buscar parcerias com empresas privadas para transformar ideias em produtos”, dando ênfase em cursos técnicos e carreiras de ciências exatas. A intensão da proposta seria “criar um ambiente favorável ao empreendedorismo no Brasil” (página 48), gerando assim novas tecnologias, emprego e renda.

Observa-se que, em alguma medida, tem-se a pretensão de intervir no conteúdo e pesquisas desenvolvidas nas universidades brasileiras, bem como em estabelecer qual deve ser o papel delas na

sociedade; desta forma, considera que a prioridade das universidades deve ser, “em todos os cursos”, estimular e ensinar o empreendedorismo, assim “o jovem precisa sair da faculdade pensando em como transformar o conhecimento obtido em enfermagem, engenharia, nutrição, odontologia, agronomia, etc, em produtos, negócios, riqueza e oportunidades. Deixar de ter uma visão passiva sobre seu futuro” e “o campo da ciência e do conhecimento nunca deve ser estéril” (página 49). Neste cenário, segundo o plano de governo, “cada região do Brasil deve buscar suas vantagens comparativas: por exemplo, o Nordeste tem grande potencial de desenvolver fontes de energia renovável, solar e eólica” e “o Brasil deverá ser um centro mundial de pesquisa e desenvolvimento em grafeno e nióbio, gerando novas aplicações e produtos”.

### **3.3.5. ECONOMIA E INFRAESTRUTURA**

No que se refere especificamente à economia, é possível afirmar que esta é a parte do plano de governo mais propositiva e que aparenta ter uma consistência técnica e programática mais sólida; não há aqui espaço para discursos propagandistas anti-esquerda ou teorias da conspiração, como observado nas outras dimensões do plano, mas sim uma concepção de estratégia econômica a ser adotada no país, que obviamente é correlacionada a um espectro ideológico, mas a partir de um debate conceptual mais elevado.

O que é apontado como prioridade no plano é “gerar crescimento, oportunidades e emprego, retirando enormes contingentes da população da situação precária na qual se encontram” (página 51), a partir da estabilidade macroeconômica, evitando assim o desequilíbrio fiscal e situações de crise e descontrole da inflação a partir da manutenção do tripé macroeconômico de câmbio flexível, meta de inflação e meta fiscal, mas com uma maior flexibilidade cambial e ortodoxia fiscal.

Propõe-se reorganizar a área econômica fazendo com que ela tenha dois organismos principais: o Ministério da Economia e o Banco Central, que seria independente – com diretoria com mandato fixo, metas de inflação e métricas de atuação –, mas alinhado ao primeiro. Na ideia de “enxugar” o Estado, o Ministério da Economia abarcaria as funções de outros três ministérios e uma secretaria.

Neste caminho, para aumentar a eficiência do Estado e o controle de gastos, propõe-se aplicar técnicas na gestão pública como “Orçamento Base Zero” e cortar privilégios, além de controlar a folha de pagamento do Governo Federal, promover cortes de despesas, redução de renúncias fiscais e realização de ativos públicos para reforçar a redução de dívida, com a meta de eliminar o déficit público no primeiro ano do mandato e converter em superávit no segundo ano.

Como pode ser observado, há no programa uma tendência privatista, que estaria diretamente relacionada com a perspectiva de redução das despesas com juros da dívida pública, uma vez que a desmobilização de ativos públicos, através de privatizações, concessões, venda de propriedades imobiliárias da União, devolução de recursos em instituições financeiras oficiais e extinção/privatização da maioria das empresas estatais (resguardando as que forem consideradas de caráter estratégico), teriam os recursos

obtidos condicionados para o pagamento da dívida, além de, na perspectiva do programa, as privatizações gerarem aumento na competição, com a entrada de novas empresas no mercado, que por fim acabaria por beneficiar o consumidor.

O plano também se baseia na maior abertura comercial, com a redução de alíquotas de importação e das barreiras não-tarifárias e constituição de novos acordos bilaterais internacionais; modernização da estrutura produtiva através do desenvolvimento e fortalecimento do mercado de capitais, estímulos à inovação e ao investimento em novas tecnologias por meio de políticas de depreciação acelerada e abertura comercial imediata a equipamentos necessários à migração para a indústria 4.0 e requalificação da força de trabalho para as demandas da “nova economia” e tecnologias de ponta; investimento, em parceria com instituições privadas do mercado de capitais, em “*startups*” e “*scale-ups*” de alto potencial; simplificação de abertura/fechamento de empresas através da centralização de todos os procedimentos burocráticos para este tipo de ação, em um prazo máximo de 30 dias, ou o início ou encerramento da empresa de forma automática.

Há duas reformas estruturais previstas no plano: a reforma da previdência, com a introdução paulatina do modelo de capitalização, de forma paralela ao atual modelo por repartição (escolha do modelo a cargo do beneficiário), com criação de um fundo para reforçar o financiamento do modelo antigo e redução de encargos trabalhistas para os optantes do novo; e a reforma tributária focada em unificar tributos e simplificar o sistema tributário através da gradativa redução da carga tributária, simplificação e unificação de tributos federais, descentralização e municipalização dos tributos, discriminação de receitas tributárias específicas para a previdência, introdução de mecanismos capazes de criar um sistema de imposto de renda negativo e melhorar a carga tributária brasileira.

Ainda no tópico que se refere à política econômica do governo, é apresentada a proposta de renda mínima, acima do valor hoje ofertado no programa Bolsa Família (o qual seria aprimorado, assim como o Abono Salarial), criação de uma carteira de trabalho verde e amarela concomitante a tradicional carteira azul, sendo que na nova prevalece o contrato individual sobre a CLT e na antiga o atual ordenamento jurídico, e a proposição da permissão legal para a escolha entre sindicatos, sem o retorno do imposto sindical.

Em relação à infraestrutura brasileira, o diagnóstico do plano de governo é que ela é de baixa eficiência; para tanto são apresentados dados do “Global Competitiveness Report de 2017 do World Economic Forum, que, em 136 países, classifica o Brasil como 88º em ferrovias, 95º em aeroportos, 103º em rodovias, 106º em portos e 84º em oferta de energia. Assim, o caminho proposto para reverter o atual quadro passa por “desburocratizar, simplificar, privatizar, pensar de forma estratégica e integrada”, partindo do princípio que “havendo baixo risco regulatório, o Brasil poderá atrair uma grande quantidade de investimentos, gerando empregos e reduzindo o custo para seus usuários”.



Ao tratar da demanda específica de energia, o plano de governo considera que “as últimas gestões provocaram grave crise setorial” e que “o setor é extremamente centralizado e dependente de ações e decisões do governo”, sendo necessário um “choque liberal no setor”; uma das medidas desse choque liberal seria diminuir as “barreiras quase intransponíveis no licenciamento ambiental” para a instalação de “pequenas centrais hidroelétricas”, agilizando o processo para um prazo máximo de três meses. Em contrapartida, o plano de governo também promete investir em energia renovável, especialmente na região Nordeste, “a base de uma nova matriz energética limpa, renovável e democrática”, expandindo a produção de energia a partir desta matriz, bem como toda sua cadeia produtiva relacionada.

Em relação ao uso e produção de petróleo e gás no país, considera-se que após a descoberta da camada de petróleo no pré-sal, a regulação foi orientada pelo “estatismo”, gerando ineficiência, corrupção e pouco impacto positivo na indústria nacional; assim a Petrobras, segundo o programa, passará a praticar preços seguindo os mercados internacionais, bem como a competição no setor de óleo e gás será estimulada a partir da venda de parcela substancial de sua “capacidade de refino, varejo, transporte e outras atividades onde tenha poder de mercado”.

O plano de governo também prevê um papel estratégico do gás natural na matriz energética nacional, pensando na expansão combinada com as energias fotovoltaicas e eólicas, contribuindo na transição para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>. Para tanto, prevê “acabar com o monopólio da Petrobras sobre toda a cadeia de produção do combustível, mediante: desverticalização e desestatização do setor de gás natural; livre acesso e compartilhamento dos gasodutos de transporte; independência de distribuidoras e transportadoras de gás natural, não devendo estar atreladas aos interesses de uma única companhia; criação de um mercado atacadista de gás natural; incentivo à exploração não convencional, podendo ser praticada por pequenos produtores.

Sobre a demanda de infraestrutura para transporte terrestre o documento apenas constata que, segundo os dados de uma pesquisa da Confederação Nacional de Transporte (CNT), a infraestrutura rodoviária piorou, sendo que para cada mil quilômetros quadrados de área, apenas 3,4 quilômetros possuem infraestrutura ferroviária.

Em relação ao transporte aquático, observa-se que o investimento do governo federal em transporte hidroviário caiu 77% desde 2010, enquanto, segundo dados da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), foram movimentadas mais de 800 milhões de toneladas em cargas nos portos brasileiros. O plano de governo prevê melhorar a eficiência portuária para atender à demanda crescente do país, indo para além de melhorias nas estruturas portuárias, estabelecendo integração com uma vasta malha ferroviária. A meta, para a estrutura portuária, seria a redução de custos e prazos para embarque e desembarque, com objetivo de atingir patamares similares dos portos da Coreia do Sul (porto de Busan), do Japão (porto de Yokohama) e de Taiwan (porto de Kaohsiung).

Já em relação à aviação, os dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), indicam que 98.9 milhões de passageiros foram transportados em 2017, uma alta de 2,93% em relação a 2016. A partir deste número, o plano de governo propõe atrair investimento para a modernização e expansão dos aeroportos, buscando um modelo de maior participação privada.

### **3.3.6. AGRICULTURA E RELAÇÕES EXTERIORES**

Como vimos no segundo capítulo desta dissertação, a indústria agropecuária se constitui como um dos principais setores econômicos do Brasil. Desta forma, o programa de Jair Bolsonaro, na página 69, identifica como demandas para a agropecuária nacional “a segurança no campo; solução para a questão agrária; logística de transporte e armazenamento; uma só porta para atender as demandas do Agro e do setor rural; políticas específicas para consolidar e abrir novos mercados externos; diversificação”; no entanto não apresenta propostas concretas para estas demandas, sendo que apenas considera para o setor que: o “Estado deve facilitar que o agricultor e suas famílias sejam os gestores do espaço rural. Devemos identificar quais são as áreas em que realmente o Estado precisa estar presente, e a que nível. Em alguns casos pode ser por ações ou atividades específicas, em outros atuando como regulador, ou mesmo negociador. O primeiro passo é sair da situação atual onde instituições relacionadas ao setor estão espalhadas e loteadas em vários ministérios, reunindo-as em uma só pasta” (página 68).

Assim a nova estrutura ministerial dedicada à agropecuária, exercida a partir de uma nova forma de gestão, com indicadores para identificar e monitorar o andamento de cada programa, ficaria responsável pelas seguintes atribuições: Política e Economia Agrícola; Recursos Naturais e Meio Ambiente Rural; Defesa Agropecuária e Segurança Alimentar; Pesca e Piscicultura; Desenvolvimento Rural Sustentável; Inovação Tecnológica.

No que toca à política externa, há, novamente, a intensificação de uma ideia de confronto contra a esquerda (representada nos últimos governos). O plano de governo considera que o Ministério das Relações Exteriores “precisa estar a serviço de valores que sempre foram associados ao povo brasileiro” e, em outra frente agregar valor econômico e tecnológico ao Brasil.

Assim, além de comentar que se dará “ênfase nas relações e acordos bilaterais”, o projeto afirma que “deixaremos de louvar ditaduras assassinas e desprezar ou mesmo atacar democracias importantes como EUA, Israel e Itália” e que não serão mais feitos acordos comerciais espúrios com ditadores internacionais. Quando se fala na integração com outros países latino-americanos ela fica condicionada à não existência de ditaduras no país e, por fim, constata que países buscaram se aproximar do Brasil, “mas foram preteridos por razões ideológicas”, fazendo com que se perdesse em termos de trocas de comércio, ciência, tecnologia, inovação, educação e cultura.

#### **CAPÍTULO 4: ANÁLISE DO TWITTER DE JAIR BOLSONARO**

Este trabalho tem como foco a análise das estratégias discursivas expressas nas publicações feitas pela candidatura de Jair Messias Bolsonaro – como verificado no terceiro capítulo do presente trabalho, uma representação do espectro ideológico da extrema-direita brasileira – na sua conta oficial do Twitter, ao longo da campanha presidencial brasileira no ano de 2018.

Este pleito foi realizado em duas voltas. A primeira teve a participação de 13 candidaturas, demonstrando uma ampla fragmentação do sistema político; além das duas candidaturas que passaram para a segunda volta – o próprio Jair Bolsonaro e Fernando Haddad (PT) –, participaram atores políticos relevantes como: Geraldo Alckmin (PSDB), representando a maior coligação partidária e historicamente a principal força de oposição (de centro-direita) ao projeto político implementado pelo PT; do candidato do governo anterior e ministro da economia Henrique Meirelles (MDB); candidatos oscilantes entre o centro e a centro-esquerda com forte recall eleitoral, como os ex-ministros dos governos Lula (PT), Ciro Gomes (PDT) e Marina Silva (Rede), além da principal liderança do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) Guilherme Boulos (PSOL).

Tivemos então, como base analítica, a totalidade das publicações realizadas nas duas voltas da campanha eleitoral (um total de 796 publicações), ou seja, entre os dias 16 agosto e 6 outubro (com 436 publicações) – período da primeira volta das eleições de 2018 – e de 8 a 27 de outubro (com um total de 360 publicações) , quando se realizou a segunda volta. Utilizamos a ferramenta *Crimson* para a recolha retrospectiva de todas as publicações realizadas pela conta indicada, e a sistematização dos dados obtidos, para observar que tipo de conteúdo temático foi publicado e qual a predominância deles em cada período assinalado, se deu através de tabelas no *Excel*.

##### **4.1. AS ESCOLHAS TEMÁTICAS NAS PUBLICAÇÕES DE TWITTER**

Dado o grande número de publicações realizadas e a possibilidade uma gama muito variada de discursos, optamos, como explicado no primeiro capítulo desta dissertação, por organizar as publicações feitas a partir das escolhas temáticas adotadas adaptando a tipologia proposta por Vavreck (2009) para as estratégias temáticas de campanha, enquadrando-as como “temas económicos e relacionados à gestão do Estado” e “temas morais e socialmente conflituais”.

Observa-se ainda a existência de um terceiro grupo de publicações que batizamos de “temas aleatórios”, que seriam publicações de carácter residual que, apesar de terem relações com a dinâmica que envolve o Twitter, não poderiam ser catalogadas a partir das definições temáticas propostas para esta etapa, sendo este o caso de divulgações da agenda de campanha; agradecimento e interações com seguidores aleatórios (sem que esta interação se vincule diretamente a um tema); retweets e compartilhamento de vídeos ao vivo (como explicado no capítulo um).

Desta forma, observamos entre as 436 publicações realizadas na primeira volta da campanha, a presença de 57 publicações classificadas como “temas económicos e relacionados à gestão do Estado”, 157 publicações em “temas morais e socialmente conflituais” e 222 em “temas aleatórios” (conforme pode ser observado no arquivo anexo A).

Em termos proporcionais, desconsiderando as publicações com características residuais – classificadas como “temas aleatórios” – e tendo em vista apenas as categorias que serão visitadas em nossa análise discursiva, observamos que as publicações categorizadas como “temas económicos e relacionados à gestão do Estado” correspondem a 26,63% das publicações ativas em nossa pesquisa, enquanto as classificadas como “temas morais e conflituais” correspondem a 73,36%, isto na primeira volta das eleições (arquivo anexo B).

Já na segunda volta, há o crescimento do número absoluto de publicações classificadas como “temas económicos e relacionados à gestão do Estado”, com um total de 62 publicações; uma pequena redução dos “temas morais e socialmente conflituais”, agora com 144 publicações; e uma redução mais significativa na publicações residuais, classificadas como “temas aleatórios”, com um total 154 publicações (arquivos anexos C e I). Vale destacar que o calendário de campanha na segunda volta é significativamente menor que na primeira e o total de publicações também, com um universo total de 360, enquanto foram realizadas 436 publicações na primeira volta.

Tendo em vista apenas os “temas económicos e relacionados a gestão Estado” e “temas morais e socialmente conflituais”, podemos indicar um percentual de 30,09% de publicações identificadas na primeira categoria e de 69,9% na segunda, resultando em uma pequena variação em relação ao observado na primeira volta (arquivos anexos D e J).

Esta pequena variação na proporção de publicações entre os tipos temáticos analisados pode ter sido ocasionada por diversos elementos circunstanciais como, por exemplo, a tentativa de atrair o apoio de determinados grupos sociais, que em um primeiro momento se alinhavam a outras candidaturas, a partir de uma determinada agenda económica. Este aspecto não alterara a percepção de que, em um ponto de vista macro, a estratégia adotada é sobretudo conflitual e alicerçada em determinados valores morais.

#### **4.2. ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO “TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS À GESTÃO DO ESTADO”**

Buscando o aprofundamento, olharemos para os MiT contidos nos “temas económicos e relacionados a gestão do Estado”, observando a presença proporcional de cada um deles, nos dois períodos de campanha analisados, e, sequencialmente, estabelecendo comparações entre os dois períodos. Posteriormente realizaremos o mesmo exercício com os MiT contidos nos “temas morais e socialmente conflituais”.

O MaT “temas económicos e relacionados a gestão do Estado” foi dividido em: “política externa”; “desenvolvimento económico”; “infraestrutura e sustentabilidade”; “política social e geração de renda”; “saúde”; “segurança”; “governabilidade e combate à corrupção”; “cultura”; “educação”; e “temas múltiplos” (publicações contendo mais de um tema apreciável dentro do MaT) .

Na primeira volta o número de publicações e suas respectivas presenças proporcionais foram: “política externa” (10 publicações - 17,54%); “desenvolvimento económico”(16 publicações – 28,07%); “infraestrutura e sustentabilidade” (4 publicações – 7,01%); “política social e geração de renda”(5 publicações – 8,77%); “saúde” (1 publicações – 1,75%) ; “segurança” (2 publicações – 3,50%) ; “governabilidade e combate à corrupção” (3 publicações – 5,26%); “cultura” (3 publicações – 3,26%); “educação” (10 publicações – 17,54%); “temas múltiplos” (3 publicações – 5,26%). Os dados sistematizados podem ser observados nos arquivos anexos E e L .

Na segunda volta o número de publicações e suas respectivas presenças proporcionais foram: “política externa” (6 publicações – 9,67%); “desenvolvimento económico”(11 publicações – 17,74%); “infraestrutura e sustentabilidade” (4 publicações – 6,45%); “política social e geração de renda”(2 publicações – 3,22%); “saúde” (2 publicações – 3,22%) ; “segurança” (9 publicações – 14,51%) ; “governabilidade e combate à corrupção” (10 publicações – 16,12%); “cultura” ( 0 publicações – 0%); “educação” (8 publicações – 12,90%); “temas múltiplos” (10 publicações – 16,12%). Os dados sistematizados podem ser observados nos arquivos anexos F e M.

Chama atenção a concentração de publicações, na primeira volta, classificadas como “política externa”, “desenvolvimento económico” e “educação”, sendo estas as únicas categorias que ultrapassaram os 10% de publicações no período e que, somadas, correspondem a mais da metade das publicações condicionadas aos “temas econômicos e relativos a gestão do Estado”, com 63,04% das publicações.

Já na segunda volta, registra-se uma menor concentração nos MiT publicados – ainda que não tenha havido qualquer menção especificamente à política de cultura a esta altura do processo eleitoral – sugerindo assim uma maior diversidade de assuntos compreendidos como “temas econômicos e relativos a gestão do Estado” neste turno, ultrapassando os 10% de publicações nos microtipos “desenvolvimento económico”, “segurança”, “governabilidade e combate à corrupção”, “educação” e “temas múltiplos”, somando entre estes cinco MiT, 77,39% das publicações.

Observando a movimentação da concentração de publicações entre as duas voltas (arquivo anexo N), nota-se uma constância maior nos MiT “desenvolvimento económico” e “educação”, áreas que aparecem com destaque no programa de governo do candidato, como vimos no terceiro capítulo desta dissertação, a primeira como a área mais propositiva e com uma consistência técnica e programática mais sólida, enquanto a segunda revela um agudo discurso propagandístico antiesquerda. Já os demais MiT aparentam ter uma maior mobilidade de acordo com o tempo e o contexto específico de cada etapa da

campanha eleitoral, como no caso do microtipo “cultura”, que sequer é referido no programa de governo, mais foi mencionado pelo candidato no Twitter após o incêndio do Museu Nacional do Brasil, ocorrido na noite do dia de dois de setembro de 2018, forçando uma posição pública sobre o assunto.

Ainda que sem a profundidade da ACD, percebe-se que, por mais que a publicação faça referência a temas relacionados com a gestão do Estado e reverberem em alguma medida o estado da economia e por isto esteja classificada no MaT “temas econômicos e relacionados a gestão do Estado”, estas, em boa medida, não se distanciam da busca do conflito como estratégia política.

Em “política externa” as publicações, na primeira volta, estão centradas em indicar a suposta relação de apoio entre os governos petistas e os governos de Hugo Chávez e Nicolás Maduro, na Venezuela, e com outras “ditaduras amigas”, afirmando que cortará relações com estas, além de polarizar com a ONU, afirmando que “já teria retirado o Brasil do conselho do ONU”, por “estarem ao lado de tudo que não presta”; na segunda volta, referem-se, principalmente, a trocar gratulações com líderes mundiais de direita ou extrema-direita, como Matteo Salvini, Vice Primeiro-Ministro da Itália e Ministro do Interior, e o presidente do Paraguai, Mario Abdo Benítez, além de se comprometer com a extradição, para o Estado italiano, do “terrorista Cesare Battisti, *amato dalla sinistra brasiliana*”.

Em “política social e geração de renda”, na primeira e segunda voltas, o centro está em afirmar que vai combater supostas fraudes no programa Bolsa-Família – uma marca importante da gestão petista, como vimos no capítulo dois desta dissertação – indicando que “além de manter, poderemos ampliar o Bolsa Família”, e romper com a lógica do programa, “usado pela esquerda como voto de cabresto”. Em “segurança”, nas duas voltas, há uma predileção por afirmar que segurança é prioridade e que “pegará firme” contra os malfeitores, contrapondo-se a políticas de redução da massa carcerária brasileira e de direitos humanos, sugerindo que seus adversários, especialmente do PT, querem soltar e defender bandidos.

Em “educação”, os “conflitos” se concentram na primeira volta, fazendo referência a uma suposta doutrinação ideológica da esquerda, ausência de disciplina e autoridade em sala de aula e menções a desvios na merenda escolar, em referência indireta ao candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, acusado em participar de um esquema de desvio de verbas da merenda escolar do governo de São Paulo.

Já em relação a Saúde e Cultura, os aspectos conflitantes estão relacionados, no primeiro caso, à ideia de que o orçamento na área de saúde só não é suficiente por conta da corrupção e indicações políticas na pasta e que os profissionais do programa “Mais Médicos”, implementado no governo de Dilma Rousseff (PT), teriam uma baixa qualificação. No quesito Cultura, afirma-se que o incêndio do Museu Nacional seria consequência de indicações políticas e má administração pública e que o incentivo para cultura continuará, “mas para bons artistas que agreguem valor, que estão iniciando suas carreiras e não possuem estrutura” e que não permitirá a utilização de dinheiro público em “absurdos como oficinas de masturbação ou “peças” com pessoas cutucando seus orifícios!”.

Evidencia-se, no entanto, que as publicações classificadas nos MiT “desenvolvimento económico”, “infraestrutura e sustentabilidade”, “governabilidade e combate a corrupção” e “educação” (na segunda volta) apresentaram, de forma geral, características mais propositivas e analíticas sobre os referidos temas. Já os “temas múltiplos” apresentam uma espécie de resumo do que representa o programa defendido por Bolsonaro, por vezes propositivos, frequentemente conflitantes, ainda que estabeleçam referência direta à gestão do Estado.

#### **4.3. ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS”**

Teremos agora em vista os MiT contidos nas publicações classificadas como “temas morais e socialmente conflituais”, deslocados dos debates referentes a gestão do Estado e da avaliação da economia, buscando principalmente o conflito político e o tensionamento entre aspectos morais que permeiam a população brasileira.

Seguiremos o mesmo modelo de análise utilizado nos MiT anteriores, tendo em conta a presença proporcional de cada um deles, tanto na primeira como na segunda volta, para então estabelecer comparações e evoluções entre ambos. O MaT “temas conflituais e morais” foi subdividido em: “esquerda e guerra cultural”; “religião”; “medo e violência”; “nacionalismo”; “militarismo”; “nova política e antiestablishment”; “atentado”; “fakenews e críticas aos medias”; “corrupção”; “temas identitários e morais”; “direita e liberalismo”; “vida pessoal”.

Na primeira volta o número de publicações e suas respectivas presenças proporcionais foram: “esquerda e guerra cultural” (18 publicações – 11,46%); “religião” (5 publicações – 3,18%); “medo e violência” (7 publicações – 4,45%); “nacionalismo” (7 publicações – 4,45%); “militarismo” (7 publicações – 4,45%); “nova política e antiestablishment” (47 publicações – 29,93%); “atentado” (20 publicações – 12,73%); “fakenews e críticas aos medias” (21 publicações – 13,37%); “corrupção” (8 publicações – 5,09%); “temas identitários e morais” (9 publicações – 5,73%); “direita e liberalismo” (2 publicações – 1,27%); “vida pessoal” (6 publicações – 3,82%). Os dados sistematizados podem ser observados nos arquivos anexos G e O.

Já na segunda volta o número de publicações e suas respectivas presenças proporcionais foram: “esquerda e guerra cultural” (22 publicações - 15,27%); “religião” (2 - publicações - 1,38%); “medo e violência” (2 publicações – 1,38%); “nacionalismo” (5 publicações – 3,47%); “militarismo” (3 publicações – 2,08%); “nova política e antiestablishment” (18 publicações – 12,50%); “atentado” (6 publicações – 4,16%); “fakenews e críticas aos medias” (47 publicações – 32,63%); “corrupção” (29 publicações – 20,13%); “temas identitários e morais” (7 publicações – 4,86%); “direita e liberalismo” (3 publicações – 2,08%); “vida pessoal” (0 publicações – 0,0%). Os dados sistematizados podem ser observados nos arquivos anexos H e P.

Na primeira volta, a maior concentração de publicações são no MiT “nova política e antiestablishment”, com quase 30% das publicações, seguido por “fakenews e crítica aos medias” e “atentado”, com aproximadamente 13% cada, e “esquerda e guerra cultural”, com praticamente 11%. Nota-se que apenas estes quatro MiT somam 67% das publicações de “temas morais e socialmente conflituais” na primeira volta. Já na segunda volta, a concentração que chama a atenção são os microtipos “fakenews e crítica aos medias”, com aproximadamente 31%, “corrupção”, com uma média de 20%, “esquerda e guerra cultural”, 15%, e “nova política e antiestablishment”, com aproximadamente 12%. Neste caso, os quatro MiT somados concentram em torno de 78% das publicações do MaT, durante a segunda volta.

Chama atenção a permanência dos MiT “nova política e antiestablishment”, “fakenews e crítica aos medias” e “esquerda e guerra cultural” entre os quatro mais abordados tanto na primeira volta como na segunda, paralelamente ao crescimento de publicações explorando o tema da corrupção, enquanto reduziram-se as publicações sobre o atentado na segunda volta (a mobilidade do percentual proporcional, entre as duas voltas, dos principais MiT contidos em “temas morais e socialmente conflituais” pode ser observada no arquivo anexo Q).

Este dado traz alguns aspectos indicativos interessantes: ao contrário do que se poderia imaginar, o tema do atentado, ainda que relevante, especialmente na primeira volta da campanha (quando ocorreu o fato), não é exatamente estruturante ou prioritário nas publicações realizadas pelo candidato, o que não quer dizer que este não tenha tido um efeito diferencial ao longo do pleito, mas, tratando-se de tema do qual Bolsonaro seria evidentemente o proprietário, imaginar-se-ia um uso mais intensivo dele em suas publicações. É significativo observar o uso secundário que é feito deste tema a partir da segunda volta, quando ele passa a ser atrelado ao fato do executor da facada, Adélio Bispo de Oliveira, ter sido filiado ao PSOL (partido de esquerda) entre os anos 2007 e 2014, passando a constar sempre a informação que Bolsonaro sofrera “tentativa de assassinato por um antigo militante do PSOL”, apontando ainda o PSOL como braço político do PT, reforçando aquilo que parece mais latente em seu discurso; a disputa ideológica com a esquerda e a sua autoafirmação como personagem capaz de ameaçar o sistema de dominação o construído por ela.

Já os MiT “esquerda e guerra cultural” e “nova política e antiestablishment” têm, nos dois turnos, um alto índice de presença proporcional, sempre superior à marca dos 10%, assim como “fakenews e crítica aos medias”, demonstrando-os como temas estruturantes no discurso contido nas publicações realizadas no *twitter* durante o período eleitoral. Nota-se que os dois primeiros MiT possuem características eminentemente ideológicas e, em alguma medida, complementares.

Em “esquerda e guerra cultural”, especialmente na primeira volta, o centra-se em criticar a ideologia de esquerda, caracterizando-a como uma espécie de massa uniforme e descrevendo-a como autoritária, hipócrita, assassina e engajada em um plano de dominação continental, o inimigo a ser combatido. Na



segunda volta, a ideia abstrata de esquerda passa a ser substituída pelo PT, o que é conveniente diante da polarização com o candidato Fernando Haddad (PT), o adversário restante nesta etapa eleitoral; neste sentido, o PT e seus respectivos governos são indicados como ameaça à democracia e é sugerido que este atua para construir no Brasil um Estado de viés autoritário e totalitário.

No MiT “nova política e antiestablishment”, principalmente na primeira volta, o cerne está em demonstrar que as demais forças competitivas fazem parte de um mesmo sistema político e de um espectro ideológico semelhante, um establishment preocupado com o poder a qualquer custo; desta forma, constantemente polariza com a candidatura do PSDB visando, tanto responder à propaganda do adversário, como disputar o eleitorado de centro direita, indicando-a como a outra face do PT. Já a candidatura de Jair Bolsonaro, nos dois turnos, é descrita como a nova política, feita por gente honesta, preocupada com o futuro do país, ao lado da verdade, sendo capaz de reconhecer suas falhas e limitações e independente para constituir um “time” capacitado, que possa gerir o país livre de indicações e conveniências políticas.

As publicações contidas em “fakenews e crítica aos medias” reforçam a ideia de Jair Bolsonaro ser uma candidatura antissistema, uma vez que este seria perseguido e atacado pelo conjunto da imprensa, financiada, a partir de verbas públicas, e cooptada pelos governos anteriores e alinhada a uma “agenda globalista”. Se os medias criticam ou questionam suas conflitantes frases, são tachados de fakenews por indicarem que o candidato parte de premissas machistas, racistas ou homofóbicas; neste cenário não há harmonização nas suas ações, pelo contrário, ele se defende atacando, a ponto de afirmar “que imprensa lixo!” ao mesmo tempo em que se declara defensor da liberdade de imprensa.

A intensificação desta temática na segunda volta dialoga com os fatos políticos durante a campanha: ao ser confrontado com reportagens que indicam que grupos de empresários teriam pago por serviços de disparo em massa de mensagens pró sua candidatura, por vezes contendo notícias falsas, ou “fakenews”, sobre seu adversário – o que é proibido pela legislação eleitoral brasileira – Bolsonaro afirma que isto é fakenews e que seus adversários não aceitam o fato dele ter militância voluntária, reforçando o argumento com chacotas, sarcasmos e ironias. Quando é confrontado por fazer uso de uma notícia falsa contra seu adversário, afirma que quem se utiliza de fakenews é o PT e corrobora sua afirmação a partir de fontes engajadas com sua campanha e com seu espectro ideológico. Desta forma impede que seus adversários sejam proprietários dos temas dos quais é acusado e fortalece o cenário de confronto, o qual, pela própria característica discursiva de sua campanha, lhe é favorável.

Já o crescimento das publicações com temáticas relativas à corrupção se explica pela polarização explícita com o PT na segunda volta, alimentando-se dos aspectos da crise nacional estabelecida no último ciclo de governo – como já discutido no segundo capítulo desta dissertação – deslocando-os de uma característica sistêmica para uma particularidade do próprio PT, que passa a ser indicado como uma facção criminosa, semelhante ao Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), organizações

que disputam o comando do narcotráfico no Brasil, explorando novamente o confronto aberto com o seu adversário e a ridicularização como forma do conflito; desloca-se, assim, um elemento que seria favorável ao seu adversário – o apoio do ex-presidente Lula, um dos políticos mais populares do Brasil e, polemicamente, preso na operação lava-jato – com afirmações do tipo “nosso país é grande e próspero, não uma facção criminosa para ser comandado de dentro da cadeia”.

#### **4.4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS PUBLICAÇÕES CONTIDAS EM CADA MICROTIPO TEMÁTICO**

Após abordarmos características temáticas contidas nas publicações, tendo em vista, principalmente, o volume em que estes temas são abordados e as principais características na forma do seu tratamento, pretendemos agora aprofundar a compreensão das características discursivas contidas nas publicações.

Utilizaremos a análise do discurso, em uma perspectiva crítica – como demonstrado no capítulo 1 – a partir de uma amostra aleatória definida pelo índice de engajamento; desta forma analisaremos a publicação que, em cada MiT (microtipos que ultrapassaram em algum momento os 10% de presença proporcional no MaT) e em cada volta, tiver obtido maior índice de engajamento. Esperamos assim, constituir um corpo de análise diverso e que nos permita ter uma dimensão do discurso utilizado nos temas de campanha mais presentes, como identificado no tópico anterior.

##### **4.4.1. TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO:**

###### **4.4.1.1. POLÍTICA EXTERNA**

*(Primeira volta)* “Os venezuelanos morrem de fome devido à tirania de um governo que anda de mãos dadas com a ditadura cubana. Via BNDES e outras fontes de seu dinheiro o Brasil é um dos maiores patrocinadores do socialismo que massacra milhões no mundo. Isso vai mudar! Conosco, o foco é o Brasil!” (publicada no dia 30/09/2018 às 16h:46 min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1046331115563364353>)

Ainda que se refira a um aspecto relacionado à gestão do Estado – no caso o distanciamento dos governos venezuelano e cubano, bem como a mudança da utilização de recursos do Banco Nacional do Desenvolvimento Económico e Social (BNDES) – há uma efetiva busca pela constituição do conflito, simplificado no dualismo socialismo (maléfico) x capitalismo (benéfico), mesclado com um apelo nacionalista de que os recursos nacionais estariam sendo utilizados, não para os interesses nacionais, mas para o financiamento do socialismo, descrito como o responsável pelo massacre de milhões no mundo.

É interessante observar a simplificação de um complexo de debate geopolítico: comenta-se o fato de tanto Venezuela como Cuba terem governos que se reivindicam socialistas e serem aliados geopolíticos, sendo que o primeiro vive uma crise económica e humanitária, uma consequência que seria do espectro político em que se posicionam e da simbologia de esquerda que emanam. Ignora-se, no entanto, que o

governo Venezuelano também “anda de mãos dadas” com os governos da China e da Rússia, *players* importantes da economia mundial e parceiros comerciais destacados da economia brasileira.

O apelo nacionalista de que o dinheiro do povo brasileiro estaria sendo utilizado para financiar ditaduras socialistas pelo mundo, reforça os sentimentos constituídos a partir do ciclo de crises dos governos petistas, como apontado no capítulo 2, indicando que os governos anteriores (especialmente o PT e a esquerda) representam um *stableshment* que se utiliza da estrutura do Estado para interesses próprios (aqui beneficiar um projeto ideológico), contrários aos interesses nacionais.

O reforço desta ideia tumultua o debate público especialmente porque ele é estruturado em informações parciais e deslocadas, concretizando como fato algo que poderia ser considerado uma teoria da conspiração, uma vez que o BNDES não envia dinheiro para outras nações, mas financia bens e serviços brasileiros utilizados em obras no exterior – o que geraria a entrada de recursos no Brasil – e financiou exportação de empresas brasileiras para mais de 40 países (de 1998 até 2017), sendo o principal destino destas operações os Estado Unidos, seguidos de Argentina, Angola, Venezuela e Holanda<sup>11</sup>.

*(Segunda volta)* “Grato pela consideração de Vossa Excelência, Vice Primeiro-Ministro italiano! um forte abraço aqui do Brasil! “Grazie per la vostra considerazione, Vice Primo Ministro italiano! Un grande abbraccio qui dal Brasile!” (publicada no dia 16/10/2018 às 15h:21min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1052202841182560256>)

Ao agradecer o apoio declarado do Vice Primeiro-Ministro Italiano – uma importante liderança em um alto cargo do Estado Italiano – Bolsonaro demonstra, além de influência política com o suposto respaldo de um importante Estado-Nação europeu, que possui uma grande comunidade de descendentes de imigrantes no Brasil, intimidade ao dedicar “um forte abraço aqui do Brasil!”. A comunicação é realizada também de forma direta em Italiano, permitindo que o Vice Primeiro-Ministro Italiano possa compreender seu agradecimento sem o intermédio de tradutor.

Vice Primeiro-Ministro em questão é Matteo Salvini, líder da Liga Norte, um partido considerado de extrema-direita, eurocético e anti-imigração, demonstrando mais do que uma boa relação com um chefe de Estado, mas um alinhamento político-ideológico e possível agenda política comum, convergente com o espectro político no qual identificamos Jair Bolsonaro (capítulo 3 desta dissertação).

#### 4.4.1.2. DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

*(Primeira Volta)* “Ignorem essas notícias mal intencionadas dizendo que pretendemos recriar a CPMF. Não procede. Querem criar pânico pois estão em pânico com nossa chance de vitória. Ninguém aguenta mais impostos, temos consciência disso. Boa noite a todos! 🇺🇦” (publicada no dia 20/09/2018 às 00h:54min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1042562665124716545> )

---

<sup>11</sup> (BNDES, 2019)

A Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) foi um imposto que vigorou no Brasil de 1996 até 2007, sendo uma contribuição destinada originalmente para o custeio da saúde pública, e com incidência em todas as movimentações bancárias, com exceção de negociações de ações na bolsa de valores, saque de aposentadoria, seguro desemprego e transferência entre contas correntes de mesma titularidade. Durante os ciclos petistas de governo tentou-se a retomada deste tipo de tributação, o que foi rejeitado pelo congresso nacional<sup>12</sup>.

Durante a primeira volta das eleições de 2018, Paulo Guedes, uma espécie de guru económico de Jair Bolsonaro e futuro ministro da economia em seu governo, defendeu a criação de um novo imposto aos moldes da CPMF em paralelo com a constituição de um imposto único sobre a renda, gerando desentendimentos na campanha presidencial<sup>13</sup>, especialmente por esta pautar “o livre mercado e menos impostos” como “lema na economia”.

A partir da NME no governo Dilma Rousseff, como apontado no capítulo 2, abre-se uma disputa em torno da compreensão da crise económica, encampada pelos setores rentistas da economia brasileira, sendo um dos fatores que resultaram no fim do ciclo de governos petistas; fortalece-se uma defesa ideológica de princípios económicos liberais como a redução da intervenção do Estado na economia e o livre mercado.

A defesa da (re)adoção do imposto seria, à primeira vista, contraditório com esses princípios, especialmente por parte da campanha de Jair Bolsonaro que, como discutido no capítulo 3, tenta se firmar como uma alternativa sistêmica de direita, conservadora em termos de valores, mas liberal economicamente.

O discurso adotado na publicação visa demonstrar que não há flexibilização programática, convergindo com o anseio do seu eleitorado, afinal “*ninguém aguenta mais impostos, temos consciência disso*”, diz o presidenciável, que aproveita a deixa, não para explicar ou justificar a fala de Paulo Guedes (o responsável pelo seu programa económico), mas para caracterizar a cobertura sobre o fato como uma investida contra sua campanha, com um único sentido de “*criar pânico pois estão em pânico com nossa chance de vitória*”.

*(Segunda volta) “Agradeço a consideração do Empresário Roberto Justus!” (publicada no dia 25/10/2018 às 11h:21min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1055404091428474880>)*

Roberto Justus é um dos empresários mais conhecidos do Brasil, tanto pelo seu desempenho através de investimentos e gerenciamentos de negócios, como pela sua atuação na televisão, com notoriedade para sua performance como apresentador do *reality show*, “O aprendiz”, a versão brasileira do *The Apprentice*, que era apresentado pelo atual presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump.

---

<sup>12</sup> Informações do sítio oficial do Senado Federal em <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cpmf>, acessado em 07/08/2019 às 17h:18min.

<sup>13</sup> (Seto e Fernandes, 2018 e Bergamo, 2018)

Ao retribuir, através de agradecimento, ao vídeo de apoio de uma figura pública como Roberto Justus, Bolsonaro busca atrair a simpatia e a visibilidade de seus fãs, demonstrando a aprovação daquele que detém notabilidade popular por avaliar quem pode ser um bom gestor e destituir aqueles que são inaptos.

Mas mais que isso, demonstra convergência com a agenda económica que detém a “consideração do empresário Roberto Justus”, que segundo o próprio teve “o prazer de conhecer pessoalmente Paulo Guedes, que é uma cabeça brilhante, que tem ideias incríveis para colocar o Brasil num cenário em que o Brasil já deveria estar há muito tempo. Nós vamos ter, provavelmente, um governo que vai diminuir o tamanho do Estado, privatizar as empresas ineficientes, vai trazer investimentos estrangeiros, vai tirar o ambiente hostil para o empresário e criar um ambiente onde o empresário tenha coragem, vontade e condição de investir, trazendo emprego e mudando completamente o cenário económico do Brasil”.

Há aqui uma sinalização para sociedade e, em especial, para setores da economia brasileira, de compromisso com uma perspectiva privatista, desestatizante e flexível da atuação do Estado na economia.

#### 4.4.1.3. SEGURANÇA

*(Primeira volta) “Somos o país da impunidade. Desde candidatos que querem soltar corruptos, a bandidos, estupradores e assassinos que são soltos em audiências de custódia, saídas da cadeia, indultos, etc. Não há vítima da sociedade. A SOCIEDADE É A VÍTIMA! Se depender de nós ISSO VAI ACABAR!”* (publicada no dia 03/10/2018 às 22h:59min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1047607154121822209>)

O discurso parte de uma constatação baseada no senso comum da sociedade brasileira, a ideia de que “somos o país da impunidade”, estimulando ao mesmo tempo o sentimento de repulsa do leitor à impunidade no país e de adesão a uma comunidade que não tolera esta situação.

Para reforçar a afirmação o interlocutor mistura duas discussões diferentes: “desde candidatos que querem soltar corruptos”, referindo-se às candidaturas que apoiaram a tese de que o ex-presidente Lula, preso a partir da operação Lava-Jato, é vítima de um julgamento político e por conta disto deveria ser libertado, “a bandidos, estupradores e assassinos que são soltos em audiências de custódia, saídas da cadeia, indultos, etc”, referindo-se a mecanismo legais que visam humanizar e otimizar o sistema penal, especialmente em relação à sua população carcerária, ativando a sanha punitivista da sociedade.

Já a afirmação de que “não há vítima da sociedade. A SOCIEDADE É A VÍTIMA”, por mais que seja encarado como um clichê daqueles que defendem o Estado penal baseado na punição e no encarceramento, traz consigo o conteúdo ideológico de extrema-direita, como discutido no capítulo 3 da dissertação, onde os indivíduos são formados a partir de sua índole, em meio a uma desigualdade natural, e não formados a partir de suas relações sociais, cabendo, portanto, a exclusão destes quando se demonstram um risco para a população, devendo ser excluídos da própria sociedade.

Bolsonaro indica que seu governo terá como lógica de segurança uma perspectiva punitivista e baseada no encarceramento, contrária à lógica da ressocialização do indivíduo; “Se depender de nós ISSO VAI ACABAR!”, afirma buscando, através do uso de caixa alta e exclamação, demonstrar indignação com o próprio quadro que apresentou e voz ativa, como se, ao falar alto, conseguisse impor a lei e a ordem.

*(Segunda Volta) “Meu adversário falou que vai combater o encarceramento e soltar criminosos da cadeia. Nossa preocupação e prioridade são as pessoas de bem. Falo desde sempre, prefiro uma cadeia lotada de criminosos do que um cemitério lotado de inocentes. Se faltar espaço, a gente constrói mais!” (publicada no dia 09/10/2018 às 18h:13min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1049709386292191233>)*

Buscando sempre a polarização, Bolsonaro, sem citar nomeadamente seu adversário, Fernando Haddad, simplifica a proposta da qual é contrário, construindo a ideia de que combater o encarceramento em massa seria equivalente a “soltar criminosos da cadeia”, priorizando bandidos, enquanto que para ele a “preocupação e prioridade são as pessoas de bem”.

É importante destacar que o debate sobre política carcerária no Brasil tem adquirido cada vez mais centralidade nas discussões sobre segurança pública no país, o ponto do então ministro da justiça, Raul Jungmann, ter afirmado, em 2017, que “o Brasil caminha para se tornar prisioneiro, para se tornar refém de seu sistema prisional, do seu sistema penitenciário” ao demonstrar os dados de que a população carcerária no Brasil cresce 8,3% ao ano, devendo chegar a 1,4 milhão de presos até 2025<sup>14</sup>. No Brasil são ao todo 1.419 estabelecimentos penais, com capacidade para até 440.486 pessoas, com uma população total de 727.334 pessoas; a taxa de ocupação é de 165,12%, sendo que mais de 30% dos presos são provisórios, ou seja, ainda não julgados<sup>15</sup> e 11% das prisões são motivadas por homicídio, enquanto roubo e tráfico correspondem, respectivamente por 27% e 24% dos crimes<sup>16</sup>.

Os dados sobre o sistema carcerário brasileiro ficam invisíveis diante da afirmação de Jair Bolsonaro de que “prefiro uma cadeia lotada de criminosos do que um cemitério lotado de inocentes. Se faltar espaço, a gente constrói mais!”, ignorando o fato de que hoje já “falta espaço” e resumindo este importante debate na dualidade: criminosos encarcerados ou inocentes sepultados.

#### **4.4.1.4. GOVERNABILIDADE E COMBATE À CORRUPÇÃO**

*(Primeira volta) “Se vencermos, já começamos diferentes dos outros. Estamos livres para escolher nossa equipe pelo critério técnico e pela eficiência. Não devemos cargos nem favores que coloquem em xeque a autonomia de nosso governo e a soberania de nosso país. Nossa aliança*

---

<sup>14</sup> (Andreolla, 2018)

<sup>15</sup> (CNMP, 2018)

<sup>16</sup> (CNJ, 2018)

*é com a sociedade!” (publicada no dia 06/10/2018 às 18h:18min  
<http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1048621147657580545>)*

Como vimos no capítulo 2 desta dissertação, um dos elementos determinantes para o fim do ciclo de governos petistas é a forte crise política que se instaurou no país, fortemente marcada pelos casos de corrupção investigados pela operação Lava-Jato, que mesmo tendo como alvos prioritários políticos ligados ao PT, estendeu seu alcance para as demais siglas e cores do espectro partidário brasileiro, e o próprio modelo de governabilidade do presidencialismo brasileiro onde, para uma composição de maioria parlamentar, naturalizou-se a distribuição de cargos a partir dos interesses específicos da base aliada, ainda que estes interesses, algumas vezes, acabassem por se demonstrar pouco republicanos.

A alternativa contra corrupção, apontada por Bolsonaro, neste sentido, é afirmar a própria independência em relação ao sistema político, tendo liberdade “para escolher nossa equipe pelo critério técnico e pela eficiência”, fazendo ainda um aceno positivo para a ideologia meritocrática presente nos setores médios da sociedade brasileira, como apontado por Bastos (2017), ainda que não defina qual seria este “critério técnico” e qual seria indicativo de “eficiência”.

A declaração de independência de Bolsonaro também é sustentada a partir de um discurso nacionalista, afinal ele afirma não dever favores que “coloquem em xeque a autonomia de nosso governo e a soberania de nosso país”, indicando que os governos anteriores sofriam com a submissão a outros interesses divergentes da soberania brasileira.

Apesar do discurso ter sido proferido em uma mídia personalizada, como é o caso de um perfil pessoal da rede social *online Twitter*, ele é realizado na primeira pessoa do plural, estabelecendo uma ideia de sujeito coletivo; a vitória, “se vencermos”, não é só de Jair Bolsonaro, mas de todos que estão em comunhão com esta alternativa; a voz coletiva de Jair Bolsonaro, no entanto, torna-se universalizante, evocando um sentido ideal de povo, comum em discursos populistas (como discutido no capítulo 3), ao indicar que “a nossa aliança é com a sociedade!”(não com os mais pobres, não com os mais ricos, com os trabalhadores ou com os patrões, mas com uma sociedade sem divisões ou segmentos), dando a entender que a aliança de seus adversários se dá a partir de interesses que são contrários a esta mesma sociedade.

*(Segunda volta) “Ninguém entende melhor os problemas de uma região do que seu próprio povo, por isso vamos descentralizar os recursos e dar mais autonomia financeira aos estados e municípios. Além da melhor aplicabilidade, a medida facilita a fiscalização e o combate à corrupção de perto. BR” (publicada no dia 17/10/2018 às 10h:23min  
<http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1052490291339358208>)*

A proposta em questão está no programa político de Jair Bolsonaro no que foi batizado de “mais Brasil menos Brasília”, que parte do pressuposto da diminuição de poder e influência dos políticos no distrito federal (Brasília) e uma maior distribuição e participação a partir dos outros estados e municípios da federação.

Parte da afirmação deste twitter, a de que “ninguém entende melhor os problemas de uma região do que seu próprio povo”, deixa a perspectiva de uma ideia abstrata de povo, o que sugere que o restante da sentença irá se referir à ampliação de mecanismos para participação direta popular na gestão do Estado, afinal é o próprio povo que entende os problemas de uma região e não necessariamente seus representantes eleitos. A questão é que o discurso não se refere a isto, mas a uma proposição de novo pacto federativo, a partir da descentralização de recursos e maior autonomia financeira de estados e municípios.

No Brasil – por ser uma federação – os estados e municípios possuem autonomia relativa e governo próprio para assuntos locais, sendo o pacto federativo o conjunto de dispositivos constitucionais que regulam a relação entre os entes federados. Assim, União, estados e municípios dividem recursos e responsabilidades, gerando um complexo debate entre estes de qual deveria ser a participação de cada um no acesso ao recurso e na responsabilidade sob áreas específicas.

É sobre este pacto federativo (ou deveria ser) que a publicação se refere ao se comprometer em “*descentralizar os recursos e dar mais autonomia financeira aos estados e municípios*”, ainda que não indique como se daria a descentralização e a maior autonomia financeira (quais impostos iriam para a União ou ficariam no estado ou município arrecadante? Aumentaria o repasse da União para estados e municípios após a arrecadação geral? Teriam os estados e municípios mais ou menos responsabilidades no custeamento de áreas como saúde e educação?)

É evidente que este é um debate absolutamente relevante sobre a gestão do Estado e que deve ser feito no processo eleitoral; no entanto, a descentralização dos recursos e a maior autonomia dos estados e municípios, por si só, não indicam uma maior participação popular na gestão destes e tão pouco uma maior fiscalização e “combate à corrupção de perto”, sem contar que esta proposta deve ser condicionada a uma reforma constitucional, o que não depende da vontade única do presidente da república.

Há uma evidente simplificação do significado real da proposta, utilizando-se para tanto de “gatilhos” que geram aproximação do público à proposta, como a ideia abstrata de uma maior participação popular no gerenciamento dos recursos e uma maior eficiência no combate a corrupção.

#### **4.4.1.5. EDUCAÇÃO**

*(Primeira Volta) “Desrespeito com os pobres é deixar as crianças sem merenda nas escolas. Boa noite a todos!” (publicada no dia 23/09/2018 às 02h:33min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1043674560875442177>)*

Uma leitura descontextualizada da publicação aparenta que o candidato faz apenas uma constatação de indignação com um possível quadro negativo na política de acesso e permanência do estudante na escola pública afirmando que “desrespeito com os pobres é deixar as crianças sem merenda nas escolas”, dando a



entender que seu governo respeitará os mais pobres e garantirá uma política mais efetiva de acesso à alimentação nas escolas.

No entanto, esta publicação faz parte da troca de provocações e ataques entre Jair Bolsonaro e Geraldo Alckmin (PSDB) durante a primeira volta das eleições: Bolsonaro teria se queixado em reportagem para o jornal Folha de São Paulo que seria covardia de Alckmin os ataques proferidos contra ele; Alckmin por sua vez respondeu para o jornal que “a covardia é dele de desrespeitar as mulheres, os negro, os pobres”<sup>17</sup>; por sua vez Bolsonaro retrucou, no *Twitter*, com a publicação em questão, que se refere ao escândalo da merenda escolar, ocorrido, em 2016, durante a gestão do candidato do PSDB no governo do Estado de São Paulo.

É interessante observar que o discurso utilizado é convergente com a estratégia geral de manutenção permanente do conflito: aqui Alckmin não é nomeado, ele é apenas acusado de forma indireta, já que o escândalo da merenda escolar foi um fato de repercussão pública, que afetou o seu governo em São Paulo. Ao finalizar a publicação com “boa noite a todos!” ele indica que está finalizada a discussão e que depois disto nada mais é importante.

Nota-se que o discurso de Bolsonaro – contrariando a tendência observada por Sargentini (2017a), de docilização do discurso político (comentada no capítulo 1 desta dissertação) que, segundo a autora, vinha sendo uma característica recorrente entre candidatos à presidência da república – não se desloca da polêmica, pelo contrário, se alimenta dela em um “contra-ataque” ainda mais reativo – que não busca se justificar, mas demonstrar superioridade em relação ao seu oponente, estabelecendo uma polarização que visa igualar Alckmin como parte do sistema corrupto e ao mesmo tempo “fidelizar” e “monopolizar” o eleitorado e militância à direita.

*(Segunda volta) “O Brasil gasta pouco no ensino básico em relação ao superior. O alto índice de alunos sem noções mínimas de leitura e escrita nas faculdades reflete esse mau investimento. Vamos priorizar a base, qualificando o ensino para capacitar e formar grandes profissionais no futuro. 👍” (publicada no dia 13/10/2018 às 16h:09min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1051127861858447360>)*

Como vimos no capítulo 3 desta dissertação, um dos aspectos mais propositivos, no que se refere à educação no programa de governo de Jair Bolsonaro, é justamente uma mudança na estrutura da educação brasileira, fazendo com que o governo federal, em tese, tenha mais participação no ensino básico, priorizando-o em relação ao ensino superior.

Percebe-se, no entanto, que o programa parte do diagnóstico de que há uma grande entrada de recursos na pasta que estaria a ser mal utilizada ou mal alocada, priorizando o ensino superior, ou seja, o governa gasta muito em educação, mas gasta mal. Partindo desta premissa, podemos supor que, em relação

---

<sup>17</sup> (Bilenky, 2018)

à educação, não há a perspectiva de aumentar a entrada de recursos na pasta, direcionando-os para o ensino de base, mas sim o redirecionamento de parte dos recursos empregados no ensino superior para o ensino escolar.

Como o plano de governo parte desta pré-disposição – ou se investe no ensino de base ou no ensino superior – o discurso de Bolsonaro expresso na publicação reforça a comparação entre as duas esferas de ensino: “o Brasil gasta pouco no ensino básico em relação ao superior”.

De fato, em um investimento superior a 95 bilhões de reais em educação em 2018, o governo federal destinou quase 30 bilhões para o ensino superior – equivalente a 31% do total –, enquanto foi destinado aproximadamente 15 bilhões de reais de transferências para a educação básica – equivalente a 16,02% do total<sup>18</sup>. Esse dado desconsidera, no entanto, que boa parte da educação de base é custeada por estados e municípios, enquanto no ensino superior o custo é, principalmente, do governo federal.

Outro aspecto desconsiderado por Bolsonaro, em sua premissa ensino de base *versus* ensino superior, é que o próprio investimento no ensino superior afeta positivamente o ensino de base, uma vez que é nele que serão formados futuros docentes e outros profissionais para o ensino escolar.

Em contrapartida, o discurso empregado na publicação reforça esta polarização com mais um argumento que busca o conflito: “o alto índice de alunos sem noções mínimas de leitura e escrita nas faculdades reflete esse mau investimento”, sem que se indique qualquer fonte que justifique a informação da existência deste alto índice, desqualificando, de forma geral, a própria formação dos que estão ou passaram pelo ensino superior brasileiro.

A estratégia desta polarização também está circunscrita a outros dois aspectos: o seu adversário na segunda volta foi Fernando Haddad (PT), que atuou como ministro da educação de 2005 até 2012, durante os governos Lula e Dilma Rousseff, e teve como uma das principais marcas a expansão do ensino superior brasileiro; outro ponto é a compreensão, presente no programa político de Jair Bolsonaro, de que a educação brasileira foi formatada, não para capacitar e estimular o indivíduo a uma vida profissional ativa, mas sim para formar militantes de esquerda, influenciando a sociedade para implementação de um Estado socialista autoritário.

#### 4.4.1.6. TEMAS MÚLTIPLOS

*(Primeira volta) “O brasileiro desta vez tem a opção de escolher alguém que pegue firme contra a violência, a favor do livre mercado, contra o aborto e a doutrinação ideológica na educação, livre de acordões políticos e a favor da redução da maioria penal. Mudaremos juntos a direção do Brasil!” (publicada no dia 20/09/2018 às 12h:12min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1042733113716158465>)*

---

<sup>18</sup> (Portal da Transparência, 2018)

Este modelo de publicação traz consigo uma espécie de resumo programático do que esperar de Jair Bolsonaro e seu governo, o discurso implementado faz com que o eleitor olhe para aquilo que o candidato considera como suas próprias virtudes, mesclando aspectos mais relacionados à gestão do Estado com temas com características mais conflituais.

Desta forma, o discurso utilizado indica a candidatura de Jair Bolsonaro como um perfil inédito na democracia brasileira, já que “desta vez” (nas outras vezes não) “o brasileiro” (mais uma vez não há referência ao segmento, mas sim à totalidade do povo), “poderá escolher” (um poder que no passado não lhe foi permitido).

As “bandeiras” levantadas no discurso mesclam questões que, como demonstrado no capítulo 2, contrapõem-se a aspectos da gestão do Estado que adquiriram relevância negativa no período de crise do ciclo dos governos petistas (“livre mercado” contra um Estado grande; “livre de acordões políticos”; contra a corrupção) com pontos “morais” polêmicos no debate político brasileiro (“contra o aborto e a doutrinação ideológica na educação”; “a favor da redução da maioria penal”), buscando por um lado dialogar com um sentimento amplo de rejeição ao atual estado das coisas no Brasil e por outro inflamar sua base mais ideológica e militante, identificada com os temas mais “polêmicos”. O discurso também galvaniza a imagem de Jair Bolsonaro, já que ele é o “alguém” que vai “pegar firme contra a violência”, uma espécie de justiceiro que vai livrar o país de um dos considerados principais males do Brasil, a violência.

*(Segunda volta) “Não esqueçam! Desde o início somos contra o controle da mídia e da internet. Desde o início defendemos a inocência das crianças nas escolas. Desde o início somos contra o aborto. Desde o início defendemos a prisão de bandidos e não o desencarceramento. Recusem imitações! (publicada no dia 17/10/2018 às 21h:06min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1052652118899916800>)*

Novamente observamos uma espécie de resumo programático do que seriam pontos destacados do que representa a candidatura de Jair Bolsonaro, no entanto em um contexto de evidente polarização e conflito com a candidatura de Fernando Haddad (PT), que estaria mudando seu programa e sua marca para imitar Jair Bolsonaro (“Recusem imitações!”).

Este discurso tem relação com a mudança da identidade visual da campanha de Fernando Haddad realizada na transição da primeira volta para a segunda, onde a predominância da cor vermelha (da logomarca do PT) mudou para o verde e amarelo (da bandeira do Brasil), bem como houve redução da presença do ex-presidente Lula e maior exposição da imagem da candidata a vice-presidente Manuela

D'Ávila (PCdoB)<sup>19</sup>, e, principalmente, a alteração de pontos do programa de governo para se deslocar de polêmicas e atrair novos apoios<sup>20</sup>.

Assim Bolsonaro reforça, tanto aspectos da sua crítica ao programa de governo do petista, como a ideia de que este propunha o controle autoritário da mídia e da internet<sup>21</sup>, além de aspectos particulares de seu próprio programa, como a ideia de que há um processo intencional e planejado de sexualização precoce das crianças nas escolas – como parte do projeto de dominação da esquerda – que precisa ser combatido, a posição contrária ao aborto e uma política de recrudescimento penal e encarceramento em massa.

#### 4.4.2. TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS

##### 4.4.2.1. CORRUPÇÃO

*(Primeira Volta)* “Não permitiremos que controlem a mídia e a internet e que acabem com a Lava Jato. Nosso país não merece ser governado de dentro da cadeia ou por seus alinhados políticos mascarados como opções, mas com a mesma essência que nos destrói. Vamos juntos impedir que destruam o Brasil” (publicada no dia 03/10/2018 às 12h:24min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1047447252137119745>)

Ao não direcionar a quem está a se referir, o discurso expresso na publicação permite a compreensão de que esta seria uma manifestação antissistema, representando (o sistema) especialmente o PT e demais siglas de esquerda, que estariam a atuar em um projeto autoritário de controle da mídia e da internet e de perpetuação da corrupção com o desmantelo da operação Lava Jato.

A crítica ao PT se acentua – ainda que continue a não citar diretamente nenhum adversário – ao afirmar que “nosso país não merece ser governado de dentro da cadeia ou por seus alinhados políticos mascarados como opções”, em uma referência às constantes visitas de Fernando Haddad ao ex-presidente Lula, preso em Curitiba em consequência da operação Lava Jato.

Por fim, Bolsonaro assume o papel de líder salvacionista que convoca a população para “*juntos impedir que destruam o Brasil*”. Nota-se que o discurso, mais do que criticar a corrupção e se comprometer a atuar contra ela, busca construir a imagem de um inimigo que precisa ser impedido, para que não destrua o Brasil.

---

<sup>19</sup> (Seabra e Dias, 2018) <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/haddad-tira-lula-e-reduz-vermelho-de-material-de-campanha.shtml> (acessado dia 13/08/2019 às 19h:40min)

<sup>20</sup> (Rossi, 2018) [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/09/politica/1539048059\\_013174.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/09/politica/1539048059_013174.html) (acessado dia 13/08/2019 às 19h:40min)

<sup>21</sup> (Marés *et.al* 2018) <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/16/bolsonaro-sbt-entrevista/> (acessado dia 13/08/2019 às 19h:40min)

*(Segunda Volta)* “Pergunto ao pau mandado do corrupto preso: você aceitaria que o crime organizado continuasse sendo comandado de dentro dos presídios?” (publicada no dia 08/10/2018 às 18h:14min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1050796770949812225>)

Aqui Bolsonaro utiliza-se do sarcasmo para reforçar a perspectiva de conflito com a candidatura de Fernando Haddad, mais uma vez sem citar diretamente o candidato petista, que é tratado, de forma jocosa, como “*pau mandado*”, um indivíduo que apenas obedece a ordens. A mesma lógica de tratamento também é aplicada ao ex-presidente Lula, que é referido apenas como o “*corrupto preso*”.

A despersonalização e o uso de apelidos ofensivos para se referir aos seus adversários busca, dentro da estratégia discursiva do candidato da extrema-direita, além de acirrar um conflito entre polos que disputam um processo eleitoral democrático, destruir qualquer imagem pública positiva que seus opositores possam ter, bloqueando identificação ou empatia dos seus seguidores com eles; pelo contrário, devem ser vistos como inimigos e párias que ameaçam o povo brasileiro.

Nota-se que, mesmo sem citar nomeadamente Fernando Haddad, dirige a ele uma indagação: “ *você aceitaria que o crime organizado continuasse sendo comandado de dentro dos presídios?*”. É evidente que Bolsonaro não busca com isto o diálogo e/ou debate público com o candidato da esquerda, mas sim se dirigir aos que o acompanham em sua rede social *online*, em especial seus eleitores e militantes, demonstrando sua superioridade retórica, empurrando o adversário em um beco sem saída, impondo-lhe uma espécie de “*escolha de Sofia*”, aceitar que o crime organizado comande suas ações a partir dos presídios ou ser contra si mesmo, uma vez que Haddad frequentemente, durante a eleição, visitava o ex-presidente Lula na carcerária da polícia federal em Curitiba, supostamente para receber orientações do que fazer durante o pleito.

A pergunta de Bolsonaro também traz consigo a intenção de igualar, de forma indireta, o PT, partido de Haddad e Lula, assim como o conjunto da esquerda brasileira, aos grupos criminosos associados ao narcotráfico no país: é como se dissesse que eles (o PT e a esquerda) agem da mesma forma que o Primeiro Comando da Capital (PCC), que mesmo com seus líderes presos, comandam o crime a partir da prisão.

#### **4.4.2.2. ESQUERDA E GUERRA CULTURAL**

*(Primeira Volta)* “A questão ideológica é tão, ou mais grave, que a corrupção no Brasil. São dois males a ser combatido. O desaparecimento do Estado, e o fim das indicações políticas, é o remédio que temos para salvar o Brasil” (publicada no dia 02/10/2018 às 11h:38min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1047073236591235074>)

O discurso desta publicação evidencia a disputa ideológica que permeia o programa expresso pela candidatura de Jair Bolsonaro; ao afirmar que “*A questão ideológica é tão, ou mais grave, que a corrupção no Brasil*”, ele afirma que determinada ideologia é equivalente (ou pior) que a corrupção.

Como evidentemente ele não se refere à sua própria ideologia, podemos supor que se refere ao seu campo oposto – a esquerda – que, a partir do seu ponto de vista, deve ser tão repudiada como um ato criminoso, afinal tanto ela quanto a corrupção “são dois males a ser combatido (sic)”.

Como vimos no capítulo 3 da dissertação, o programa de Jair Bolsonaro considera que, a partir de um plano de dominação a esquerda se aparelhou do Estado e utilizou-se das indicações políticas como forma de manter o poder. Assim, a solução para derrotar ambos os males – que na sua lógica discursiva são um amálgama – é o próprio desaparelhamento do Estado (e a sua redução) e o fim das indicações políticas (substituídas por indicações meramente técnicas), cabendo a ele, Jair Bolsonaro, o papel de salvador que remediará o Brasil.

*(Segunda Volta) “O Partido dos Trabalhadores financiou ditaduras via BNDES; anulou o legislativo no mensalão; tem tesoureiros, marketeiros e ex-presidente na cadeia por corrupção; quer acabar com a Lava Jato, além de controlar a mídia e internet. Se alguém ameaça a democracia, esse alguém é o PT!”* (publicada no dia 08/10/2018 às 02h:08min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1049104215644233728>)

Na segunda volta do processo eleitoral, reforça-se a ideia, na campanha de Jair Bolsonaro, do PT como a “personificação” da esquerda no processo eleitoral e suas ações ao longo de seus governos como a expressão de um projeto ideológico nefasto. Diante do discurso do PT de, especialmente no segundo turno, representar o alinhamento daqueles que defendem os valores progressistas e a defesa da democracia diante de um risco autoritário que significaria a eleição de Bolsonaro, o candidato da extrema-direita não tenta se afastar de um possível conflito, pelo contrário, busca ser proprietário da pauta e imputar ao Partido dos Trabalhadores – e ao próprio candidato Haddad – a pecha de ameaça à democracia.

Ainda que não se possa afirmar que ao longo dos 14 anos em que o PT esteve no poder houve a implementação de um Estado autoritário, Jair Bolsonaro busca, na mistura de fatos com sua própria interpretação da realidade, demonstrar que mais um governo do PT é o verdadeiro risco para a democracia.

Desta forma, reafirma que o PT financiou ditaduras via BNDES (tema que já abordamos anteriormente na análise do discurso em outra publicação); que – ainda que tenha tido oposição e uma base apoio, em parte, orgânica – anulou o legislativo utilizando-se do mecanismo do mensalão (o qual comentamos no capítulo 2 da dissertação); e relembra que o partido possui “*tesoureiros, marketeiros e ex-presidente na cadeia por corrupção*” (o que é fato, no entanto, não significa que já tenham sido condenados por este crime e nem que a ação destes represente a totalidade do partido).

Por fim, busca no programa de governo do PT pontos os quais ele “traduz” como sendo significantes de que “*quer acabar com a Lava Jato, além de controlar a mídia e internet*”, o que equivaleria a impedir o combate à corrupção, simbolizada na operação Lava Jato e cercear a liberdade de imprensa e acesso à informação.

#### 4.4.2.3. NOVA POLÍTICA E ANTIESTABLISHMENT;

*(Primeira Volta)* “Na propaganda do PSDB na TV, apareço mais do que seu próprio candidato. Gastaram dezenas de milhões de dinheiro público para inventar mentiras frágeis a meu respeito. Muito fraco. Precisa merendar mais!” (publicada no dia 30/09/2018 às 00h:45min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1046184335743873030>)

Como já observado, por vezes, na primeira volta, a polarização estabelecida nas publicações no Twitter oficial do candidato Jair Bolsonaro se deu com Geraldo Alckmin (PSDB), o que, na nossa interpretação, está relacionado com a disputa de um eleitorado à direita e a perspectiva expressa no programa de Bolsonaro que os demais setores da política brasileira seriam no todo de esquerda, atuando dentro de um único sistema de dominação.

Alckmin atuaria mais como uma colateral do sistema, que dedica todos os esforços para impedir o avanço de Bolsonaro, ao ponto de dedicar mais tempo do seu próprio programa de TV para divulgar “mentiras frágeis” sobre o seu adversário do que para falar de si. Há ainda, neste contexto, a crítica à utilização de verba pública com esta finalidade, uma vez que no último pleito brasileiro ocorreu uma grande entrada de verba pública, através do Fundo Especial de Financiamento de Campanha, beneficiando principalmente os maiores partidos e maiores coligações; dessa forma, Alckmin estaria se utilizando do dinheiro do contribuinte exclusivamente para atacar Bolsonaro.

Por fim, Bolsonaro classifica o desempenho do adversário como “muito fraco”, demonstrando sua própria superioridade e faz chacota com o mesmo ao utilizar o jargão popular brasileiro “precisa merendar mais!”, que significa que seu oponente precisaria se esforçar mais para lograr êxito. No entanto, como estamos a comentar a polarização Bolsonaro – Alckmin, a expressão “tem que merendar mais!” adquire ainda o sentido de crítica sarcástica ao candidato do PSDB, ao fazer uma referência indireta ao escândalo da merenda escolar no governo do estado de São Paulo, do qual Alckmin era governador.

*(Segunda Volta)* “Haddad diz que sou responsável pela campanha mais baixa da história. Logo ele, que é orientado por um presidiário, esconde as cores do partido, finge ser religioso, joga bíblia no lixo, esconde apoio à ditadura venezuelana e espalha um monte de porcaria mentirosa ao meu respeito” (publicada no dia 26/10/2018 às 14h:33min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1055814639957803010>).

Desta vez Bolsonaro utiliza-se do ataque direto para responder à crítica do seu adversário Fernando Haddad (PT), que estaria a lhe acusar de realizar “a campanha mais baixa da história”. Como já observamos em outras publicações, faz parte da estratégia discursiva de Bolsonaro não permitir que o adversário tenha proeminência na discussão, mantendo-se participativo, e muitas vezes agressivo, em temas conflituais, mesmo que estes fossem, à primeira vista, negativos.

Para responder à crítica do petista, Bolsonaro faz referência ao meme “logo eu” que teve forte presença nas redes sociais online entre 2017 e 2018, que funcionava como uma expressão para contradizer a quem tenta ser superior ao interlocutor, por exemplo: “quis me provocar, logo eu, Mahatma Gandhi”.

Desta forma, Bolsonaro adequa o meme para introduzir polêmicas e ataques a Fernando Haddad, ainda que em última instância estivesse também a corroborar a ideia de que sua campanha seria desqualificada: “*Logo ele, que é orientado por um presidiário, esconde as cores do partido, finge ser religioso, joga bíblia no lixo, esconde apoio à ditadura venezuelana*”. Não importa aqui se as críticas proferidas podem ser consideradas “baixas”, mas sim desautorizar moralmente o adversário, para na sequência se colocar no lugar do indivíduo atacado: “*e espalha um monte de porcaria mentirosa ao meu respeito*”, atacado por se colocar contra a velha política que seria representada por Fernando Haddad.

#### 4.4.2.4. ATENTADO

*(Primeira Volta)* “Uma má notícia a quem só restou torcer contra minha saúde e recuperação: Nunca me senti tão feliz e bem! Estamos voltando para, juntos, fazermos do Brasil uma grande nação! BR <https://t.co/HIQXfQ1gJN>” (publicada no dia 21/09/2018 às 16h:28min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1043159966281023488>)

É evidente que o atentado do qual Jair Bolsonaro foi vítima<sup>22</sup> é um tema que tendia ao favorecimento da campanha eleitoral do político; afinal este fato, além de gerar sensibilidade da opinião pública e bloquear possíveis ataques de adversários, era um tema do qual Jair Bolsonaro seria naturalmente protagonista. Mas ainda assim, parece-nos exagerada a afirmação de que Bolsonaro teria estabelecido, a partir daí, uma campanha monotemática em volta do caso.

É preciso ter em vista que a busca pelo conflito é um dos elementos mais constantes na prática discursiva de Bolsonaro, ao menos nas suas publicações de Twitter, durante o período eleitoral. Neste sentido, a trajetória narrativa construída em torno desta temática não poderia girar em torno apenas da sensibilização do público para o drama vivido pelo candidato, mas fazer do próprio tema um elemento de ataque para seus adversários.

Assim, Bolsonaro aparenta confrontar seus adversários trazendo uma má notícia para eles, que torciam contra a recuperação de sua saúde “*Nunca me senti tão feliz e bem!*”. Nota-se que os demais candidatos não demonstraram, ao menos publicamente, que estivessem torcendo por uma piora no quadro clínico de Bolsonaro; pelo contrário, a posição assumida por todos foi de condenação ao ataque<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> No dia 06/09/2018, durante um ato de campanha na cidade mineira de Juiz de Fora, Bolsonaro foi esfaqueado no abdome por Adélio Bispo de Oliveira, operário da construção civil, que afirmou ter agido sozinho e a mando de deus.

<sup>23</sup> (Sem autor, 2018a)



O discurso na publicação também visa mobilizar sua base e seus seguidores na rede social online, anunciando o retorno do capitão, que após o vil golpe e mesmo com torcida contrária, volta para “*juntos, fazermos do Brasil uma grande nação!*”, em tom convocatório e nacionalista que reforça o imaginário do líder que guiará o povo na construção da grande nação.

*(Segunda Volta)* “*Infelizmente minha saúde não permite participar de atos públicos. Há cerca de um mês sofri uma tentativa de assassinato por um ex-militante do PSOL. Porém, estou acompanhando os atos e meu coração está com todos vocês! Muito obrigado e que Deus os abençoe! #NasRuasComBolsonaro*” (publicada no dia 21/10/2018 às 16h:13min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1054027885235834882>)

Diante da mobilização de eleitores que foram às ruas para demonstrar apoio, Bolsonaro lamenta não poder participar destes atos públicos em função do seu quadro médico após a facada recebida no dia 06/09/2018. O atentado, neste discurso, passa a simbolizar uma restrição, imposta pela violência cometida por Adélio Bispo de Oliveira, que priva o candidato de participar de momentos importantes da sua campanha, o que também é uma justificativa para sua ausência em situações de confronto que poderiam não lhe ser favoráveis, como a participação em debates com o candidato Fernando Haddad (PT)<sup>24</sup>.

Para reforçar a justificativa da sua ausência, seja em contextos favoráveis ou desfavoráveis, Bolsonaro relembra que foi vítima de um atentado – o que seria já de conhecimento público, uma vez que além da repercussão nas redes sociais *online* do próprio candidato, houve uma forte cobertura midiática sobre o tema – que aqui é descrito como “*uma tentativa de assassinato por um ex-militante do PSOL*”.

Nota-se que o candidato não se refere a quem cometeu a facada pela sua identidade (que era pública), mas sim pelo fato dele ter sido filiado ao PSOL de 2007 a 2014<sup>25</sup> (o que seria uma constante nas publicações sobre o tema na segunda volta). Ainda que se refira a Adélio como “*ex-militante*” do PSOL, ao priorizar esta informação do que a própria identidade de quem tentou lhe assassinar, Bolsonaro indica, de forma indireta, que o PSOL, a esquerda e por consequência seu adversário, teriam interesse ou envolvimento no crime. A ideia principal aqui é indicar que essas restrições que foram impostas a Bolsonaro são consequência de um ato bárbaro do PSOL e da esquerda.

O contraponto da situação à qual estaria submetido, é a demonstração de Jair Bolsonaro de afeto e de enaltecimento da sua militância, “*Porém, estou acompanhando os atos e meu coração está com todos vocês! Muito obrigado e que Deus os abençoe!*”, ou seja, ainda que no contexto trágico, ele está junto aos seus apoiadores.

---

<sup>24</sup> (Azevedo *et.al* 2018)

<sup>25</sup> (Bragon, 2018)

#### 4.4.2.5. FAKENEWS E CRÍTICA AOS MEDIAS;

*(Primeira Volta)* “Não sou homofóbico. Não acho que ninguém deve ser estuprado. Não defendo que mulher deve ganhar menos. Não sou racista. Estou firme com Paulo Guedes. Não quero dar porte de arma para criança. Como não poderei ir a algumas sabatinas por questão de agenda, já adianto as respostas!” (publicada no dia 25/08/2018 às 19h:58min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1033428394858500096>)

Durante a campanha Jair Bolsonaro, como analisamos anteriormente, estabeleceu diversos conflitos com os meios de comunicação, que estariam alinhados ao sistema e o atacariam como forma de prejudicar a sua candidatura. É curioso observar que ao mesmo tempo em que ataca os meios de comunicação ao publicarem notícias que lhe são contrárias, afirma-se como defensor da liberdade de imprensa e de opinião, enquanto acusa a esquerda, especialmente Fernando Haddad e o PT de quererem controlar os meios de comunicação e a internet.

É oportuno também resgatar, como observado no capítulo 3, que o plano de governo de Jair Bolsonaro reiterada vezes afirma que, estando no poder, fará tudo conforme estabelece a constituição, respeitando, entre outros pontos, a liberdade de expressão e de informação; evidencia-se assim, ao mencionar tantas vezes algo óbvio como um presidente seguir a carta constitucional de seu país, uma preocupação pré-existente de afirmar que a candidatura é comprometida com os valores democráticos, o que revela muito sobre o histórico de Jair Bolsonaro.

Quando o candidato afirma que “*não sou homofóbico. Não acho que ninguém deve ser estuprado. Não defendo que mulher deve ganhar menos. Não sou racista*”, ele está a negar aquilo que o seu próprio histórico de declarações reforça; quando diz “*Estou firme com Paulo Guedes. Não quero dar porte de arma para criança*”, nega a própria existência das polémicas que foram construídas a partir da sua própria campanha e noticiadas pelos meios de comunicação. O seu discurso busca o conflito, mas não permite o diálogo com o contraditório; quando este é exposto passa a ser tratado como um ato de perseguição política.

Bolsonaro eleva o tom e tenta indicar que esta é a verdade evidente, independente do que venha a ser questionado pelos meios de comunicação que, de forma monotemática, tentam lhe atacar. Ao afirmar que “*Como não poderei ir a algumas sabatinas por questão de agenda, já adianto as respostas!*”, demonstra indiferença com este tipo de espaço público, preferindo reforçar o diálogo com quem já lhe é adepto a partir da sua própria agenda, controlada e pré-definida, onde não há motivos para ser contraditado em seu próprio discurso.

*(Segunda Volta)* “*Ontem propôs combate às notícias falsas, hoje espalha mentiras descaradas a meu respeito. Quem está a favor do povo faz política com a verdade, não trabalha a serviço de um corrupto preso, nem faz parte da quadrilha que assaltou os brasileiros e colocou o país na lama. Canalha!*” (publicada no dia 09/10/2018 às 20h:52min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1049749448493031425>)

Diante de uma avalanche de notícias falsas que circulavam nas redes sociais *online* durante o processo eleitoral brasileiro, muitas das quais beneficiavam a campanha de Jair Bolsonaro, conforme noticiado por medias e agências de checagem de informações<sup>26</sup>, o candidato petista Fernando Haddad propôs um pacto entre ambas as candidaturas para combater as fakenews na segunda volta, o que foi prontamente rechaçado por Jair Bolsonaro em sua própria rede social *online*.<sup>27</sup>

Ao longo de sua campanha, como visto neste capítulo, Jair Bolsonaro acusou medias e adversários políticos de espalharem notícias falsas contra sua candidatura, especialmente quando confrontado com seu histórico de declarações e quando eram publicadas notícias que poderiam prejudicar sua campanha, em uma retórica que buscava trazer para o seu domínio o conflito em torno do tema. Evidencia-se também que, como demonstramos ao longo deste capítulo, o próprio Jair Bolsonaro utilizou em seu discurso informações falsas ou parciais sobre os governos do PT, as quais muitas vezes também estavam presentes em seu plano de governo, como visto no capítulo 3 desta dissertação.

Dentro da estratégia discursiva de estabelecer um conflito permanente sob seu controle, ao rejeitar o pacto proposto pelo adversário, Bolsonaro estabelece a narrativa de que o acordo de seu adversário seria hipócrita, já que no dia seguinte este já estaria a espalhar mentiras a seu respeito (ainda que não indique quais mentiras estavam a ser espalhadas).

Para reforçar junto ao seu eleitorado e seguidores que o seu discurso é de fato o verdadeiro, Bolsonaro afirma que “*Quem está a favor do povo faz política com a verdade, não trabalha a serviço de um corrupto preso, nem faz parte da quadrilha que assaltou os brasileiros e colocou o país na lama*”, misturando assim o tema da divulgação de notícias falsas dentro do processo eleitoral, com o tema da corrupção e buscando ativar a rejeição ao PT adquirida após as crises que culminaram no fim do ciclo dos governos petistas (como visto capítulo 2). Desta forma somente o seu discurso pode ser verdadeiro, já que é ele que está a favor do povo, enquanto seu adversário não possui idoneidade, dado o histórico progresso de seu partido, para propor um pacto contra notícias falsas ou se queixar delas.

Por fim, Bolsonaro reforçar o clima de conflito ao adjetivar o seu adversário de “Canalha!”, demonstrando tanto indignação como pujança diante do seu oponente, mas, sobretudo, que não é enquadrado em qualquer possível regra de polidez que possa ser associada a uma postura politicamente correta; afinal, por que teria que ser educado com alguém que faz parte da “quadrilha que assaltou os brasileiros”?

#### **4.5. OBSERVAÇÃO DO DISCURSO SOB UMA DETERMINADA LUZ CONCEITUAL**

---

<sup>26</sup> (Macedo, 2018 e Gaspar, 2019)

<sup>27</sup> (Sem autor, 2018b):

Como apontado no capítulo metodológico desta dissertação, para auxiliar-nos na investigação dos aspectos marcantes da estratégia discursiva adotada nas publicações do Twitter de Jair Bolsonaro e sua relação com um determinado campo político ideológico, tecemos três hipóteses relacionadas ao tema:

a) a campanha de Jair Bolsonaro representou um campo programático e ideológico de extrema-direita, participando deste processo eleitoral centrando sua atuação em temas morais e defendendo uma agenda económica ultraliberal;

b) como tática de sua estratégia discursiva, a campanha de Jair Bolsonaro atuou reforçando a ideia de uma suposta “guerra cultural” contra a esquerda e o comunismo, ampliando a fragmentação da opinião pública, no sentido de deterioração de uma possível esfera pública;

c) a estratégia discursiva da candidatura de Jair Bolsonaro não visa constituir um consenso na sociedade civil a partir do debate e do programa político, mas sim através da imposição da ideia de uma suposta maioria social em detrimento de minorias.

Em relação à primeira hipótese podemos afirmar que ela é parcialmente válida, uma vez que, conforme visto ao longo desta dissertação, de fato o discurso de Jair Bolsonaro corresponde ao campo programático da extrema-direita em tons notoriamente populistas, ou neopopulistas, que flerta com uma espécie de fascismo de novo tipo, como analisado no capítulo 3 da dissertação.

No entanto, ainda que a agenda económica ultraliberal corresponda a uma parte significativa do programa político de Jair Bolsonaro, sendo esta a parte mais estruturada, como demonstrado no capítulo 3, o MaT “temas económicos e relacionados a gestão do Estado” corresponde, na primeira volta, a apenas 26,63% das postagens analisadas e na segunda, a 30,09%. Dentro, exclusivamente, do universo deste MaT, as publicações classificadas no MiT “desenvolvimento económico” correspondem, respectivamente a 28,07% e 17,74%, entre primeira e segunda volta, das publicações analisadas. Podemos assim constatar que a agenda económica, ainda que importante e de fato ultraliberal, teve um papel secundário na estratégia discursiva adotada nas publicações de Twitter de Jair Bolsonaro.

Seguindo o mesmo critério, observa-se que as publicações classificadas no MaT “temas morais e socialmente conflituais” correspondem a 73,36% e 69,90% das publicações analisadas, o que demonstra, como indicado no capítulo 4, que há uma forte incidência de uma agenda socialmente conflitual e alicerçada em determinados valores morais em detrimento da agenda económica. No entanto, ainda assim, se dentro deste universo tivermos em conta apenas o MiT “temas identitários e morais” veremos uma incidência de 5,73% e 4,86% respectivamente. Nota-se, portanto, que mais do que pautada por temas explicitamente morais e identitários, a estratégia discursiva de Bolsonaro no *Twitter* é estabelecida pela busca do conflito, revelando seus valores morais e ideológicos no interior do discurso, como visto na nossa análise do discurso.

Já as hipóteses b e c precisam ser observadas sob a luz de uma base conceitual específica, notoriamente os conceitos de hegemonia e *interregno* em Gramsci, bem como a definição do que seria esta

suposta “guerra cultural” e de esfera pública em Habermas, como prisma normativo para o funcionamento de uma democracia liberal, ou mesmo republicana. Trabalharemos a seguir estes conceitos estabelecendo, na medida do possível, o diálogo com outras concepções apresentadas ao longo desta dissertação e com as próprias publicações do *Twitter* de Jair Bolsonaro, a partir da ACD, para então, testarmos a validade destas hipóteses.

#### **4.5.1. DISPUTA DE HEGEMONIA E GUERRA CULTURAL EM TEMPO DE *INTERREGNO***

Em nossa percepção, as eleições brasileiras de 2018 são parte de um contexto sociopolítico de recomposição de blocos de poder na sociedade brasileira, onde grupos de extrema-direita, aqui representados na candidatura de Jair Bolsonaro ( como já debatido no capítulo 3 desta dissertação), a partir da invulgar mescla de uma agenda econômica liberal com pautas antiliberais relacionadas aos modos de vida e liberdade individuais e políticas – bem como no negacionismo dos valores progressistas e das esquerdas –, assim como da disputa do aparato coercitivo de Estado, buscam se conformar como setor dirigente do bloco hegemônico da sociedade civil.

Entramos, portanto, em dois pontos presentes na tradição gramsciana, que nos parecem elucidativos na interpretação do significado do sujeito político Jair Bolsonaro e de sua prática discursiva: o conceito de disputa de hegemonia, aplicado a partir da realidade brasileira, e a compreensão de que se vive no Brasil um período de *interregno*.

O filósofo marxista Antônio Gramsci propõe em suas teses o conceito de hegemonia, o qual podemos sintetizar como sendo “a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras” (Moraes, 2010:54). Esta construção de consenso envolve, além de bases econômicas, entrecosmos de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política, como aponta Moraes (2010).

Para Paiva, “a ideia de hegemonia, a partir de Gramsci, permite vislumbrar a coexistência de outras determinantes como a cultura, a produção da fantasia, a arte, a religião, a filosofia e a ciência que se articulam junto à política e à economia para a produção de um pensamento determinante e dominante” (Paiva, 2001:02). Podemos então apontar que a ideia de disputa de hegemonia, por Gramsci, extrapola a perspectiva do controle do aparato estatal (ou esfera da sociedade política), mas está também nos valores culturais que se estabelecem a partir da esfera da sociedade civil.

Em Gramsci, o terreno prioritário da luta por hegemonia é a própria sociedade civil, determinante para estabelecer domínio de um bloco sobre o outro, a partir de consensos. Como descreve Rita Ciotta:

A hegemonia é, assim, a capacidade de criar consenso e alianças durante o processo revolucionário e durante a governação dum Estado. E o território em que se desenvolve a luta por hegemonia é o terreno da ‘sociedade civil’, elemento fundamental onde vivem e se produzem as superestruturas

ideológicas, morais, religiosas e dos costumes. É nesse território que se deve trabalhar, já que o Estado é composto pela união entre a sociedade política e a civil, formando uma ‘hegemonia couraçada de coerção’. (Ciotta, 2017: 17).

Já o *interregno* é classificado por Gramsci (2017) como um momento histórico onde a classe dominante não mais consegue exercer o consenso da sociedade civil, não sendo mais “dirigente”, tornando-se apenas “dominadora”, restando-lhe o apenas o controle do aparato coercitivo.

Gramsci descreve este momento como uma configuração onde “o velho morre e o novo não consegue nascer” (Gramsci, 2017: 18), quando a disputa por hegemonia no interior da sociedade civil se intensifica, deslocando o consenso como fundamento principal desta disputa para a tentativa de materialização de um polo que sustente a velha ideologia, ainda que arbitrária<sup>28</sup>, e que seja capaz de garantir a sustentação de um novo bloco dirigente, responsável por assegurar os privilégios da mesma classe dominante, ou de uma fração desta, acentuando os aspectos mais regressivos das ideologias dominantes, em contraposição aos valores progressistas que, em alguma medida, possam estabelecer uma nova cultura e um novo bloco dirigente.

No capítulo 2 desta dissertação observamos que a entrada do PT como partido dirigente do Estado brasileiro não representou um marco de ruptura da velha ordem, mas sim uma mediação ou conciliação de interesses de classes diferentes, estabelecendo um novo consenso, a partir de concessões aos setores historicamente mais penalizados da sociedade, sem que isto afetasse privilégios da classe dominante, e até lhes garantindo novos ganhos.

Quando se estabelece o ciclo de crises que culminaram no fim dos governos do PT, há uma ruptura deste consenso na sociedade civil, conflitando-o com setores importantes da classe dominante, que veem a sua própria estabilidade em risco, o que desabona a continuidade do partido exercendo a direção do bloco dirigente.

Nota-se que – como vimos no capítulo 3 deste trabalho –, com a reorganização da extrema-direita, há uma reconfiguração da sua perspectiva de atuação: no Brasil, percebemos que esta busca estender sua influência social através da disputa de valores culturais, em contraofensiva a uma suposta “guerra cultural” construída pela esquerda, permanente e invisível, a partir da concepção Gramsciana, que pretende derrotar o capitalismo através da destruição da cultura e dos valores da sociedade judaico-cristã ocidental.

---

<sup>28</sup> Gramsci distingue ideologias historicamente orgânicas das arbitrárias, considerando: “ideologias historicamente orgânicas, que são necessárias para uma determinada estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, “voluntárias”. Enquanto historicamente necessárias, elas têm uma validade que é “validade psicológica”, “organizam” as massas humanas, formam territórios em que os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc. Enquanto “arbitrárias”, só criam “movimentos” individuais, polémicas, etc” (Gramsci 2017:84).

É desta forma que o ideólogo de extrema-direita brasileiro, Olavo de Carvalho, descreve o efeito do que seria esta guerra cultural:

Todos sofrem o seu impacto e são profundamente alterados no curso do processo, inclusive nas suas reações mais íntimas e pessoais, mas geralmente atribuem esse efeito à espontaneidade do processo histórico ou a uma fatalidade inerente à natureza das coisas, sem ter a menor ideia de que até mesmo essa reação foi calculada e produzida de antemão por planejadores estratégicos. (Carvalho, 2013:140)

Para Carvalho (2013) este estratagema seria constituído por uma camada de intelectuais, estudiosos e artistas e que se alimentaria do medo da ridicularização imposta ao discordante.

Já Gallego *et al* (2017) destacam que, para alguns autores, a gênese que marcaria esta guerra cultural seria a reação ao questionamento político das normas sociais pela contracultura dos anos 1970, ou a fratura das identidades coletivas, proposta pelos novos movimentos sociais e pelo discurso pós-moderno; no entanto, independente da origem, a reorganização do discurso político se deu pelos conservadores, devendo ainda o campo progressista se adaptar ao novo terreno de disputa narrativa.

No estudo desenvolvido pelos pesquisadores sobre “guerras culturais” e “populismo anti-petista”, a partir da percepção dos participantes da manifestação em apoio à operação Lava Jato (com perfil mais identificado com a direita conservadora) e dos participantes da manifestação contra a reforma da previdência (identificados com a esquerda progressista), realizadas respectivamente nos dias 31 de março e 25 de março de 2017, Gallego *et al* (2017) demonstram que a polarização clássica entre a direita liberal, que defende a meritocracia baseada no livre comércio, e uma esquerda que defende intervenções políticas para promoção de justiça social, passa a ser subordinada ao antagonismo, por um lado, de um conservadorismo punitivo e, por outro, um progressismo compreensivo.

O mesmo estudo também conclui que:

Os manifestantes, que se identificam como progressistas ou de esquerda têm um padrão muito coeso de posições sobre questões morais referentes a mulheres, LGBT, drogas, população negra ou políticas de mobilidade social.[...] Os manifestantes que se definem como conservadores ou de direita, porém, não apresentam esse grau de homogeneidade como grupo e têm uma disparidade muito maior nas respostas referentes a questões morais. As características comuns são o punitivismo, a rejeição às políticas públicas de mobilidade social e, fundamentalmente, o antipetismo, que é o fator que oferece maior coerência interna e identidade ao grupo (Gallego *et al*, 2017: 6).

Como visto no capítulo 3, a nova direita, como indicado em Griffin (2007), teria promovido um revisionismo da sua estratégia de ação indicando a primazia da hegemonia cultural em relação à hegemonia política, tendo como prioridade a disputa da hegemonia da sociedade civil, a partir de movimentos populistas com peso eleitoral. A guerra cultural alardeada em Carvalho (2013) como uma estratégia da esquerda para

a conquista do poder de forma silenciosa e sem reação, torna-se a própria estratégia de nova extrema-direita brasileira, justificada pela contraofensiva desta tal guerra.

A questão é que a compreensão da disputa de hegemonia a partir da lógica de uma guerra passa pela ideia da aniquilação de um inimigo, independente das “armas” necessárias para avançar no “campo de batalha”. Como vimos no capítulo 4 deste trabalho, é possível notar no discurso de Jair Bolsonaro, ao longo de suas publicações no Twitter, uma busca permanente do conflito, que entre outros elementos se materializa também na construção de um inimigo interno que precisa ser derrotado:

*“A questão ideológica é tão, ou mais grave, que a corrupção no Brasil. São dois males a ser combatido. O desaparecimento do Estado, e o fim das indicações políticas, é o remédio que temos para salvar o Brasil”* (publicada no dia 02/10/2018 às 11h:38min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1047073236591235074>)

Teles (2018) considera que a ideologia do inimigo interno é o pano de fundo da militarização na história recente brasileira, tendo sido elaborada na ditadura civil-militar e potencializada nas últimas décadas, a partir de uma concepção de segurança pública que se pauta na guerra ao inimigo, variando este inimigo desde o “bandido”, passando pelos militantes de movimentos sociais, jovens negro e pobres, loucos, e indo até pessoas LGBTs, indígenas e etc. Ou seja, trata-se também de uma guerra de subjetivação, “contra as subjetividades das experimentações práticas, dos habitantes dos morros e periferias, dos afetos proibidos e das anormalidades” (Teles, 2018: 83-85)

Para Teles (2018), a militarização vai além da presença de forças de segurança na esfera pública, refere-se também aos discursos, estratégias, instituições, arquiteturas, performances, entre outros artefatos que sejam capazes de estabelecer técnicas e tecnologias de condução das subjetividades.

Neste discurso militarizado, pautado pela guerra contra o inimigo interno, estabelecem-se dois lados opostos em conflito, em um dualismo entre bom e mau, criando-se “de um lado o ‘cidadão de bem’, trabalhador (ou proprietário) e ordeiro e, de outro, o vagabundo, vândalo, drogado, arruaceiro, o indivíduo fora das bordas do possível autorizado pela ordem. Por meio da combinação do medo com a percepção de uma força acima das leis, legitima-se a violência” (Teles, 2018:83-85).

O discurso de Jair Bolsonaro, na sua busca pelo conflito permanente, utiliza-se justamente desta violência legitimada, na imposição da normalidade, através da força e apoiada nas leis, para derrotar o que se construiu como sendo patológico para a sociedade, em sua “missão” de curar ou eliminar o que estorva o “povo”, como podemos observar no exemplo que segue:

*“Meu adversário falou que vai combater o encarceramento e soltar criminosos da cadeia. Nossa preocupação e prioridade são as pessoas de bem. Falo desde sempre, prefiro uma cadeia lotada de criminosos do que um cemitério lotado de inocentes. Se faltar espaço, a gente constrói mais!”* (publicada no dia 09/10/2018 às 18h:13min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1049709386292191233>)



Assim podemos dizer que o discurso de Jair Bolsonaro, expresso nas publicações realizadas na sua conta no Twitter, é pautado por uma ideia de guerra cultural, tendo como norte estratégico a disputa de hegemonia na sociedade civil, para além da direção do aparato estatal (ou da esfera da sociedade política). No entanto, esta disputa de hegemonia se faz no contexto do *interregno*, quando o consenso já não é mais o fundamento principal dela, conduzindo-a pelo confronto entre os aspectos mais regressivos das ideologias dominantes e os valores progressivos que possam semear uma nova cultura e um novo bloco dirigente.

#### **4.5.2. O VELHO NÃO É O NOVO, MAS PODE ATÉ PARECER UMA GRANDE NOVIDADE**

Se Gramsci aponta que “o velho morre e o novo não consegue nascer” (Gramsci, 2017: 18), ao descrever *interregno*, fica evidente que o velho não é o novo, o que não quer dizer que ele não possa parecer como uma grande novidade, ou melhor, uma velha novidade.

Se formos pinçar dos 13 candidatos a presidente da república que disputaram o pleito eleitoral de 2018, aqueles que pudessem ser entendidos, literalmente, como novidades na política brasileira (estabelecendo como critérios: não ter ainda ocupado algum cargo eletivo, não ter integrado ministérios ou secretarias em governos e não ter vínculos familiares diretos com alguém que se enquadre nos dois critérios anteriores), teríamos apenas João Amoedo (Novo), no espectro das direitas, e Guilherme Boulos (PSOL) e Vera Lúcia Salgado (PSTU), nas esquerdas.

Já Jair Bolsonaro (PSL), apesar de não ter composto ministérios ou secretarias em governos, teve um mandato de vereador no Rio de Janeiro e sete mandatos como deputado federal, tendo passado por oito partidos ao longo da sua trajetória política. Além disso, três dos seus filhos ocupam cargos eletivos: Eduardo Bolsonaro (PSL) está em seu segundo mandato como deputado federal; Flávio Bolsonaro (PSL) foi deputado estadual do Rio de Janeiro por quatro mandatos e é Senador da República e Carlos Bolsonaro (PSC) é pela quarta vez vereador do Rio de Janeiro. Este quadro, por si, já demonstra que Bolsonaro (aqui especificamente o pai) não pode ser interpretado exatamente como o novo. No entanto, não podemos afirmar que Bolsonaro não traz novidades neste processo eleitoral, do ponto de vista da prática discursiva, ainda que sejam velhas novidades.

Como vimos no capítulo 1 desta dissertação, Sargentini (2017) considera que houve, ao longo dos processos eleitorais após o retorno da democracia ao Brasil, um processo de homogeneização nas características performáticas expressas no discurso político das candidaturas presidenciais, notadamente por três aspectos: segmentação, docilização e estetização. Podemos apontar que o discurso de Bolsonaro, publicado em sua conta de Twitter, rompe com estes três aspectos deste processo de homogeneização.

Entendendo o processo de segmentação como o direcionamento do discurso a grupos específicos e não mais a uma unidade abstrata de povo, podemos indicar que Jair Bolsonaro busca retomar esta unidade, ainda que ocasionalmente recorra ao direcionamento específico em alguns discursos. Este apelo unitário

corresponde ao próprio programa político e ideológico do candidato, já que seria parte da tática política dos governos da esquerda dividir os brasileiros a partir de pautas identitárias, como observamos no capítulo 3 desta dissertação. À lógica unitária no direcionamento do discurso também corresponde a característica populista descrita por Müller (2017) na representação exclusiva de “povo” distintamente moral, como forma de afirmação identitária, e também na perspectiva militar e dualista de construção do inimigo interno, a ser combatido na “guerra cultural”.

A seguinte publicação é exemplar neste apelo à unidade de “povo”:

*“Ontem propôs combate às notícias falsas, hoje espalha mentiras descaradas a meu respeito.*

***Quem está a favor do povo*** (grifo nosso) *faz política com a verdade, não trabalha a serviço de um corrupto preso, nem faz parte da quadrilha que assaltou os brasileiros e colocou o país na lama.*

*Canalha!”* (publicada no dia 09/10/2018 às 20h:52min

<http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1049749448493031425>)

Já a docilização, vimos que é a postura assumida de evitar o embate direto entre os oradores, afirmando o próprio programa, sem precisar de forma ativa desqualificar o projeto do adversário, passando uma sensação de harmonia consensual. Sargentini (2017) também aponta que é característico no discurso docilizado a expressão de uma fala compreensiva, doce, que acaba por apagar o confronto de ideias que seria, em tese, próprio do discurso político.

Ora, esta é a postura oposta ao discurso de Jair Bolsonaro, que não só deixa de evitar o embate como parece estimulá-lo de forma permanente, sem qualquer brandura na sua expressão, apelando, inclusive, a um tom violento e desrespeitoso:

*“Pergunto ao pau mandado do corrupto preso: você aceitaria que o crime organizado continuasse sendo comandado de dentro dos presídios?”* (publicada no dia 08/10/2018 às 18h:14min

<http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1050796770949812225>)

Vale destacar que Sargentini (2017) aponta que estas mutações no discurso político se consolidaram a partir das eleições de 2002; já em Chiari e Sargentini (2017) se discute os insultos na campanha eleitoral de 2014, demonstrando um deslocamento da docilização à agressividade.

Chiari e Sargentini (2017) consideram que o uso intensivo das redes sociais, o aprimoramento dos sítios virtuais de campanha e a mudança no formato dos debates televisivos foram fatores que colaboraram para o crescimento do “dizer agressivo” na campanha de 2014, diversificando as ferramentas para agredir o oponente.

As autoras consideram que os insultos verbais e imagéticos nas redes sociais permite a identificação de determinados grupos a partir da oposição de outros, reforçados a partir de compartilhamentos e “curtidas”, aumentando a chance de efeitos agressivos pela possibilidade dos internautas poderem se esconder em um suposto anonimato, a partir de perfis fictícios, e se afastar de punições individuais a partir

da ação coletiva de partilha do dito agressivo, sem que se possa atribuir a um agente específico a autoria do material veiculado.

Ao comentar a agressividade nos debates televisivos, comparando-a com a agressividade nas redes sociais, as pesquisadoras apontam que “a agressividade passa a ser vigiada, seus efeitos são mais contidos, em decorrência da posição ocupada pelos sujeitos enunciadorees, os quais enunciam a partir de um lugar oficial, o que os permite dizer algumas coisas, silenciando outras” (Chiari e Sargentini, 2017: 137). Nota-se então que a agressividade explicitada nas redes sociais *online* é potencializada pelo anonimato, sendo protagonizada por quem se identifica com a candidatura em oposição ao adversário, enquanto a agressividade nos debates televisivos é contida, justamente pela oficialidade dos sujeitos enunciadorees.

Assim, mesmo considerando este deslocamento da docilização à agressividade, já percebido nas eleições de 2014, há diferenças da agressividade praticada por Jair Bolsonaro, já que ela é explícita a partir de um lugar oficial, que é a sua conta oficial no *Twitter*, e não ocultada por um pseudônimo virtual. O candidato, ao buscar o conflito, não só se desloca de uma característica que até então parecia predominante no discurso político em campanhas presidenciais, a docilização, como também renuncia à possibilidade de uma agressividade encoberta ou controlada, assumindo-a, a própria agressividade, como uma característica de seu discurso oficial.

Por fim vale observar o aspecto da estetização do discurso político: Sargentini (2017a) considera que a estetização seria a preocupação com a estética do homem político, construindo a imagem de como ele quer ser visto e o que ele representa na sociedade, o que está marcado tanto pela sua expressão física (a partir de sua aparência, construção gestual, forma de se vestir e etc.), como por sua forma de dizer revelando o *ethos* do político. Nesta estetização, costumava-se aproximar o político de uma imagem relacionada à ideia de confiável, amigo e compreensivo, distanciando-o da imagem de impaciente, arrogante e intolerante.

Sargentini (2017a) aponta que, ao final do século XX, início do século XXI, a polidez passa a ser uma exigência ao candidato, pois não se admite mais a expressão da violência, seja na fala, na gestualidade ou na imagem. Esta polidez é articulada com a gentileza que se estende a expressões linguísticas e gestos de benevolência, bondade, complacência, etc.

Há um processo de estetização no discurso de Bolsonaro, no entanto ele não se articula com os aspectos que seriam típicos da estética do discurso político brasileiro no século XXI. O discurso do candidato não se preocupa com a polidez ou por ser marcado por gestos de gentileza; ele expressa abertamente a violência, utilizando-se de xingamentos e deboches contra adversários ou mesmo aos medias, demonstrando pouca preocupação em ser visto como impaciente, arrogante ou intolerante:

*(Segunda Volta) “Haddad diz que sou responsável pela campanha mais baixa da história. Logo ele, que é orientado por um presidiário, esconde as cores do partido, finge ser religioso, joga bíblia no lixo, esconde apoio à ditadura venezuelana e espalha um monte de porcaria mentirosa*

ao meu respeito” (publicada no dia 26/10/2018 às 14h:33min  
<http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1055814639957803010>)

Não nos parece, no entanto, que o discurso de Bolsonaro seja apenas a expressão natural do sujeito; ele tem o sentido estético de se opor ao próprio discurso do político tradicional, caracterizando-se como uma espécie de antipolítico, o que é convergente com as escolhas temáticas adotadas em suas publicações no Twitter, demonstrando que este elemento também faz parte de sua estratégia discursiva.

Como vimos no capítulo quatro, além de uma larga predominância de publicações enquadradas no MaT “temas morais e socialmente conflitantes”, dentro deste observamos a frequência considerável dos MiT “antiestablishment” e “fakenews e crítica aos media” e que estes, por vezes, estavam articulados com a narrativa de que Bolsonaro seria o candidato contra o sistema corrupto e de esquerda e que as demais candidaturas, assim como alguns órgãos de imprensa, estariam unidos para a sua manutenção.

Desta forma, dentro da estratégia discursiva de estabelecimento de um conflito permanente, a partir da lógica de construção do inimigo interno que detém o controle do sistema político, Bolsonaro precisa estar fora da própria política. Para tanto não basta criticá-la, é preciso se expressar e, principalmente, ser visto como o antagonico dela; assim a estética de seu discurso, agressiva e debochada, adquire um importante papel nesta construção.

#### **4.5.3. O DISCURSO POLÍTICO DE JAIR BOLSONARO E SUA RELAÇÃO COM A ESFERA PÚBLICA**

Observamos até aqui uma busca permanente e, aparentemente, deliberada do conflito como parte da estratégia discursiva de Jair Bolsonaro nas publicações realizadas em sua conta oficial de Twitter. Este aspecto é convergente, tanto com o tempo histórico, o qual, a partir de Gramsci, classificamos como *interregno*, como com uma estratégia de disputa ideológica a partir de uma suposta “guerra cultural”, a qual enxergamos circunscrita dentro de uma ideia de disputa de hegemonia apropriada das teses desenvolvidas pelo filósofo italiano.

Mas, de que forma esta “guerra cultural” atuaria no exercício de influência dentro da sociedade civil? Já apontamos alguns elementos discursivos, dentro das publicações estudadas, que estariam dispostos nesta estratégia como, por exemplo, a lógica militar de construção de um inimigo interno e o deslocamento das características que seriam marcantes de um processo de homogeneização do discurso político entre os presidencialistas brasileiros a partir da entrada do século XXI.

Nota-se que no *interregno*, como já citado anteriormente, a disputa de hegemonia não é pautada pela construção de consensos na sociedade civil, mas na materialização de um polo de sustentação da velha ideologia, que suporte os privilégios da classe dominante. Pensemos então na materialização deste polo a partir da sua influência na esfera pública, presente no pensamento de Habermas.

Habermas conceitua a esfera pública – ou o espaço público – como um espaço onde se constrói o livre debate, a partir da razão argumentativa, formando opiniões e decisões políticas, bem como constituindo condições legítimas do exercício do poder, sendo a sua primeira expressão os debates sobre economia, política e artes que ocorriam nos cafés (Sousa; 2006), fundamentais para o desenvolvimento da democracia. Vale destacar que Habermas conceitua a esfera pública como uma categoria da sociedade burguesa, perpassando o seu ordenamento jurídico, o desenho urbanístico das cidades, a relação com a comunicação de massa, entre outros elementos. Aqui nos interessam especialmente os aspectos comunicacionais que permeiam este conceito.

Almeida (1999) indica que, apesar de diferenças a partir de realidades regionais, a esfera pública burguesa mantém como característica constante a reunião de pessoas privadas buscando, através da razão, formar uma opinião pública a partir da argumentação; a sobreposição da autoridade do melhor argumento em relação à hierarquia social; a construção da ideia do ser humano com direito universais e não inferior aos aristocratas. Em contrapartida, esta esfera excluía as mulheres e os empregados (que supostamente não teriam autonomia para decidir a partir da racionalidade argumentativa), nascendo como uma esfera de proprietários privados.

Jürgen Habermas parte do diagnóstico histórico-social para explicar a crise da atividade política nas sociedades modernas. Para este autor, como define Rüdiger (2010), a apatia e desinteresse da população pela ação política, está diretamente conectada com a destruição cultural como processo libertador, convertido então em mercadoria.

Com a expansão da imprensa e o desenvolvimento dos demais meios de comunicação de massa, bem como da indústria cultural e sua crescente eficácia, a própria esfera pública passa a ser ampliada e dominada pelos interesses de mercado, sendo esta reinserida “na esfera outrora privada, do intercâmbio de mercadorias; quanto maior se tornou a sua eficácia jornalística-publicitária, tanto mais vulneráveis eles se tornaram à pressão de determinados interesses privados, sejam individuais, sejam coletivos” (Habermas [1962], 1984; 221, *apud* Rüdiger, 2010; 141). Para Habermas a formação do Estado burguês se materializa de forma a se submeter aos interesses de uma esfera privada, onde a política é encenada no parlamento e nos meios de comunicação.

Almeida (1999) corrobora a ideia de que hoje não se vê a esfera pública como proposto por Habermas, considerando correta a crítica que o autor faz ao processo de superficialização da política e do debate político, à inconsistência do que se passou a chamar de opinião pública, à burocratização e mercadorização crescente do espaço público, bem como a manipulação exercida pelas mídias e marketing. No entanto, Almeida considera que “isto não significa que a midiática da sociedade e da política, tenha eliminado a existência da opinião pública e de outras mediações da sociedade ou que impossibilite a construção de uma efetiva esfera pública democrática” (Almeida, 1999:1), considerando que as tecnologias

potencializaram a criação de uma esfera pública ampla, bem como experiências de desenvolvimento de esferas de participação da cidadania, notoriamente a experiência de conselhos populares desenvolvidas em algumas cidades brasileiras.

Vale salientar que aqui não é nossa intenção comprovar ou não a existência de uma esfera pública fechada dentro dos marcos propostos por Habermas, mas sim dialogar com o autor, a partir da compreensão de que a busca da constituição desta “esfera pública” pode ser vista como um guião importante, a partir de uma lógica racionalista, para a consolidação de uma democracia liberal, ou republicana, ainda no tempo presente.

Influenciado pelos estudos de Habermas, John Thompson analisa a relação dos meios de comunicação de massa e o desenvolvimento das sociedades modernas industriais e suas instituições, considerando desde o desenvolvimento da imprensa até os meios eletrônicos. Segundo Serra (2007), Thompson considera que a comunicação de massa tem como características fundamentais: a produção e difusão de bens simbólicos, codificados e fixados como informação, permitindo que se tornem reproduzíveis e disponibilizados como mercadoria; a relação entre a produção e a recepção dos bens simbólicos; a extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço; a circulação pública das formas simbólicas, sendo acessível a todos os indivíduos que possuam os meios técnicos e recursos (de diferentes ordens) para adquiri-los.

Thompson (2008) refuta a ideia que o conteúdo emitido pelos modernos meios de comunicação de massa fundamentalmente impeça o juízo crítico do receptor. Estes meios de comunicação trazem uma série de novas informações que antes não eram de conhecimento público e que são reinterpretadas a partir da mediação de diversas experiências vividas por quem tem acesso a esses conteúdos, considerando que as organizações midiáticas estão, sim, preocupadas em exercer um poder simbólico através das variadas mídias, no entanto sem conseguir lograr um êxito pleno no controle da “visibilidade mediada”, em função do alcance de novas informações e das reinterpretações do público.

Neste sentido, se por um lado alterou-se, por exemplo, a relação de um político com o seu público, fazendo com que este utilize os meios de comunicação de massa para trazer uma sensação de proximidade, mesmo que artificial e distante do debate político concreto; e desde que a mídia criou um terreno complexo de circulação de imagens e informações, “permitiu a emergência de novas formas de acontecimentos mediados, com potencial para burlar e minar a apresentação bem planejada de líderes políticos” (Thompson, 2008: 25).

Assim, para Thompson (2008), a visibilidade mediada, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, deixa de ser apenas uma forma de levar informações a outros, mas se torna o fundamento para o desenrolar de lutas sociais e políticas. Com o fluxo de informação sendo tão complexo e

interconectado e com tantas informações, outrora restritas, vindo a público, é impossível controlar o pleno efeito destas, permitindo que mais pessoas possam ter subsídios e canais para participar da esfera pública.

Sandra Jovchelovitch aponta que:

Thompson nota que o relato de Habermas, ainda que sendo de extrema importância para o entendimento do desenvolvimento da esfera pública, apresenta problemas no que diz respeito à narrativa de sua transformação e declínio. Os meios de comunicação não podem, como Habermas sugere, serem reduzidos a grandes organizações capitalistas dedicadas essencialmente a manipular consumidores, em vez de facilitar a discussão racional entre cidadãos (Jovchelovitch, 2000: 90).

Na perspectiva de Thompson, os novos instrumentos de comunicação de massa criaram uma nova forma de esfera pública, desvinculada da ideia de conversação dialógica e de espectro local. No entanto, alguns pesquisadores como Pasquale (2017) e Amadeu da Silveira (2015), indicam que as redes sociais *online* têm como seu principal ativo a emissão de opiniões e a exposição da vida privada de seus usuários, incitando-os a fazê-lo, por meio de algoritmos condicionantes, de forma acrítica e sem o tempo necessário para estabelecer uma compreensão de sentido para a exposição de suas ideias, aspectos estes que podem ser vistos como elementos contrários a esta possível qualificação da esfera pública.

Habermas (1984), ao ter em vista o processo de alargamento da indústria cultural e a expansão da comunicação de massa, pontua que o modelo de esfera pública constituído pela sociedade burguesa contava com a separação rígida entre “setor público” e “setor privado” e que, à medida que o setor público se imbrica com o setor privado, este modelo se esvai de sentido:

Os modelos ‘socializados pelos mídias’ [...] traduzem, por um lado, a ilusão de uma esfera privada íntegra e de intacta autonomia privada para relações que, há muito, já retiraram a base de sustentação para a privacidade e a autonomia. Por outro lado, esses modelos são sobrepostos a tal ponto, inclusive a fatos políticos, que a própria esfera pública se privatiza na consciência do público consumidor; efetivamente, a esfera pública torna-se a esfera onde se publicam biografias privadas, seja por alcançarem publicidade os destinos eventuais do assim chamado homem médio ou os astros planejadamente fabricados, seja porque as evoluções e as decisões publicamente relevantes sejam disfarçadas em roupagens privadas e, mediante a personificação, sejam deformadas até se tornarem irreconhecíveis” (Habermas, 1984: 203).

Habermas já indicava que nesta esfera pública privatizada as discussões passam a ser uma espécie de bem de consumo, onde os “conflitos, que uma vez já eram descarregados em polémica pública, são desviados para o nível dos atritos pessoais. O uso da razão arranjado desse jeito preenche, por certo, importantes funções sócio-políticas, sobretudo de aquietador substitutivo da ação” (Habermas, 1984: 194-195). Esta crítica é direcionada principalmente ao fazer jornalístico, no entanto a simplificação de discussões políticas complexas e a descaracterização da polémica pública para um conflito, descambado ao nível dos atritos pessoais, é visível nas publicações do *Twitter* de Jair Bolsonaro.

Neste sentido, não nos parece obtuso indicar uma ação orientada na direção da construção de uma espécie de “esfera pública privada”, a partir dos interesses específicos do campo político ideológico representado na candidatura de Jair Bolsonaro, expresso no conflito permanente, em detrimento da qualificação do debate público, que busca galvanizar adeptos em seu polo de atração a partir da negação do outro.

Para tanto, utiliza-se de clichês culturais, como definido em Habermas (1984)<sup>29</sup>, que podem ser observados, por exemplo, na readoção – por parte de Jair Bolsonaro – do conflito bipolar entre comunismo e capitalismo, amplamente explorado pela indústria cultural ao longo da “guerra fria”, ou pela própria lógica do recrudescimento penal tão presente nos meios brasileiros. A publicação que segue exemplifica:

*Não esqueçam! Desde o início somos contra o controle da mídia e da internet. Desde o início defendemos a inocência das crianças nas escolas. Desde o início somos contra o aborto. Desde o início defendemos a prisão de bandidos e não o desencarceramento. Recusem imitações!*  
(publicada no dia 17/10/2018 às 21h:06min  
<http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1052652118899916800>)

Há aqui a caracterização de um polo que “desde o início” é “contra o controle da mídia e da internet”, que defende “a inocência das crianças nas escolas”, é “contra o aborto” e que defende “a prisão de bandidos”, fazendo-nos supor que o rival é autoritário e quer controlar a internet e a mídia, que pretende utilizar as escolas para macular a inocência das crianças, que defende que o aborto seja praticado de forma indiscriminada e que bandidos sejam soltos e permaneçam impunes; e ainda por cima pode mudar de opinião apenas para enganar o público. Há, na verdade, uma grande mistura de temas em discussão sem que nenhum seja visto em sua complexidade, fazendo com que o público se posicione apenas a partir de clichês culturais que descrevem um lado virtuoso e um outro perverso.

Se é verdade, como indicado por Thompson (2008), que os modernos meios de comunicação, em especial as redes sociais *online*, permitiram uma ampliação de fontes de informação, novos mecanismos de participação e um alargamento no número de pessoas a acompanhar os debates públicos, não há, por outro lado, como ignorar os interesses privados que se correlacionam com o desenvolvimento e controle destes meios de comunicação.

---

<sup>29</sup> Para Habermas os clichês culturais são sistemas normativos que exigem submissão, ao menos temporária, por meio de controle social, utilizando-se, muitas vezes, de tradições culturais profundamente arraigadas: “[...] Clichês culturais se constituem [...] sistemas de normas que exigem submissão, mas basicamente por meio de um controle social através de “modas”, cujas mutáveis regras só exigem a disposição de obedecer por algum tempo. Assim como aqueles clichês culturais, intermediados por tradições culturais profundamente enraizadas, podem ser denominados de subliterários, assim também os clichês da indústria cultural alcançaram um estágio até certo ponto pós-literário” (Habermas, 1984, p.285).



Não à toa, como já indicamos, a emissão de opiniões e a exposição da vida privada são considerados ativos destes meios de comunicação em massa, pertencentes, diga-se de passagem, a grandes corporações transnacionais (Amadeu da Silveira, 2015), os quais também possuem seus próprios interesses privados: “atuam conforme seus termos de uso e regras de negócios. Esses documentos não são votados em parlamentos, nem seguem uma Constituição, por isso, mudam constantemente, conforme o interesse de seus controladores” (Amadeu da Silveira, 2015: 1645).

Nota-se que a esfera pública de Habermas expressa no seu clássico “Mudança estrutural da esfera pública”, torna-se considerável ainda no tempo presente; o próprio autor em obras posteriores (já nos anos 90), como salienta Guedes (2010), passa a apontar para uma concepção de público mais pluralista e reconhece a existência de esferas públicas alternativas e periféricas. Destituiu-se a esfera pública como um elemento unitário e indivisível da sociedade, passa-se a pensar em esferas públicas menores e alternativas, especialmente caracterizadas nos fóruns e movimentos sociais da sociedade civil, que convive e às vezes confronta e influencia a esfera pública geral, ainda dominada pela comunicação de massa e pelo capital.

Fala-se então de esferas públicas contemporâneas constituídas através das novas tecnologias da informação e da comunicação e das novas formas de sociabilidade; Brittes (2007), por exemplo, fala de uma revitalização da esfera pública habermasiana a partir do surgimento das Plataformas Comunicativas Multimidiáticas Ciberespaciais e as mutações no jornalismo, em sua condição de processo social. Almeida (1999), mesmo reconhecendo que a esfera pública proposta por Habermas seria impossível, em sua plenitude, em um Estado capitalista, fala em uma ampliação democrática dos canais de participação e decisão na esfera pública midiaticamente ampliada. Guedes (2010) considera que a função original da esfera pública burguesa, de pressionar o sistema político a partir dos interesses públicos comuns, não é essencialmente alterada, mas atualizada em sua forma, conteúdo, ambientes e atores.

No entanto, especialmente para o caso brasileiro, consideramos ainda atual resgatar a crítica de Habermas:

Rasgou-se o contexto comunicativo de um público pensante constituído por pessoas privadas: a opinião, que uma vez já provinha dele, está em parte decomposta em opiniões informais de pessoas privadas e sem público e, em parte, concentrada em opiniões formais de instituições jornalísticas ativas. Não através da comunicação pública, mas através da comunicação de opiniões publicamente manifestas é que é atingido o público das pessoas privadas não-organizadas no alegre trenzinho da publicidade desenvolvida de modo demonstrativo ou manipulativo (Habermas, 1984: 287).

Na nossa interpretação, ainda que se possa indicar que há a entrada de novos atores no sentido de expor e expressar opiniões diversas, não se pode concluir enfaticamente que haja um processo de constituição de um público, que a partir de um debate racional, desloca-se do âmbito privado para debater as diferentes posições a fim de alcançar aquilo que seria de interesse coletivo. A própria ambiência das

atuais redes sociais *online* estimula a publicação daquilo que outrora seria privado e disponibiliza, principalmente, aquilo que já é parte do universo das pessoas privadas.

As publicações do Twitter de Jair Bolsonaro parecem convergir neste sentido; explorando o conflito, não para que se discuta aquilo que é ou pode ser diferente, mas para agrupar e homogeneizar uma suposta opinião pública a partir da rejeição daquilo que difere da constituição de sua experiência e interesses privados, representando assim uma noção vaga de povo que se afirma a partir da identificação de um inimigo e pelo reconhecimento de um líder (neste caso o próprio Jair Bolsonaro), tal qual demonstra Honório (2018), ao falar do sentido de povo a partir do populismo:

O populismo precisa, assim, de um povo vago, sociológica e economicamente indefinível, que se positiva pelos inimigos que identifica e pelo seu reconhecimento em um líder definido. Acrescenta-se, hoje, a emocionalização própria da hipermediatização da política e dos seus protagonistas (há quem lhe chame de ‘telepopulismo’), e é simples: os ‘bons’ combatem os ‘maus’ e a redenção pode estar ao alcance de um voto” (Honório, 2018: 33).

Na lógica populista presente no discurso publicado no Twitter de Jair Bolsonaro, faz-se ainda mais distante o que Brittes (2007) indicou como utopia de Habermas, impedindo-nos, assim, nestes caso em específico, de falar em uma revitalização de uma esfera pública, até porque sequer conseguimos atestar a sua existência original a partir de um discurso racional e democrático, “pois, mesmo se no alvorecer da esfera pública burguesa houvesse estas características discursivas, ela era restrita aos burgueses, ou seja, proprietários privados do sexo masculino” (Almeida, 1999: 11).

Tendo em vista a concepção apontada por Guedes (2010) de que as modificações sofridas pela esfera pública estão nas relações entre instituições políticas e as representações sociais; constituindo-se como espaços públicos autônomos capazes de gerar um debate crítico na esfera pública maior, trazendo conflitos da periferia para o centro da vida pública, partindo da pluralidade ao colocar em convivência e fóruns de discussões diversos e que:

A multiplicidade de esferas públicas corresponde à multiplicidade de agentes sociais e políticos – o Estado, os meios de comunicação, os movimentos sociais, as organizações-não-governamentais, enfim, às redes sociais construtoras da história contemporânea. Evidenciam-se como agentes dotados de capacidade de comunicação, ação e intervenção que promovem a permanente mutação do espaço público, revitalizando e renovando a malha social, a partir não somente da busca de consensos, mas também dos antagonismos e conflitos inerentes à convivência de diferentes [...] tornar-se plural não enfraquece o espaço público, desde que a capacidade argumentativa permaneça. (Guedes, 2010:14)

Talvez, através do discurso de Bolsonaro, o que possamos conjecturar, ao menos neste contexto, é a tentativa de constituição de esferas públicas emergentes, que se organizam a partir da negação daquilo que lhes é antagônico às suas esferas privadas, influenciando na esfera pública maior, não no sentido do

promover o encontro entre os diferentes para discutir o que seria de interesse comum, a partir da melhor argumentação, mas no exercício de privatização da esfera pública a partir da polarização do que lhes seria divergente.

Nesta hipótese, podemos considerar ilustrativas as publicações que seguem, tendo em vista a performance discursiva de Bolsonaro, em um suposto diálogo/debate com o oponente e com os medias, que estrategicamente se encerram antes de estabelecerem interlocuções com os respectivos destinatários das mensagens, estabelecendo um propósito apenas locutório, entre ele (Bolsonaro) e os seus comuns (aqueles que compartilham com ele a rejeição ao outro) pautado, não pela razão argumentativa, mas pela expressão emotiva dos interesses privados:

*“Pergunto ao pau mandado do corrupto preso: você aceitaria que o crime organizado continuasse sendo comandado de dentro dos presídios?”* (publicada no dia 08/10/2018 às 18h:14min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1050796770949812225>)

*“Não sou homofóbico. Não acho que ninguém deve ser estuprado. Não defendo que mulher deve ganhar menos. Não sou racista. Estou firme com Paulo Guedes. Não quero dar porte de arma para criança. Como não poderei ir a algumas sabatinas por questão de agenda, já adianto as respostas!”* (publicada no dia 25/08/2018 às 19h:58min <http://twitter.com/jairbolsonaro/status/1033428394858500096>)

Nota-se que no primeiro caso, como apresentado no capítulo 4 desta dissertação, Bolsonaro direciona o seu questionamento ao candidato Fernando Haddad, o seu opositor na segunda volta do pleito, identificando-o como “pau mandato de corrupto preso”, estabelecendo a partir da indagação uma relação indireta entre o modo de operar do crime organizado no Brasil e a relação entre Haddad e o ex-presidente Lula, ambos do PT.

É evidente que o discurso de Bolsonaro não busca o diálogo, ou até mesmo o debate com Haddad. Na realidade, a publicação, enquanto prática discursiva, sequer é direcionada ao candidato do PT, mas a quem o rejeita, fortalecendo o estigma a partir do clichê de que o partido do oponente corresponderia à uma organização criminosa, comandada a partir da cadeia, através do ex-presidente Lula.

Já na segunda publicação, Bolsonaro responde aos medias sem que ao menos lhe tenha sido indagado, como se as perguntas em uma sabatina não tivessem importância por serem sempre as mesmas. Mais uma vez ele não está a se propor a um diálogo em uma esfera pública, não tenta argumentar em um cenário em que possa ser contraditado, pelo contrário, sua resposta é direcionada ao seu próprio público, um público que para ele é privado, motivado tanto pela negação, quanto pelo sentimento de uma suposta perseguição por parte dos medias.

#### **4.5.4. COMPLEMENTANDO A VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES**

Depois desta acessão conceitual, em diálogo com o desenvolvimento da ACD e demais conceitos apresentados neste trabalho, resta-nos atestar ou negar a validade das duas hipóteses remanescentes.

Em relação à hipótese B, que aponta que dentro da estratégia discursiva de Bolsonaro há uma atuação tática no sentido de reforçar a ideia de uma suposta guerra cultural contra a esquerda, fragmentando a opinião pública e deteriorando uma possível esfera pública, atestamos a sua validade parcial, tendo ainda alguns pontos em consideração.

Mais do que uma questão tática, esta suposta guerra cultural aparenta ser um componente estruturante na estratégia discursiva do candidato, o que pode ser observado pela performance discursiva, nos elementos contidos no programa de governo e na renovação dos métodos de atuação em que o campo ideológico no qual o identificamos – a extrema-direita neopopulista – tem atuado a partir da sua renovação programática; a própria estratégia de busca do conflito permanente nos parece convergir neste sentido, em especial pela adoção de um discurso militarizado de combate ao inimigo interno.

Sobre a fragmentação da opinião pública e o deterioramento da esfera pública, parece-nos mais exato apontar que, a partir da ambiência das redes sociais *online*, há uma atuação no sentido de atração de um público fragmentado para a constituição de esferas públicas emergentes, pautadas não pela razão argumentativa, mas pela ação emotiva de rejeição daquilo que difere da sua esfera privada, constituindo um processo de privatização e conseqüente deterioramento de uma esfera pública maior.

Já em relação à hipótese C, que supõe que a estratégia de Jair Bolsonaro não é orientada no sentido de construção de um consenso na sociedade civil a partir de debate programático, mas na imposição da ideia de uma suposta maioria em detrimento de minorias, consideramo-la válida sem maiores ressalvas.

Primeiro porque entendemos que o tempo histórico onde se situa este processo eleitoral converge para o *interregno* de Gramsci, um momento onde fica mais intensa a disputa por hegemonia no interior da sociedade civil e a busca pelo consenso deixa de ser o elemento principal para a classe dominante, mas sim a formação de um bloco dirigente que seja capaz de sustentar a velha ideologia e assegurar os seus privilégios. Assim, Bolsonaro não atua na busca de construção de um consenso legitimador, mas sim na consolidação de um campo ideológico que seja capaz de se impor como setor dirigente da sociedade.

Segundo, porque sua estratégia discursiva, de busca pelo conflito permanente, perpassa por uma performance populista que estabelece uma ideia de povo totalizante e infalível, bem como se estrutura na lógica militar do inimigo interno a ser combatido, o que pode ser interpretado como representação de uma maioria – representada na ideia de “povo”, “sociedade”, “cidadão de bem”, “inocente” – em detrimento de uma minoria – representada como “marginal”, “criminoso”, “corrupto”. Desta forma, a maioria, a partir da sua liderança, deve se impor em relação à minoria, na justificativa de “salvar” a nação.

## CONCLUSÃO

A partir do arcabouço teórico proposto por Pêcheux, Bakhtin e Verón e tendo em vista as próprias características das publicações do *Twitter* de Jair Bolsonaro – como o fato das publicações serem discursos políticos – desenvolvemos um modelo de ACD que o compreendesse a partir da sua dimensão histórico-social, da sua constituição ideológica, da representação do sujeito político e do que está expresso e implícito na sua forma linguística. Ainda que reconhecendo riscos e limitações no método empregado, este se demonstrou particularmente eficaz, especialmente por permitir um olhar ampliado sobre as estratégias discursivas adotadas e uma certa profundidade sobre a performance de Jair Bolsonaro em suas publicações no *Twitter*.

Observamos neste estudo que o processo eleitoral de 2018 ocorre num contexto de redefinição do bloco dirigente da sociedade civil, após um ciclo de 14 anos de governos petistas, em um modelo de conciliação de classes, concedendo melhorias na condição de vida e de consumo dos setores historicamente penalizados da sociedade e por outro lado a ampliação de ganhos de setores do capital brasileiro. Este é interrompido por um conjunto de crises de três características: económica, com as quedas dos preços dos produtos exportados e do consumo interno; política, com o esgotamento do modelo de governabilidade e os subsequentes escândalos de corrupção e a pouca capacidade demonstrada de conter os conflitos sociais; e ideológica, com o distanciamento da classe média, o crescimento de uma ideologia burocracista e meritocracista, materializada na luta contra a corrupção.

Dois ciclos de manifestações massivas também marcam a fase final dos governos do PT: as de 2013 guiadas por uma diversidade de pautas, com direção de caráter autonomista e sem um alvo político específico prioritário; já as de 2016 diferiram das anteriores por terem como mote principal a o combate à corrupção e o apoio à operação Lava Jato, e como fim estratégico o impeachment da presidente Dilma Rousseff, além de direções centralizadas a partir de novos movimentos e lideranças relacionadas à ideologia do liberalismo econômico e do conservadorismo comportamental.

Já o governo Temer (2016 – 2018) marca a ascensão de um agenda econômica e social que unifica as pautas das frações da elite brasileira, assinalada no corte de gastos e suposta responsabilidade fiscal, com a anuência de uma base parlamentar ampla, mas com alto descrédito popular, visto que este governo termina com um índice de 62% de rejeição, segundo o instituto Datafolha.

Vimos que o sujeito político Jair Bolsonaro pode ser classificado como a representação de um campo político de extrema-direita, (neo)populista e que expressa aspectos de um fascismo de novo tipo. Em relação à sua representação a partir dos médias, nota-se que é associada ao corporativismo militar subversivo, à apologia à tortura e ao uso da violência, à defesa da ditadura e do golpe civil-militar e à pauta anti-direitos humanos. Em relação à sua auto-representação, percebe-se a valorização da carreira militar

atrelada a méritos individuais e ao patriotismo e da sua relação familiar, demonstra-se também o esforço de se deslocar da “fauna” política brasileira, sendo visto como uma candidatura antissistema.

Concluimos que o seu plano de governo apresenta uma identidade que busca estabelecer conexões com determinados valores religiosos, com uma perspectiva patriótica e com a ideia de construção de um governo “libertará” o país das forças que o colocaram na crise ética, moral e fiscal. Na seção *Valores e Compromissos*, observa-se não só o reforço dos valores religiosos, como a defesa da família, da propriedade privada e do Estado mínimo, bem como uma percepção dualista da sociedade compreendida entre o bem (o campo político representado em Jair Bolsonaro) e o mal (representado no marxismo cultural e no gramscismo) e a lógica populista ao retratar o próprio projeto como o libertador da pátria.

Nas seções *Nova forma de governar! Mais Brasil, menos Brasília, Segurança e combate à corrupção, Saúde e educação e Economia e infraestrutura*, onde esperaríamos uma abordagem mais programática e objetiva em relação à gestão do Estado, percebe-se a construção de um discurso propagandístico, de características manipulativas, anti-esquerda e pró-liberalismo económico, capitaneado por teorias da conspiração e simplificações reducionistas, ainda que encontremos alguns indicativos de metas e propostas. A exceção se faz na seção *Economia e infraestrutura*, onde se nota uma maior consistência técnica e programática, fazendo desta a seção mais propositiva do plano de governo, num recorte liberal e privatista.

Nas publicações realizadas no *Twitter* oficial de Jair Bolsonaro, durante a primeira volta, tivemos, dentro do escopo analisado, 23,63% de publicações enquadradas no MaT “temas económicos e relacionados à gestão do Estado”, enquanto 73,36% em “temas morais e socialmente conflituais”, enquanto na segunda volta registramos 30,09% e 69,90%, respectivamente, indicando que a estratégia adotada nesta rede social *online* é sobretudo conflitual e alicerçada em determinados valores morais.

Ao observarmos as características temáticas contidas em cada MaT, a partir dos MiT, nota-se que nas publicações classificadas em “temas económicos e relacionados a gestão do Estado”, há uma predominância, na primeira volta, dos temas “política externa” (17,54%); “desenvolvimento económico” (28,07%); e “educação” (17,54%), enquanto na segunda volta predominaram “desenvolvimento económico” (17, 74%); “segurança” (14,51%), “governabilidade e combate à corrupção” (16,12%), “educação” (12,90%) e temas múltiplos (16,12%). Chamou-nos a atenção que, apesar destas publicações reverberarem o estado da economia e trazerem proposições sobre a gestão do Estado, elas não se distanciam da busca do conflito como estratégia política, em suas formas discursivas.

Na análise a partir dos “temas morais e socialmente conflituais” observamos que o MiT “atentado”, apesar de ter uma presença significativa (especialmente na primeira volta), não é exatamente estruturante ou prioritário nas publicações no *Twitter* realizadas pelo candidato e expressa um uso secundário em tentar vincular o fato a uma suposta ação da esquerda para impedir a ascensão da sua campanha. Já os MiT

“esquerda e guerra cultural”, “nova política e antiestablishment”, “fakenews e crítica aos medias” permanecem pelos dois turnos com um alto índice de presença proporcional (sempre acima dos 10%), demonstrando-os como temas estruturantes na estratégia discursiva adotada. Já o crescimento das publicações com temáticas relativas à corrupção, explica-se pela polarização explícita com o PT na segunda volta, onde Jair Bolsonaro tenta estabelecer esta como uma característica de funcionamento do partido adversário.

Ao olharmos as publicações a partir da ACD, indica-se que a estratégia discursiva de Bolsonaro, no *Twitter*, é marcada pela busca incessante do estabelecimento de conflitos, estruturados no antagonismo com a esquerda, e no que puder ser associado a esta, e na ideia do candidato antissistema, que vai implementar uma nova política, e que por conta disso seria perseguido pelos medias e vítima de fakenews. Sua performance discursiva traz características típicas do populismo, como a ideia unidimensional de povo infalível, liderado por ele, e a lógica de uma sociedade dualista dividida entre bons e maus; além de simplificar debates públicos complexos reforçando sentidos comuns e teorias da conspiração.

Ao testarmos as hipóteses pré-definidas verificamos que: a hipótese de que “a campanha de Jair Bolsonaro representou um campo programático e ideológico de extrema-direita, que participou deste processo eleitoral centrando sua atuação em temas morais e defendendo uma agenda econômica ultraliberal” é parcialmente válida já que o discurso de Bolsonaro, em suas publicações de *Twitter*, corresponde ao campo programático da extrema-direita, em tons populistas ou neopopulistas; no entanto, a agenda econômica ultraliberal, ainda que estruturante em seu programa político, não apresenta o mesmo destaque em sua performance discursiva, tendo um papel secundário na estratégia discursiva adotada. Já os temas morais, apesar de não estarem tão explicitamente presentes em publicações, revelam-se no interior do discurso, a partir da estratégia discursiva de busca do conflito permanente.

A hipótese de que, “como tática de sua estratégia discursiva, a campanha de Jair Bolsonaro atuou reforçando a ideia de uma suposta “guerra cultural” contra a esquerda e o comunismo, ampliando a fragmentação da opinião pública, no sentido de deterioração de uma possível esfera pública”, também é parcialmente válida, já que mais que uma questão tática, a suposta “guerra cultural” se estabelece como um elemento estruturante da estratégia discursiva adotada e sobre a fragmentação da opinião pública e deterioramento da esfera pública. Parece-nos mais plausível falar em uma atuação no sentido de atração de um público fragmentado para a constituição de esferas públicas emergentes, pautadas não pela razão argumentativa, mas pela ação emotiva de rejeição daquilo que difere da sua esfera privada, em alguma medida constituindo um processo de privatização e conseqüente deterioramento de uma esfera pública maior.

Já a hipótese de que “a estratégia discursiva da candidatura de Jair Bolsonaro não visa constituir um consenso na sociedade civil a partir do debate e do programa político, mas sim através da imposição da

ideia de uma suposta maioria social em detrimento de minorias” foi validada sem maiores ressalvas, visto que entendemos que o tempo histórico em que ocorre o processo eleitoral converge para o que Gramsci classifica como *interregno*; desta forma o campo ideológico representado por Bolsonaro não atua no sentido de construção de um consenso legitimador, mas na capacidade de se impor como setor dirigente da sociedade, além de que a estratégia discursiva centrada na busca do conflito permanente perpassa por uma performance discursiva populista, na direção da construção de uma ideia de povo unidimensional infalível (representada na ideia de maioria), que deve se impor contra aqueles que a contestam (representada nas minorias).

Ressalta-se que, dentro da estratégia de se representar como uma candidatura antissistema, Bolsonaro se desloca do processo de homogeneização do discurso político entre as candidaturas presidenciais brasileiras, marcada pela segmentação, docilização e estetização: o candidato, busca retomar a unidade abstrata de povo em vez de, majoritariamente, direcionar o seu discurso para segmentos específicos; a performance de Bolsonaro, ao buscar o conflito permanentemente, é oposta da que se poderia visualizar em um discurso docilizado, e mesmo considerando o deslocamento da docilização à agressividade, já notada na eleições de 2014, diferencia-se por esta ser explícita em sua conta oficial de *Twitter*, assumindo a agressividade como característica do próprio discurso. A estetização praticada no discurso de Bolsonaro também é atípica do que se padronizou como estética do discurso político brasileiro no século XXI, sem se preocupar com polidez, expressando abertamente a violência e utilizando-se de xingamentos e deboches contra os adversários.

Mais do que pressupor este estudo como um desfecho, consideramos que é uma porta de entrada para novas pesquisas que permitam observar as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro e do campo político que representa, a partir de novos ângulos e recortes. Nota-se ainda a necessidade de aprofundar as discussões em torno da configuração da esfera pública contemporânea e da compreensão do sentido da disputa de hegemonia na sociedade civil a partir da disputa dos interesses de classes, bem como a atuação dos sujeitos políticos na ambiência das redes sociais online, a partir da realidade brasileira.

Se não conseguimos aqui trazer respostas definitivas para os complexos temas que tratamos, esperamos que este estudo sirva como um contributo para a compreensão do discurso de Jair Bolsonaro e da extrema-direita brasileira, em uma perspectiva crítica para além da formalidade linguística, mas tendo em vista o seu contexto socio-histórico, ideológico e da própria constituição de um sujeito discursivo, fornecendo subsídios válidos para a percepção dos aspectos que norteiam a sociedade contemporânea e suas contradições.



## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Jorge (1999), “Mídia, Opinião Pública ativa e Esfera Pública democrática”, comunicação apresentada no *IV Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación*, no âmbito do GT de Comunicación, Médios de Difusión y Política, ALAIC, 1998, Recife
- Alonso, Angela (2017); “A política das ruas – Protestos em São Paulo de Dilma a Temer”, *Novos Estudos*, (online), Especial: 49-88
- Amadeu da Silveira, Sergio (2015), “Interações públicas, censura privada: o caso do Facebook” *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, (Online), 22( )
- Amaral, Marina (2015); “A nova roupa da direita”, (online), Agência Pública, consultado em 23.09.2019. Disponível em <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>
- Ames, Barry e Lucio Renó (2014); “PT no purgatório: ambivalência eleitoral no primeiro turno das eleições presidenciais de 2010”, *Opinião Pública*, (online), 20 (1)
- Anderson, Perry (2016) “A Crise no Brasil”, (Online), Blog da Boitempo, consultado em 23.09.2019. Disponível em <https://oppceufc.files.wordpress.com/2016/04/perry-anderson-crise-brasil-boitempo-abril-2016.pdf>
- Andreolla, Ana Paula (2018), “ ‘Brasil caminha para se tornar refém do sistema prisional’, diz Jungmann”, <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/07/20/brasil-caminha-para-se-tornar-refem-do-sistema-prisional-diz-jungmann.shtml> consultado em 08/08/2019
- Azevedo *et. al* (2018), “Jair Bolsonaro afirma que não a debates no segundo turno”, <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/jair-bolsonaro-afirma-que-nao-vai-a-debates-no-segundo-turno.shtml> consultado em 15/08/2019
- Bach, Maurizio (2011), “Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber”, *Sociologia & Antropologia*, (Online), 01 (01): 51-70
- Bakhtin, M.M (2008), *Problemas da poética de Dostoiévski*, 4ed, Forense Universitária, Rio de Janeiro *apud* Brait, Beth (2012), “Construção Coletiva da perspectiva dialógica – história e alcance metodológico”, Roseli Figaro (Org); *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo, Editora Contexto
- Barros, Thiago Henrique Bragato (2015); “Por uma teoria do discurso: reconsiderações histórico-conceituais”, em Thiago Henrique Bragato Barros *Uma trajetória arquivista a partir da análise do discurso: inflexões histórico-conceituais* (online). São Paulo, Editora Unesp; São Paulo, Cultura Acadêmica, pp 27-71
- Bastos, P.P.Z. (2017), “Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia”, *Rev.Econ.Contemp.*, (online), núm. esp.: 1-63
- Benetti, Marcia (2010); *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos Em LAGO*, Cláudia e Márcia Benetti (Orgs.); *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, Petrópolis, Vozes (3ed)
- Benvenuto, Jayme (2015); “Universalismo, relativismo e direitos humanos: uma revisita contingente”, *Lua Nova*, (online), n 94, São Paulo
- Bergamo, Monica (2018), “Assessor econômico de Bolsonaro que recriar imposto nos moldes da CPMF”, <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/09/assessor-economico-de-bolsonaro-quer-recriar-imposto-nos-moldes-da-cpmf.shtml>, consultado em 07/08/2019
- Bilenky, Thais (2018) “ ‘A covardia é dele de desrespeitar mulheres, negros e pobres’, diz Alckmin em resposta a Bolsonaro”, <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/a-covardia-e-dele-de-desrespeitar-mulheres-negros-e-pobres-diz-alckmin-em-resposta-a-bolsonaro.shtml>, consultado em 09/08/2019

- Bobbio, Noberto (1995), *Direita e Esquerda – Razões e significados de uma distinção política*, Lisboa, Editorial Presença
- Boito Jr, Armando (2003), “Hegemonia neoliberal no governo Lula”, *Revista Crítica Marxista*, (online), n.17, Rio de Janeiro, Editora Revan
- Boito Jr., Armando (2013), “O lulismo é um tipo de Bonapartismo? Uma crítica às teses de André Singer”, *Revista Crítica Marxista*, (online) n.37, Rio de Janeiro, Editora Revan
- Braga, Ruy (2016), “O fim do Lulismo”, em Ivana Jinkings *et.al* (Orgs) *Porque gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise*, São Paulo, Boitempo, 1ed [recurso eletrônico]
- Bragon, Ranier (2018), “Autor de atentado a Bolsonaro foi filiado ao PSOL e divulgou ida a escola de tiro”, <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/suspeito-de-esfaquear-bolsonaro-foi-filiado-ao-psol.shtml>, consultado em 15/08/2019 às 19h:01min)
- Brait, Beth (2012), “Construção Coletiva da perspectiva dialógica – história e alcance metodológico”, em Roseli Figaro (Org), *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo, Editora Contexto
- Brandão, Helena Negamine (2012); “Conceitos e Fundamento - enunciação e Construção dos sentidos”, em Roseli Figaro (Org), *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo, Editora Contexto
- Brittes, Juçara Gorski (2007), *A revitalização da esfera pública Habermasiana pela comunicação ciberespacial*, (Online), Covilhã, Biblioteca On Line da Ciências da Comunicação BOCC-UBI
- Cardim, Carlos Henrique (2007), “Esquerda e Direita ainda significam algo? Uma perspectiva da América Latina”, em João Carlos Espada *et.al* (Org), *Direita e Esquerda? Divisões Ideológicas no século XXI*, Lisboa, Universidade Católica Editora
- Cardoso, Gustavo e Branco di Fatima (2013), *Movimento em rede e protestos no Brasil: qual gigante acordou?*, Rio de Janeiro, ECO/UFRJ
- Cardoso, Gustavo, Branco Di Fatima, Tiago Lapa (2016); “People Are the Message? Social Mobilization and Social Media in Brazil”, (online), *International Journal of Communication*, 10
- Caregnato, Rita Catalina Aquino e Regina Mutti (2006); “Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo”, *Texto Contexto Eferm*, (online), out-dez 15(4), Florianópolis
- Carvalho, Olavo (2013); “Guerras Culturais”, em Felipe Moura Brasil (Org) *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* [recurso eletrônico], Rio de Janeiro, Record 2013.
- Castro, José Roberto (2018), “ Qual foi a gravidade da recessão no Brasil e qual a força recuperação” <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/02/06/Qual-foi-a-gravidade-da-recess%C3%A3o-no-Brasil-e-qual-a-for%C3%A7a-da-recupera%C3%A7%C3%A3o>, consultado em 21/08/19
- Cavalcanti, Bernardo Margulies e Carlos Magno Spricigo Venerio (2017); “Uma ponte para o futuro? Reflexões sobre a plataforma política do governo Temer”, *Revista de Informação Legislativa: RIL*, (online) v. 54, n. 215, p. 139-162, jul./set.
- Charaudeau, Patrick (2010), “O Discurso propagandista: uma tipologia”, em Ida Lúcia Machado e Renato de Mello (Orgs) *Análises do discurso hoje*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira
- Chauí, Marilena (2016); “A nova classe trabalhadora brasileira e ascensão do conservadorismo”, em Ivana Jinkings *et.al* (Orgs) *Porque gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise*, São Paulo, Boitempo, 1ed [recurso eletrônico]

- Chiari, Geovana e Vanice Sargentini (2017), “Da docilização à agressividade: os insultos em campanha eleitoral” em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil; espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado de Letras
- Ciotta, Rita (2017), Introdução em Antonio Gramsci, *A cultura, os Subalternos, a Educação*, Edições Colibri, Lisboa
- Cunha, Joaci S. (2017), “Governo Temer: relações do agronegócio com o capital especulativo financeiro e impactos sobre os camponeses”, *Cadernos do CEAS: Revista Crítica de humanidades*, (Online), n. 241:301-326, mai./ago.
- Di Fanti, Maria da Glória e Helena Nagamine Brandão (2017); “Discurso, atividades e produção de sentidos: perspectivas teóricas e práticas”, em Maria da Glória Di Fanti e Helena Nagamine Brandão (Orgs.), *Discurso: Tessituras de linguagem e trabalho*, São Paulo, Cortez
- Dias, Marcia Ribeiro (2015); “Saindo do armário: a identificação da disputa política-ideológica no diálogo da campanha presidencial brasileira de 2014”, comunicação apresentada no *VI Congresso Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política (Compolitica)*, PUC-RJ, 22 – 24 de abril de 2015, Rio de Janeiro
- Dweck, Esther e Rodrigo Alves Teixeira (2017); “A política fiscal do governo Dilma e a crise econômica”, *Texto para Discussão*, (online), Unicamp. IE, Campinas, n. 303, jun
- Eco, Umberto (1998); *O fascismo eterno*, em Umberto Eco; *Cinco escritos morais*, Rio de Janeiro, Editora Record
- Fiorin, José Luiz (2012); “Organização linguística do discurso – enunciação e comunicação”, em Roseli Figaro (Org); *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo, Editora Contexto
- Firmino, Gustavo Casasanta (2016), *Conservadorismo liberal e classes médias: uma análise do “Vem Pra Rua” e do “Movimento Brasil Livre”*, Bauru, Canal6editora
- Gallego, Esther Solano *et.al* (2017), “ ‘Guerras culturais’ e ‘populismo anti-petista’ nas ruas de 2017”, *Notas*, n10
- Gaspar, Almudena Barragán (2019) “Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro”, [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547\\_146583.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html), consultado em 15/08/2019
- Gomes, K. P. F. (2017), *Comunicação e resistência na cibercultura: movimentos net-ativistas e as controvérsias do Movimento Brasil Livre*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia
- Goulart Murilo C. e Jefferson O. Soares, “O impeachment de Dilma Rousseff como evento mediático” em Carlo José Napolitano *et.al* (Orgs), *Comunicação e cidadania política*, São Paulo, Cultura Acadêmica
- Gramsci, Antonio (2017), *A cultura, os Subalternos, a Educação*, Edições Colibri, Lisboa
- Grespan, Carla Lisboa e Silvana Vilodre Goellner (2011); “ ‘Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual’: Sexualidade, educação e a potência do discurso heteronormativo”, *Revista FACED*, (online), n.19, Salvador
- Griffin, Roger (2007), “Plus ça change! El pedigrí fascista de la nueva derecha”, em Miguel Angel Simón (Org), *La extrema Derecha em Europa desde 1945 a nuestros días*, Madrid, Editorial Tecnos
- Guedes, Élica Neiva (2010), *Espaço público contemporâneo: pluralidade de vozes e interesses*, (Online), Covilhã, Biblioteca On Line da Ciências da Comunicação BOCC-UBI
- Gurgel, *et.al* (2016); Bolsonaro Zueiro 3.0: um estudo sobre novas articulações do discurso da direita brasileira através das redes sociais, *Revista Anagrama*, (online), São Paulo
- Habermas, Jürgen ([1962]1984), *Mudança estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro *apud* Rüdiger (2010), Francisco; “A escola de Frankfurt”, em Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França (Orgs), *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*, 9 ed, Petrópolis, RJ, Vozes

- Habermas, Jürgen (1984), *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro
- Herscovitz, Heloisa Golbspan (2010); “Análise de conteúdo em jornalismo”, Cláudia Lago e Márcia Benetti (Orgs.); *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, Petrópolis, Vozes, 3ed.
- Hobsbawn, Eric J. (1995), *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*, São Paulo, Companhia das Letras
- Honório, Cecília (2018), “Populismo: esquerda, direita e demoliberalismo”, em Cecília Honório (Org), *Os espectros dos Populismos: Ensaios políticos e historiográficos*, Lisboa, Tinta da China
- Jovchelovitch, Sandra (2000), *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos do Brasil*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes
- Liebel, Vinícius (2017), “Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das greves de 1917 na Alemanha”, *Revista Brasileira de História*, (Online), v37(76)
- Lima, Gercina Ângela Borém (2007), “Categorização como um processo cognitivo”, *Ciência & Cognição*, (Online), vol11, 156-167
- Lima, Venício A. de (2013), “Mídia, rebeldia urbana e crise de representação” em Hermínia Maricato *et.al* (orgs), *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 1ed.
- Louçã, Francisco (2018), “A maldição populista na bola de cristal do século XXI”, em Cecília Honório (Org), *Os espectros dos Populismos: Ensaios políticos e historiográficos*, Lisboa, Tinta da China
- Macedo, Isabella (2018), “Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro” <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/> consultado em 15/08/2019
- Maia, Jayane dos Santos (2016); “Os Tucanos no governo de São Paulo: o peso dos indicadores socioeconômicos municipais no voto em Geraldo Alckmin nas eleições de 2002, 2010 e 2014”, *Política & Sociedade* (online) – Florianópolis, Vol.15, nº34, set/dez
- Manzano, Luciana Carmona Garcia (2017), “Horário gratuito de propaganda eleitoral: sedução e emoção na TV”, em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado das Letras
- Marés, Chico *et.al* (2018) “No SBT, Bolsonaro erra ao comentar plano de governo de Haddad e Código Penal”, <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/16/bolsonaro-sbt-entrevista/>, consultado em 13/08/2019
- Marques, Rosa Maria e MENDES Áquila (2007), “Servindo a dois senhores: políticas sociais no governo Lula”, *Revista Katál, Florianópolis*, (online), v.10, n.1 p.15-23, jan./jun,
- Mattelart, Armand e Michèle Mattelart (2012), *História das teorias da comunicação*, São Paulo, Edições Loyola
- Moraes, Denis de (2010); “Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: contribuição teórica de Gramsci”, *Revista Debates*, (Online), v.4 (1): 54-77
- Morais e Saad-Filho (2011), “Da economia política à política econômica: o novo desenvolvimentismo e o governo Lula”, *Revista de Economia Política*, vol . 31, nº 4 (124), pp .507-527, outubro-dezembro
- MOVIMENTO PASSE LIVRE – São Paulo (2013); “Não Começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”, em Hermínia Maricato *et.al* (orgs), *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 1ed.
- Müller, Jean-Werner (2017), *O que é o populismo?*, Alfregide, Texto Editores

- Nascimento, Leonardo *et.al* (2018), “ ‘Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer’: 30 anos (1987 – 2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais Brasileiros”, *Plural*, (Online), 25(1), 135-171, São Paulo
- Nervo, Alexandre Antônio (2014), “O (neo) populismo como estratégia de comunicação política”, *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, (online), São Carlos
- Paiva, Raquel (2001); “Minorias Flutuantes – novos aspectos da contra-hegemonia”, comunicação apresentada no *XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Intercom, de 3 a 7 de Setembro de 2001, Campo Grande
- Pasquale, Frank (2017), “A esfera pública automatizada”, *Libero*, (Online), Ano XX (39)
- Paulini, Leda Maria (2016); “Uma ponte para o abismo”, em Ivana Jinkings *et.al* (Orgs) *Porque gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise*, São Paulo, Boitempo, 1ed [recurso eletrônico]
- Pêcheux, M. (1988), *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Campinas, Editora Unicamp, *apud* Brandão Helena Negamine; “Conceitos e Fundamento - enunciação e Construção dos sentidos”, em Roseli Figaro (Org); *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo, Editora Contexto
- Pinheiro-Machado, Rosana e Lucia Mury Scalco (2018), “Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista”, em Esther Solano Gallego (Org), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*, São Paulo, Boitempo, 1ed. [recurso eletrônico]
- Piovezani, Carlos (2017a); “O discurso político eleitoral: que é e como funciona?”, em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado de Letras
- Piovezani, Carlos (2017b), “Sentido da voz no discurso político eleitoral transmitido pela TV”, em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado das Letras
- Pires, Livia Falconi (2017); “A política se renova? O discurso político no Twitter”, em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado de Letras
- Pochmann, Marcio (2011), “Políticas sociais e padrões de mudanças no Brasil durante o governo Lula”, *SER Social*, (online) Brasília, v. 13, n. 28, p. 12-40, jan./jun
- Renó, Luciano R (2006).; “Escândalos e votos: as eleições brasileiras de 2006”, *Opinião Pública*, (online), vol. 13, nº2, p.260 – 282, novembro
- Rocha, Décio e Bruno Deusdará (2017); “Discurso e Análise de Conteúdo”, em Maria da Glória Di Fanti e Helena Nagamine Brandão (Orgs.), *Discurso: Tessituras de linguagem e trabalho*, São Paulo, Cortez
- Rosas, Fernando (2018), “Fascismo e Populismo: elementos para uma revisão histórica”, em Cecília Honório (Org), *Os espectros dos Populismos: Ensaios políticos e historiográficos*, Lisboa, Tinta da China
- Rosas, Fernando (2019), *Salazar e os Fascismo. Ensaio breve de história comparada*, Lisboa, Tinta da China
- Rossi, Marina (2018), “Haddad recua da proposta de constituinte e PT tenta ganhar terreno nas redes”, [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/09/politica/1539048059\\_013174.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/09/politica/1539048059_013174.html) consultado em 13/08/2019
- Rüdiger (2001), Francisco; “A escola de Frankfurt”, em Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França (Orgs), *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*, 9 ed, Petrópolis, RJ, Vozes
- Sá, Alexandre Franco de (2016), “Direita e esquerda: entre a crítica e a hegemonia”, em Riccardo Marchi (Org), *As direitas na democracia portuguesa*, Alfragide, Texto Editores
- Sakamoto, Leonardo (2013), “Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas” em Hermínia Maricato *et.al* (orgs), *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 1ed.

- Sargentini, Vanice (2017b); “O discurso político sob a ordem discursiva das redes sociais”, em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil; espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado de Letras
- Sargentini, Vanice; (2017a), “Mutações do discurso político: segmentação, docilização e estetização”, em Vanice Sargentini (Org), *Mutações do discurso político no Brasil; espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*, Campinas, Mercado de Letras
- Seabra, Catia e Marina Dias (2018), “Haddad Tira Lula e reduz vermelho de material de campanha”, <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/haddad-tira-lula-e-reduz-vermelho-de-material-de-campanha.shtml>, consultado em 13/08/2019
- Seffner, Fernando (2016), “Atravessamento de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas”, comunicação apresentada na *Reunião Científica Regional da ANPED*, Eixo 18 – Gênero, Sexualidade e Educação, UFPR, 24 a 27 de julho de 2016, Curitiba
- Serra, J.Paulo (2007), *Manual de teoria da comunicação*, Livros Labcom, Universidade Beira do Interior
- Seto, Guilherme e Talita Fernandes (2018), “Bolsonaro e aliados correm para entender e explicar a nova CPMF de Paulo Guedes” <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-e-aliados-correm-para-entender-e-explicar-nova-cpmf-de-paulo-guedes.shtml>, consultado em 07/08/2019
- Sem autor (2018a), “Presidenciáveis condenam atentado contra Jair Bolsonaro”, <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45439686>, consultado em 14/08/2019
- Sem autor (2018b), “Bolsonaro recusa pacto com Haddad contra notícias falsas”, <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-recusa-pacto-com-haddad-contr-not%C3%ADcias-falsas/a-45812438>, consultado em 15/08/2019
- Silva, Jonathan Chasko e Alcemar Dionet Araujo (2017); “Metodologia de pesquisa em análise do discurso”, *Grau Zero – Revista de Crítica Cultural*, (online), v.5, n.1
- Singer, Andre Vitor (2002); *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*, São Paulo, Editora Universidade de São Paulo
- Singer, Andre Vitor (2009); “As raízes sociais e ideológicas do Lulismo”, (online), *Novos Estudos*, n85, pp.83-102, CEBRAP, São Paulo, Novembro
- Sousa, Jorge Pedro (2006), *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*, 2 ed revista e ampliada, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa
- Steinberger, Margarethe Born (2005); *Discurso geopolítico da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo, Cortez
- Taguieff, Pierre André (2007); “Interpretar la ola populista em la Europa contemporânea: entre la ressurgência y emergência”, em Miguel Angel Simón (Org), *La extrema Derecha em Europa desde 1945 a nuestros días*, Madrid, Editorial Tecnos
- Teles, Edson (2018), “A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção”, em Esther Solano Gallego (Org), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*, São Paulo, Boitempo, 1ed. [recurso eletrônico]
- Thompson, John B. (2008), “A nova visibilidade”, *Matrizes*,(Online), vol.1(2): 15-38
- Vavreck (2009), Lynn; *The message matters: the economy and presidential campaigns*, Princeton University Press, Princeton
- Woldenberg, José (2013), “Aproximaciones y reintegros: La democracia tensionada”, *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, (Online), ano LVIII (217)

## FONTES

- ADVFN (2019), “Indicadores da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua” <https://br.advfn.com/indicadores/pnad>, consultado em 21/08/2019
- BNDES (2019), “Perguntas e respostas sobre o nosso apoio à exportação”, sítio virtual do BNDES, <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia/consulta-operacoes-bndes/perguntas-respostas/perguntas-respostas-sobre-apoio-a-exportacao>, consultado em 04/08/19
- CNJ (2018) “BNMP 2.0 revela o perfil da população carcerária brasileira” <https://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/87316-bnmp-2-0-revela-o-perfil-da-populacao-carceraria-brasileira>, consultado em 25/09/2019
- CNMP (2018), “Sistematização dos Relatórios de 2018 do Conselho Nacional do Ministério Público”, <http://www.cnmp.mp.br/portal/relatoriosbi/sistema-prisional-em-numeros>, consultado em 08/08/2019
- Coligação Brasil acima de tudo, Deus acima de todos – PSL/PRTB (2018), “Caminho da Prosperidade – proposta de plano de governo”
- Datafolha (2018), “Reprovação a Temer é recorde” <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971539-reprovacao-a-temer-e-recorde.shtml>, consultado em 21/08/2019)
- IBGE (2019), “Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação” <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>, consultado em 21/08/2019
- IPRI (2019), “As 15 maiores economias do mundo” <http://www.funag.gov.br/ipri/index.php/o-ipri/47-estatisticas/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>, consultado em 21/08/2019
- Portal da Transparência (2018), “Educação”, <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/12-educacao?ano=2018>, consultado em 12/08/2019
- Senado Federal (2019), “CPMF”, Sítio Virtual Oficial do Senado Federal, <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cpmf>, consultado em 07/08/2019
- Sítio Virtual Oficial de Campanha da Coligação Brasil acima de tudo, Deus acima de todos – PSL/PRTB (2018) [www.jairbolsonaro17.com.br](http://www.jairbolsonaro17.com.br) consultado em 04/10/2018)

## ANEXOS

### ANEXO A

**QUADRO 4.1: IDENTIFICAÇÃO EM TIPOS TEMÁTICOS DAS PUBLICAÇÕES REALIZADAS NA PRIMEIRA VOLTA**

Tipo temático	Número de publicações
Temas económicos e relacionados à gestão do Estado	57
Temas morais e conflituais	157
Temas aleatórios	222

### ANEXO B

**QUADRO 4.2: PERCENTUAL PROPORCIONAL DE PUBLICAÇÕES ENTRE TIPOS TEMÁTICOS PRIORITÁRIOS NA PRIMEIRA VOLTA**

Tipo Temático	Número de Publicações	Percentual Proporcional
Temas económicos e relacionados à gestão do Estado	57	26,63%
Temas morais e socialmente conflituais	157	73,36%

### ANEXO C

**QUADRO 4.3: IDENTIFICAÇÃO EM TIPOS TEMÁTICOS DAS PUBLICAÇÕES REALIZADAS NA SEGUNDA VOLTA**

Tipo temático	Número de publicações
Temas económicos e relacionados à gestão do Estado	62
Temas morais e conflituais	144
Temas aleatórios	154



## ANEXO D

**QUADRO 4.4: PERCENTUAL PROPORCIONAL DE PUBLICAÇÕES ENTRE TIPOS TEMÁTICOS PRIORITÁRIOS NA SEGUNDA VOLTA**

Tipo temático	Número de publicações	Percentual Proporcional
Temas económicos e relacionados à gestão do Estado	62	30,09%
Temas morais e conflituais	144	69,90%

## ANEXO E

**QUADRO 4.5: MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO” – PRIMEIRA VOLTA**

<b>Microtipos temáticos em “temas económicos e relacionados a gestão do Estado” – primeira volta</b>		
Microtipo temático	Número de publicações	Percentual proporcional
Política externa	10	17,54%
Desenvolvimento Económico	16	28,07%
Infraestrutura e sustentabilidade	4	7,01%
Política social e geração de renda	5	8,77%
Saúde	1	1,75%
Segurança	2	3,50%
Governabilidade e combate a corrupção	3	5,26%
Cultura	3	5,26%
Educação	10	17,54%
Temas Múltiplos	3	3,26%

## ANEXO F

**QUADRO 4.6: MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO” – SEGUNDA VOLTA**

<b>Microtipos temáticos em “temas económicos e relacionados a gestão do Estado” – segunda volta</b>		
Microtipo temático	Número de publicações	Percentual proporcional
Política externa	6	9,67%
Desenvolvimento Económico	11	17,74%
Infraestrutura e sustentabilidade	4	6,45%
Política social e geração de renda	2	3,22%
Saúde	2	3,22%
Segurança	9	14,51%
Governabilidade e combate a corrupção	10	16,12%
Cultura	0	0
Educação	8	12,90%
Temas Múltiplos	10	16,12%

**ANEXO G**

**QUADRO 4.7: MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” – PRIMEIRA VOLTA**

<b>Microtipos temáticos em “temas conflituais e morais” – Primeira Volta</b>		
Microtipo temático	Número de Publicações	Percentual proporcional
Esquerda e guerra cultural	18 publicações	11,46%
Religião	5 publicações	3,18%
Medo e violência	7 publicações	4,45%
Nacionalismo	7 publicações	4,45%
Militarismo	7 publicações	4,45%
Nova política e antiestablishment	47 publicações	29,93%
Atentado	20 publicações	12,73%

Fakenews e críticas aos medias	21 publicações	13,37%
Corrupção	8 publicações	5,09%
Temas identitários e morais	9 publicações	5,73%
Direita e liberalismo	2 publicações	1,27%
Vida pessoal	6 publicações	3,82%

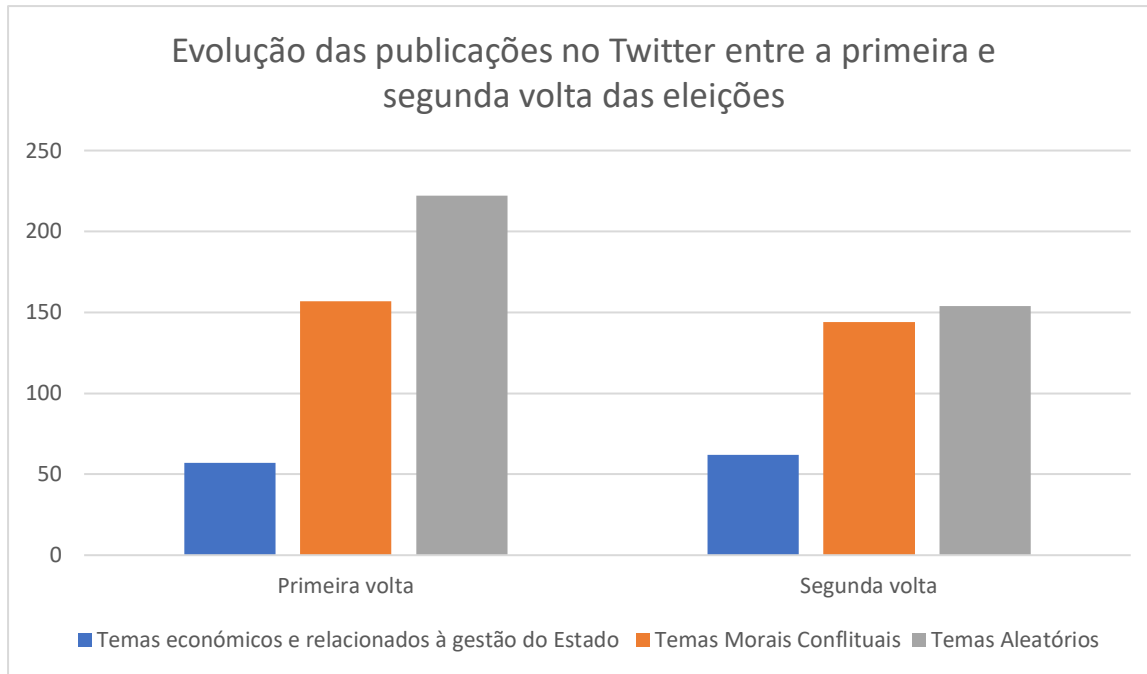
## ANEXO H

### QUADRO 4.8: MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” – SEGUNDA VOLTA

Microtipos temáticos em “temas conflituais e morais” – Segunda Volta		
Microtipo temático	Número de Publicações	Percentual proporcional
Esquerda e guerra cultural	22 publicações	15,27%
Religião	2 publicações	1,38%
Medo e violência	2 publicações	1,38%
Nacionalismo	5 publicações	3,47%
Militarismo	3 publicações	2,08%
Nova política e antiestablishment	18 publicações	12,50%
Atentado	6 publicações	4,16%
Fakenews e críticas aos medias	47 publicações	32,63%
Corrupção	29 publicações	20,13%
Temas identitários e morais	7 publicações	4,86%
Direita e liberalismo	3 publicações	2,08%
Vida pessoal	0 publicações	0,0%

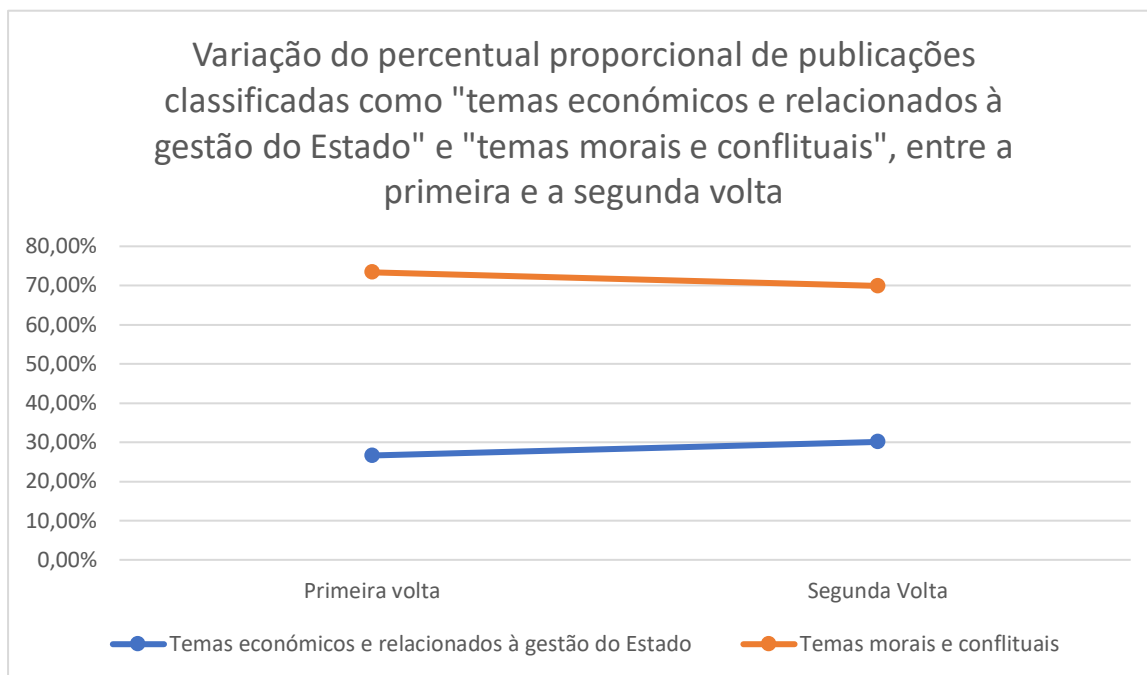
## ANEXO I

### FIGURA 4.1: EVOLUÇÃO DAS PUBLICAÇÕES NO TWITTER ENTRE A PRIMEIRA E SEGUNDA VOLTA DAS ELEIÇÕES



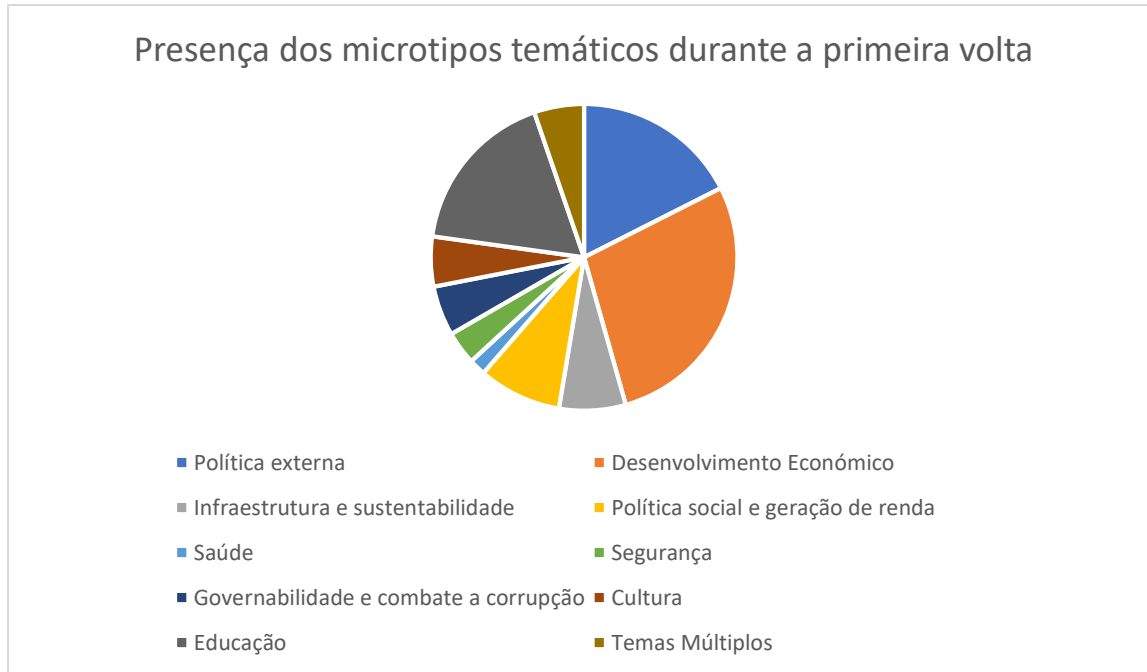
## ANEXO J

**FIGURA 4.2: VARIAÇÃO DO PERCENTUAL PROPORCIONAL DE PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO "TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS À GESTÃO DO ESTADO" E "TEMAS MORAIS E CONFLITUAIS", ENTRE A PRIMEIRA E A SEGUNDA VOLTA**



## ANEXO L

**FIGURA 4.3: PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS DURANTE A PRIMEIRA VOLTA**



## ANEXO M

**FIGURA 4.4: PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS DURANTE A SEGUNDA VOLTA**

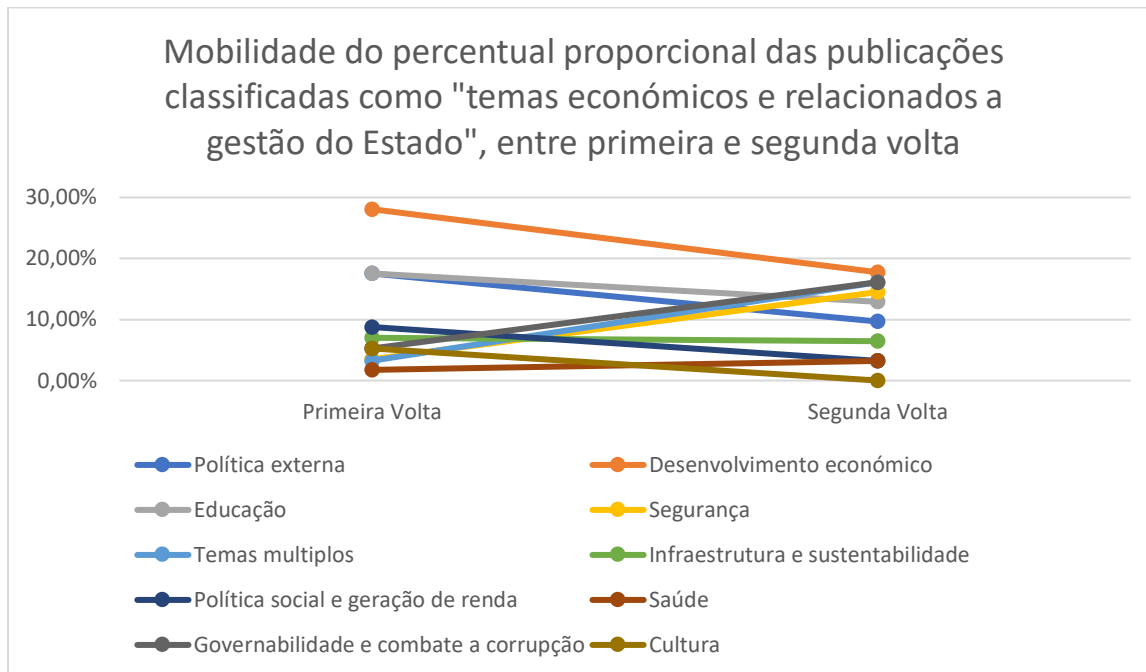
### Presença dos microtipos temáticos durante a segunda volta



- Política externa
- Desenvolvimento Económico
- Infraestrutura e sustentabilidade
- Política social e geração de renda
- Saúde
- Segurança
- Governabilidade e combate a corrupção
- Cultura
- Educação
- Temas Múltiplos

### ANEXO N

**FIGURA 4.5: MOBILIDADE DO PERCENTUAL PROPORCIONAL DAS PUBLICAÇÕES CLASSIFICADAS COMO "TEMAS ECONÓMICOS E RELACIONADOS A GESTÃO DO ESTADO", ENTRE PRIMEIRA E SEGUNDA VOLTA**



### ANEXO O

**FIGURA 4.6: PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” NA PRIMEIRA VOLTA**



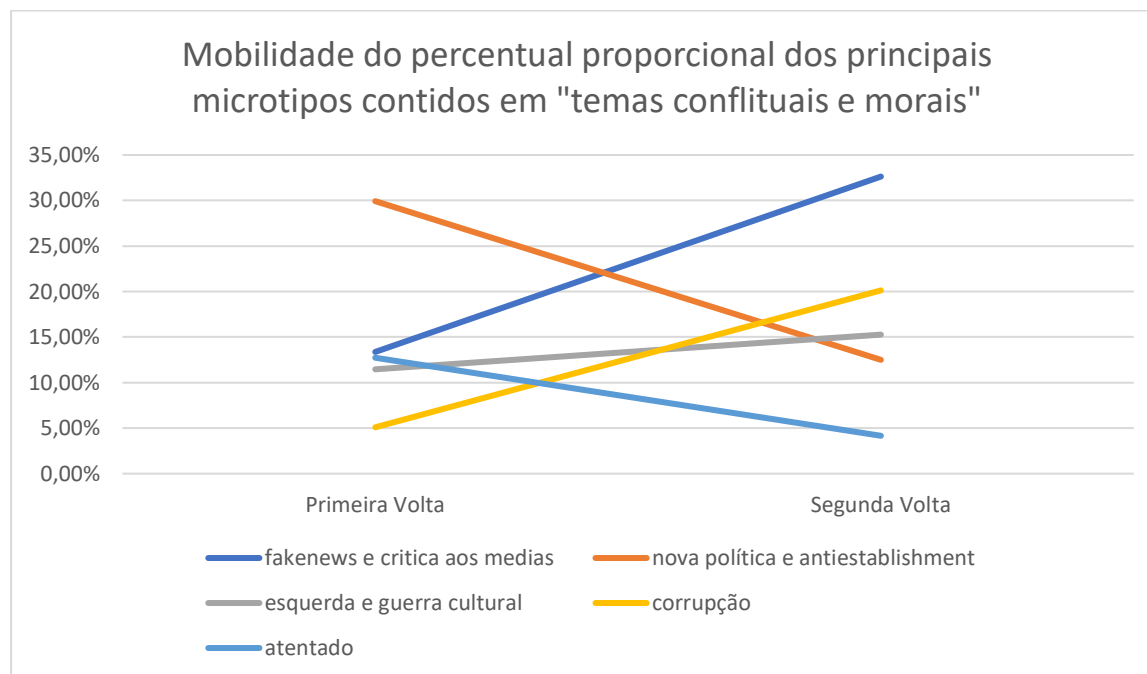
**ANEXO P**

**FIGURA 4.7: PRESENÇA DOS MICROTIPOS TEMÁTICOS EM “TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS” NA SEGUNDA VOLTA**



## ANEXO Q

**FIGURA 4.8: MOBILIDADE DO PERCENTUAL PROPORCIONAL DOS PRINCIPAIS MICROTIPOS CONTIDOS EM "TEMAS CONFLITUAIS E MORAIS"**



## ANEXO R

### TEASER TELEVISIVO "BOLSONARO EM 30 SEGUNDOS"

<https://www.youtube.com/watch?v=Xb4heiOza4Q>, última consulta em 25/09/2019 às 12h:37 min

## ANEXO S

### CONHEÇA BOLSONARO – BIOGRAFIA – 04/10/2018, RETIRADO DO SÍTIO VIRTUAL JAIRBOLSONARO17.COM.BR

Você já deve ter ouvido muitas coisas sobre Jair Bolsonaro. Talvez, tenha lido sobre quem ele não é.

Queremos, aqui, apresentar o verdadeiro Jair Messias Bolsonaro.

Nascido em Campinas em 21 de março de 1955, Jair Bolsonaro é filho de Perci Geraldo Bolsonaro e de Olinda Bonturi Bolsonaro. Casado com Michelle, com quem teve sua filha caçula, chamada Laura, é também pai de Flávio, Eduardo, Carlos e Renan.

[Saiba mais sobre a Família Bolsonaro aqui.](#)

Hoje candidato à Presidência da República pelo [Partido Social Liberal \(PSL\)](#), Jair Bolsonaro tem uma trajetória política bem-sucedida. Eleito vereador do Rio de Janeiro em 1988, exerceu, na sequência, sete mandatos na Câmara dos Deputados. Nas últimas eleições, em 2014, ele foi o deputado mais votado do



Estado do Rio, com 464.565 votos. Em 2017, Jair Bolsonaro foi considerado pelo instituto FSB Pesquisa o parlamentar mais influente nas redes sociais.

Em seus mandatos parlamentares, Jair Bolsonaro se destacou pela luta contra a erotização infantil nas escolas e por um maior rigor disciplinar nas instituições de ensino; pela redução da maioridade penal, pelo armamento do cidadão de bem e pelo direito à legítima defesa; pela segurança jurídica na atuação policial e pelos valores cristãos. Bolsonaro foi, ainda, idealizador do voto impresso que, caso avance, poderá contribuir para a realização de eleições mais confiáveis e passíveis de auditoria.

Antes de ser político, Bolsonaro teve uma carreira militar cheia de conquistas, como o primeiro lugar no curso de Educação Física do Exército. Para saber mais sobre a trajetória de Bolsonaro nas Forças Armadas, [clique aqui](#).

(Caixa de destaque – coluna direita) [Jair Bolsonaro é conhecido por suas posições em defesa da família, da soberania nacional, do direito à propriedade e dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa. Suas bandeiras políticas são fortemente combatidas pelos partidos de ideologia esquerdista.](#)

(Caixa com link para conhecer propostas)

## **ANEXO T**

### **BOLSONARO NO EXERCITO 04/10/2018 – RETIRADO DO SÍTIO VIRTUAL JAIRBOLSONARO17.COM.BR**

Jair Bolsonaro decidiu seguir a carreira militar em 1970, quando teve contato com tropas do Exército que foram a Eldorado atrás de Carlos Lamarca, que havia desertado e passado a comandar ações de guerrilha no Vale do Ribeira. De forma discreta, aos 15 anos, ele participou da caça ao guerrilheiro.

Patriota, Bolsonaro ingressou no curso de formação de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), localizada em Resende (RJ), e no curso de paraquedismo militar na Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro, concluídos em 1977. Em 1983, ele se formou em Educação Física, na Escola de Educação Física do Exército, e tornou-se mestre em saltos, pela Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro.

Na época em que ingressou na AMAN, havia 38 vagas disputadas por 40 mil inscritos. Bolsonaro estudou em uma Academia que oferece sólida formação em ciências exatas, com base de complexidade similar à de um curso de Engenharia. Trata-se de um dos cursos mais concorridos do Brasil, podendo ser comparado ao da West Point, Academia Militar do Exército dos EUA.

Quando Bolsonaro cursou Paraquedismo Militar, havia outros 250 alunos. Apenas 35, entre eles Bolsonaro, o concluíram e se tornaram elite. Depois disso, Bolsonaro ainda conquistou o primeiro lugar em uma turma de 45 alunos, na Escola de Educação Física do Exército, em 1982, e o primeiro lugar no curso de Mergulhador Autônomo, no Grupamento de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, em 1985.

O artigo, que defendia os jovens que ingressavam no Exército, ocasionou sua prisão disciplinar, pois foi considerado infração do regulamento. A punição provocou a reação de oficiais da ativa e da reserva,

inclusive do general Newton Cruz, ex-chefe da agência central do Serviço Nacional de Informações (SNI) no governo João Figueiredo. Bolsonaro recebeu cerca de 150 telegramas de solidariedade das mais variadas regiões do país, além do apoio de oficiais do Instituto Militar de Engenharia (IME) e de mulheres de oficiais, que fizeram uma manifestação em frente ao complexo militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

O clima de descontentamento entre os militares continuou repercutindo. A revista Veja noticiou, entre outras manifestações, um plano denominado “Operação beco sem saída”, que tinha como objetivo “explodir bombas em várias unidades da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras (...) e em vários quartéis”, com cuidado para que não houvesse feridos. A operação, no entanto, só seria executada se o reajuste concedido aos militares pelo governo federal ficasse abaixo de 60% e serviria para “assustar” o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

O plano foi atribuído a Bolsonaro que, na época, cursava a Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), e ao capitão Fábio Passos da Silva. Em junho de 1988, porém, depois de longo processo e comprovação de exames grafotécnicos que isentaram Bolsonaro de ter desenhado tal plano, o Superior Tribunal Militar o inocentou. Nada foi encontrado a fim de desabonar a sua carreira ou idoneidade, tanto que Jair continua sendo, até hoje, Capitão da Reserva do Exército Brasileiro.

## **ANEXO U**

### **CONHEÇA BOLSONARO – FAMÍLIA 04/10/2018 – TEXTO RETIRADO DO SÍTIO VIRTUAL JAIRBOLSONARO17.COM.BR**

Jair Bolsonaro é descendente de imigrantes italianos, que chegaram ao Brasil depois da Segunda Guerra Mundial e se estabeleceram em Campinas, no interior de São Paulo. Terceiro de seis filhos – três meninos e três meninas, Bolsonaro foi criado no Vale do Ribeira, uma das regiões mais pobres do estado. Foi lá que teve o primeiro contato com militares e onde surgiu o interesse por seguir a carreira. [Saiba mais sobre a história de Bolsonaro no Exército aqui.](#)

Hoje, Jair Bolsonaro é casado com Michelle de Paula, com quem teve sua filha caçula, Laura, que tem 7 anos. Eles moram no Rio de Janeiro.

Antes de Laura, Bolsonaro teve quatro filhos, três dos quais também seguem a carreira política. Flávio Bolsonaro, o primeiro, é deputado estadual do Rio de Janeiro e concorre a uma vaga para o Senado; Eduardo Bolsonaro está buscando sua reeleição como deputado federal pelo Estado de São Paulo e Carlos Bolsonaro é vereador da cidade do Rio. O quarto filho é Renan, estudante de Direito que já demonstra interesse em seguir o caminho do pai.

Criados em um ambiente militar e educados sob os valores de seu pai, os filhos, especialmente Flávio, Eduardo e Carlos, demonstram grande disciplina e firmeza de propósitos, defendendo as mesmas bandeiras e mostrando a mesma disposição de Jair Bolsonaro para confrontar os que se opõem aos ideais de uma sociedade mais segura, ética e justa.